

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

**Coletânea
Letras e etc 6**

**Aroldo Magno de Oliveira
(Org./Ed.)**

2021

2021

2021

2021

Niterói – RJ

Revista Querubim 2021 – Ano 17 – Coletânea Letras e etc. 6 – 92p. (julho – 2021)
Rio de Janeiro: Querubim, 2021 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Andre Silva Martins
Elanir França Carvalho
Enéas Farias Tavares
Guilherme Wyllie
Hugo Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luiza Helena Oliveira da Silva
Marcos Pinheiro Barreto
Mayara Ferreira de Farias
Paolo Vittoria
Pedro Alberice da Rocha
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Beatriz Coelho Silva (Totó), Luciana Nascimento e Thais Vinhas – A paisagem cultural da Praça Onze	05
02	Denise Ramos Cardoso – Dialetologia e geossociolinguística em confluência: (re) descobrindo os estudos da linguagem falada	14
03	Isabella de Jesus – Luzes e sombras: os ciganos no Rio de Janeiro da Belle Époque	20
04	Jéssica Leonila – Uma babel de crenças e avessos na crônica de João do Rio	30
05	Laura Ribeiro e Luciana Nascimento – A avenida: os caminhos para a modernidade na virada do século	47
06	Luciana Nascimento, Douglas Marques Luiz e Ricardo Prati Fernandes – Cartografias da Bossa Nova	55
07	Luciana Nascimento e Monique Gomes de Macedo – A cidade do Rio de Janeiro, A Revolta da Vacina e seus desdobramentos na crônica da imprensa periódica	74
08	Pedro Albeirice da Rocha e Karina Carvalho Morais – A experiência do curso reflexões sobre Literatura e Mulher na UFSC – Joinville	87

Apresentação

A Coletânea *Letras e etc* constitui uma iniciativa da Revista Querubim que busca promover um diálogo entre os campos de investigação tanto nos estudos linguísticos quanto nos estudos literários. Um espaço onde o leitor poderá acompanhar os resultados de pesquisas e reflexões sobre a linguagem de modo que possibilite estabelecer relações entre os conteúdos referenciais dos textos produzidos pelos autores da área de Letras para compreender a linguagem e seu funcionamento da forma mais abrangente possível.

Os resultados de pesquisas nas áreas de Linguagem e de Literatura apresentaram (e apresentam) um significativo e extraordinário avanço em nosso país, sobretudo em função dos novos e inusitados desafios deste início do século XXI no campo discursivo quando se leva em consideração a economia, a política, a ideologia, a cultura, os meios de comunicação e as redes sociais. O referido avanço processa e expõe os conflitos sociais, políticos e culturais, e suas origens, do século XX.

Espera-se que neste início de século XXI as áreas em questão possam fornecer possibilidades de superação dos conflitos e das contradições detectadas ao longo do século passado tanto no campo específico de investigação quanto na vida social.

Entendemos que as áreas de pesquisa em ciências humanas/sociais/linguagem/educação se integram no processo de compreensão ininterrupta da relação entre os seres humanos na dinâmica da vida social, o que ressignifica, reorienta e reconfigura práticas sociais no sentido de qualificar a vida e o convívio ente os seres humanos.

A PAISAGEM CULTURAL DA PRAÇA ONZE

Beatriz Coelho Silva (Totó)¹
Luciana Nascimento²
Thais Vinhas³

Resumo

Todas as cidades possuem uma cartografia cultural que vai além da sua planta e é esse substrato que forma o imaginário urbano e esse é o caso da Praça Onze, cujo logradouro deixou de existir na década de 1940, época em que o Rio de Janeiro sofreu uma de suas inúmeras modernizações. E foi nesse espaço onde conviveram imigrantes Judeus e o samba das classes populares, tendo se tornado um “lugar de memória.”

Palavras chave: Cidade; Rio de Janeiro; memória; Praça Onze.

Abstract

All cities have a cultural cartography that goes beyond their plan and it is this substrate that forms the urban imaginary and this is the case of Praça Onze, whose street no longer existed in the 1940s, a time when Rio de Janeiro suffered a of its numerous modernizations. And it was in this space where Jewish immigrants and popular classes samba coexisted, having become a “place of memory.”

Key Words: City; Rio de Janeiro; memory; Praça Onze.

As razões por que a Praça Onze não conseguiu ligar seu destino ao fato histórico que comemora são desconhecidas. O busto do bravo marinheiro Marçílio Dias não foi forte o bastante para vencer uma outra força, a do samba (Jota Efegê. 11 de Junho: a praça do samba, in: Jornal do Brasil, 11/06/1970, p. 4).

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

¹ Beatriz Coelho Silva (Totó) é autora do livro **Negros e Judeus na Praça Onze**. A história que não ficou na memória (2015, Bookstart) e da dissertação **Quando bem da alma de nossa gente: sambas da Praça Onze, letra e música** (2020), apresentada no CES JF. Uma parte relativa à Praça Onze teve por base esses dois trabalhos. Jornalista, foi editora de cadernos de cultura dos jornais **O Globo** e **O Estado de São Paulo**, foi também roteirista da Rede Globo no Programa Vídeo Show.

² Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2003); Docente do Programa Interdisciplinar de Pós- Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

³ Graduada em Jornalismo pela Faculdade Pinheiro Guimarães. Graduada em Letras Português-Latim pela UFRJ. Foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação Artístico-Cultural da Pró-Reitoria de Graduação da UFRJ sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Nascimento.

Introdução

As cidades, reais ou imaginárias, visíveis ou invisíveis, veladas ou reveladas, trazem consigo discursos que as inscrevem e as legitimam. Um passeio por suas paisagens, reais ou representadas em imagens, textos e/ou sons, nos permite observar como os discursos criam identidades e produzem apagamentos ou realce dos lugares⁴, transformando-os em “lugares de memória”⁴. Este é o caso da Praça

Onze, bairro que existiu na região central do Rio de Janeiro. Do passado aristocrático no século XIX, quando ligava São Cristóvão, onde residia a família imperial, ao Paço da Cidade, sede administrativa do governo, tornou-se um bairro popular, a partir da República até 1942, quando foi demolida para a Avenida Presidente Vargas passar, ligando o centro da cidade à Zona Norte. Neste meio século (1889/1942), a Praça Onze recebeu imigrantes pobres, ganhou fama de berço do samba e do carnaval e tornou-se um lugar de memória, mesmo não existindo fisicamente há oito décadas. Este trabalho conta como se deu este processo.



Figura 1. Cartografia da Antiga Praça Onze. Cartografia realizada pelo Geógrafo Luiz Henrique Gusmão. Belém-Pará.

⁴ Expressão de Pierre Nora. Nora apresenta a categoria de “Lugares de Memória” como resposta à necessidade de identificação do indivíduo frente ao que foi apagado. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.” NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 14. 1993.

“Na Praça Onze de Junho, entrei na roda de um samba”⁵

A Praça Onze era um bairro onde iam morar os imigrantes pobres que chegavam ao Rio de Janeiro aos borbotões, na primeira metade do século XX. À época, a então Capital Federal era o maior porto do Hemisfério Sul, com farta oferta de empregos especializados ou não. A região era também conhecida como Pequena África, devido à grande quantidade de descendentes de escravos que lá viviam e ficou famosa como berço do samba que, se não nasceu no bairro, lá se tornou conhecido e divulgado. Hoje é difícil imaginar a configuração da Praça Onze, porque o Rio de Janeiro passou por muitas reformas urbanas, ao longo do século XX. Ia da Passarela do Samba Darcy Ribeiro, o sambódromo, onde as escolas de samba desfilam no carnaval, até o Elevado Paulo de Frontin; da margem direita do Canal do Mangue (lado ímpar da Avenida Presidente Vargas) até as fraldas do maciço da Tijuca. O logradouro Praça 11 de Junho lembrava a Batalha do Riachuelo, marco da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai em 1865. Em torno, havia ruas de traçado regular. As mais movimentadas eram a Senador Eusébio e a Visconde de Inhaúma, que desapareceram com a demolição. Outras ruas desapareceriam nos anos 1980, quando o metrô se estendeu até a Zona Norte e hoje persistem uma ou outra rua ou vila, escondidas pelo sambódromo.

Até o início do século XIX, era uma serventia pouco usada, conhecida como Rocio Pequeno. Em 1808, a família Imperial se instalou na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, e abriu-se uma estrada até o Paço Imperial, sede administrativa do governo, na Rua Primeiro de Março, no centro do Rio de Janeiro. A burguesia carioca, pequena, mas ativa, mudou-se para lá, construindo casarões e granjas distribuídos em ruas de traçado simétrico, num início de planejamento urbano. Era conveniente morar no trajeto usado pela família Imperial e sua corte, exemplos de comportamento a ser copiado. (SILVA, 2015).

Com a expansão dos transportes urbanos na segunda metade do século XIX, a burguesia mudou-se para bairros próximos (Tijuca e Santa Teresa) e para a orla da Baía de Guanabara, movimento acentuado com a instalação do Governo republicano entre os bairros de Laranjeiras e Catete. Com a chegada de imigrantes pobres da Europa, Oriente Médio (então Império Otomano) e do interior do Brasil, os casarões viraram casas de cômodos (também chamados cortiços ou cabeça de porco), geralmente com comércio no andar térreo ou na frente dos imóveis. Os escravos e seus descendentes chegaram a partir da década de 1880, vindos de Minas Gerais, interior do Estado do Rio de Janeiro e Bahia. Os homens buscavam trabalho no porto e as mulheres, em casas de burgueses ou na rua, vendendo comida: doces, salgados e refeições rápidas (SILVA, 2015).

Segundo o Censo de 1906, lá viviam cerca de 200 mil pessoas em cortiços que eram “local de encontro para gente de diferentes raças, ali chegada por vários trajetos que enfrentava e se solidarizava frente às duras condições da vida para o subalterno e o pária na capital” (MOURA, 1995, p.54). Este autor descreve um desses cortiços: 114 cômodos divididos por biombos, alguns com pequenas cozinhas, mas sem banheiros, substituídos por 12 latrinas sem divisória entre elas. Eram moradias insalubres e os governos federal e municipal tinham planos de eliminá-las, tirando sua população da paisagem, para implantar um modelo de cidade europeia, mais especificamente uma Paris tropical.

Ressalte-se que era um modelo sem correspondente à realidade. No início do século XX, a Europa enfrentava graves problemas econômicos, sociais e políticos, que fizeram parte da população emigrar em busca de sobrevivência. (HOBSBAWM, 1994). Havia ainda questões

⁵ Primeiro verso do refrão de **Na Praça Onze**, de Francisco Gonçalves, lançada em 1931, pela gravadora Parlophon, cantada por Teobaldo Marques da Silva

nacionalistas e religiosas que levariam a duas guerras entre 1914 e 1945. Embora outros bairros populares do centro do Rio de Janeiro tenham sido tirados do mapa nas primeiras décadas do século XX, a Praça Onze foi poupada, não se sabe se devido ao poder político dos proprietários dos imóveis que não queriam se privar da renda dos alugueis ou “pela resistência dos moradores que já havia tornado o bairro palco de festas populares como o carnaval, o Natal e Nossa Senhora da Penha, em outubro” (SILVA, 2015, p. 77).

O bairro era pobre, mas animado. Em torno da praça que lhe dava nome, com chafariz, árvores frondosas e bancos “onde os frequentadores ou transeuntes costumavam repousar para se abrigar do calor” (MALAMUD, 1988, p. 19), a circulação era intensa, dia e noite. A proximidade da zona boêmia, no Mangue, onde se apresentavam músicos consagrados, como Sinhô e Benedito Lacerda, e que ficariam famosos depois, como Luiz Gonzaga e Nelson Gonçalves, completava o mosaico: artistas, imigrantes, malandros e trabalhadores, todos se encontravam nos muitos bares espalhados pelo bairro, especialmente ao redor da praça. O Capitólio, o Jeremias e o Praça Onze são os mais citados pelos memorialistas do bairro.

Havia muita festa, especialmente nas casas dos negros, com cerimônias religiosas seguidas de batuque. Eventos que atravessavam dias, promovidos pelas mulheres que exerciam liderança em sua comunidade, por acolherem os recém-chegados e serem o elo entre eles e os poderes constituídos. Eram chamadas de baianas por se vestirem como tal. Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida) era a mais famosa, uma líder comunitária *avant la lettre*, em cuja casa teria sido composto **Pelo Telefone**, considerado o primeiro samba a ser gravado, sucesso do carnaval de 1917. As festas e as mulheres que as promoviam, não eram bem vistas pela imprensa ou pela sociedade que vivia nos bairros nobres. Se filhos da burguesia carioca, como os compositores Heitor Villa-Lobos, Mário Lago ou Noel Rosa (SOIHET, 1998), o escritor e jornalista João do Rio (Paulo Barreto) afirmava, nessas festas, havia, “na atmosfera, um cheiro carregado de azeite de dendê, pimenta da costa e catinga” (BARRETO, 1906, p. 4) e baianas eram “demoníacas e as grandes farsistas da raça preta, as obsedadas e as delirantes” (BARRETO, 1906, p. 06) que viviam histórias envolvendo álcool, mancebia, sangue e morte (BARRETO, 2006).

Ao longo do século XX, historiadores contestaram a impressão de João do Rio, causada pelo fato de que estas mulheres, por serem chefe de suas famílias, responsável pelo sustento de filhos próprios e/ou adotados, trabalhando na rua ou no mercado de serviços domésticos, tinham um comportamento e um modo de pensar mais aberto, “contrastando com as mulheres de outros segmentos sociais, ela se comportava de forma mais desinibida e tinha um linguajar mais solto e maior liberdade de locomoção e iniciativa” (VELLOSO, 1990, p. 217).

O compositor João da Baiana, nascido na Praça Onze, contou que, nas festas, os músicos sérios tocavam na sala, o choro (instrumental) e o samba, com um refrão fixo, cantado por todos, e estrofes improvisadas por versejadores. A voz feminina, mais aguda, era fundamental para a percepção da melodia e da letra, que funcionava como um jornal e uma crônica da vida daquelas pessoas. Segundo o antropólogo colombiano Alejandro Sanmiguel, tais festas não eram exclusividade do Rio. Ocorriam na periferia das metrópoles americanas, habitadas por “marginais, proletários, imigrantes, escravos e libertos” (SANMIGUEL, 1991, p. 58). Esta música híbrida, aproveitada pela indústria cultural (rádio e disco) nas primeiras décadas do século XX é, para Sanmiguel, o traço de modernidade da *belle époque* das Américas, já que os avanços tecnológicos (trem, automóvel e telefone), políticos (voto universal) e sociais (alfabetização para todos) só chegaram a uma pequena elite deste lado do Atlântico. E os movimentos artísticos europeus do início do século XX, aqui foram consumidos por um escasso grupo, caso da Semana de Arte Moderna de 1922.

Esta música híbrida, misturando cantos religiosos com a informação erudita, para consumo de massa, via rádio e disco, se tornou o gênero nacional de cada país: jazz e blues nos Estados Unidos; tango e a milonga na Argentina e Uruguai, salsa e rumba em Cuba, choro e samba no Brasil são os mais conhecidos. O antropólogo Hermano Viana, ressalta a importância do rádio e do disco no processo, mas assinala que o gosto das elites pela música dos ex-escravos vinha de antes. Cita os Oito Batutas, de Pixinguinha, que animavam as festas dos Guinle e os relatos de viajantes contando que as festas brasileiras, desde início do século XIX começavam nos salões e terminavam nos terreiros com batuques dos escravos (VIANA, 1995).

No Brasil, a Revolução de 1930, aproveitou o sucesso popular do samba para seu projeto nacionalista. Liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas, a Revolução de 1930 foi um golpe de Estado contra as oligarquias rurais paulistas e mineiras que dominaram as quatro primeiras décadas da República. O novo país precisava de símbolos nacionais e o samba era a expressão artística ideal. Segundo Viana, para isso, foi preciso inventar-lhe autenticidade e tradição, buscando elementos diversos: um traje de baiana, uma batida específica, num amálgama, já que o samba gravado e pronto para o consumo da massa, é um produto diferente e mais complexo que a simples soma de seus elementos originais.

A Praça Onze tornou-se o celeiro do samba, onde produtores fonográficos e cantores colhiam sucessos. Os sambistas ganhavam dinheiro dos direitos autorais de suas músicas ou das que vendiam, totalmente ou parcialmente, a cantores de sucesso. O bairro tornou-se também tema de canções. A fama tinha base real. João da Baiana, Donga e Heitor dos Prazeres, nascidos no bairro, tinham uma produção musical alentada. Outros, como Noel Rosa, Cartola e Pixinguinha mostravam suas músicas novas nas festas das baianas. Cantores como Carmen Miranda e Moreira da Silva encomendavam sambas sobre o bairro. Além disso, o carnaval popular dos blocos e escolas de samba (que tomavam a forma como os conhecemos hoje) ganhava fama e começava a ter o apoio do poder público (CABRAL, 1996). Segundo a imprensa que cobria o evento, o bairro recebia cerca de 40 mil pessoas por noite, multidão que atravancava a praça e as ruas adjacentes (SILVA, 2015).

Nada disso impediu a demolição do bairro em 1942. Mesmo inexistindo, continuou recorrente na música popular. No site **Musica Brasiliensis**, são enumeradas de 50 músicas sobre a Praça Onze ao longo de 80 anos (THOMPSON, 2013). É interessante notar que, na década de 1950, se encontram só três canções sobre a Praça Onze, embora já fosse um lugar de memória. À época, a nostalgia foi pouco cultivada. O hit da década foi **Chega de saudade**, de 1958, porque tudo se voltava para o futuro: Bossa Nova, Cinema Novo. Nova Cap etc. Nos anos 1960, a nostalgia voltou a galope. Não por acaso, a música mais tocada da década é **Yesterday**. O rock brasileiro se apaixonou por um **Calhambeque** e a música engajada se dividiu entre a guarânia (gênero do século XIX) **Para não dizer que não falei das flores** e o samba **Sabiá**, paráfrase da **Canção do Exílio**, de Gonçalves Dias, sonhando voltar a uma “palmeira que já não há” e “colher a flor que há não dá” (JOBIM e HOLLANDA, 1968). A Praça Onze tornou-se o *locus* de um passado melhor, uma nostalgia carioca e brasileira e, mais que nunca, berço de um samba como autêntico, puro e original.

“Eu canto pra esquecer a nostalgia”⁶

Se o samba não nasceu na Praça Onze que deveria lembrar a Guerra do Paraguai, como o bairro teria se tornado o berço do samba? A mudança foi provocada ou espontânea? Segundo sociólogo Michel Pollak, “a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1987, p. 2). Ele diz ainda que a memória coletiva é instável e, como tal, uma zona de conflito e negociação. Por isso, os grupos hegemônicos investem no que ele chama de “enquadramento da memória” (POLLAK, 1987, p.7) função que caberia a historiadores, mas também a ficcionistas e, no caso brasileiro, a quem faz música.

O uso da literatura brasileira para criação de identidade nacional⁷ vem do Primeiro Reinado. “Os escritores românticos, após a independência, como se estivessem empreendendo uma cruzada, realizaram uma intervenção deliberada utilizando-se da literatura para criar e difundir uma ideia de nação” (QUIRINO, 2005). A imagem de Brasil criada por eles não é foco deste texto, cuja intenção é ressaltar a importância do samba nesse processo de criação de nacionalidade brasileira a partir do Estado Novo. Getúlio Vargas tinha na música popular o veículo ideal para criar memória e identidade, já que contava histórias, dava recados e era de fácil assimilação, especialmente num país onde, até hoje, as taxas de alfabetização são baixas e os hábitos de leitura pouco disseminados.

Mas a escolha do samba como instrumento de criação de identidade deveu-se também ao convívio Vargas com músicos (cantores, compositores e instrumentistas) desde seu mandato como deputado federal pelo Rio Grande do Sul, quando criou, em 1928, a Lei do Direito Autoral. Essa escolha fica explícita no fato de que o ditador usou a Rádio Nacional como veículo de unificação nacional (e a música como conteúdo preferencial a ser divulgado) e fazia questão de cercar-se de músicos e prestigiá-los em seus shows. Embora tenha contratado intelectuais e escritores para trabalhar em seu governo, não se tem notícia de Getúlio Vargas ter aberto uma editora ou ao menos uma livraria. Ressalte-se que ambos, músicos populares e intelectuais sofriam censura em sua produção.

O samba tinha qualidades intrínsecas, resultado de uma rica tradição musical passada de uma geração à outra, como contaram João da Baiana e Heitor dos Prazeres; havia a participação de músicos com formação acadêmica como Custódio Mesquita, Radamés Gnattali e Pixinguinha, além de estrangeiros, como o maestro Simon Bountman (vindo da Rússia) e o empresário Frederico Figner (tcheco que fundou a primeira gravadora brasileira) que traziam informação musical e expertise para fazer a indústria fonográfica funcionar. E havia também um público disposto a consumir o conteúdo dos discos ou do rádio, em cadeia nacional.

Não seriam as músicas sobre a Praça Onze um memorialismo musicado, geralmente em versos, para ser ouvido, cantado e dançado, em vez de lido? Do memorialismo guardam as descrições de lugares, costumes, personagens e acontecimentos de um cotidiano idealizado, mas com base em fatos e personagens concretos. Afinal, a “balança onde os malandros iam pesar” citada em **Tempos Idos**, de Cartola e Carlos Cachaca, existiu e seu piso de madeira ajudava a repercutir o sapateado do samba (RIBEIRO, 2008), houve e há muitas mulheres que dão ao

⁶ Verso da canção **Apoteose do Samba**, de Silas de Oliveira.

⁷ Aqui usamos o conceito de Benedict Anderson em **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo** (2008)

companheiro “casa, comida, dinheiro e roupa lavada”, como diz o samba **Quando a Polícia Chegar**, de João da Baiana; todo mundo se recorda de, em criança, ter perdido uma festa porque “bobinho” acabou “dormindo na calçada”, como lembra Zé Keti em **Praça Onze Berço do Samba**, e quem não conheceu (ou sonha conhecer) um **Moreno cor de bronze** cuja voz tem “toda a meiguice própria de um brasileiro”, como diz o samba de Custódio Mesquita cantado por Aurora Miranda?

O samba da Praça Onze é um gênero textual, com ritmo e melodia para fixá-lo na memória e o dom de unir pessoas muito mais que um texto lido, seja prosa ou verso. Clássicos, como o samba **Praça Onze**, de Herivelto Martins e Grande Otelo, e o **Rancho da Praça Onze**, de João Roberto Kelly e Chico Anysio, são imediatamente reconhecidos e cantarolados pelo público. Foram compostos, interpretados e produzidos para contagiarem o ouvinte nos primeiros acordes e cumprem este objetivo até hoje. Embora haja livros de grande alcance popular e, nas décadas recentes, feiras e bienais de livros tenham se tornado corriqueiras pelo Brasil afora, popularizando os escritores (alguns levam multidões a ouvi-los) e não se tem notícia, no Brasil que seus textos serem recitados por multidões, como ocorre quando se tocam alguns dos clássicos citados, lançados há mais de meio século.

Além disso, desde a Era Vargas foi a forma de os pretos e pobres terem acesso à cidadania, pois, embora já egressos da escravidão, ainda eram vítimas de preconceito da sociedade que se achava branca e culta e tinha por eles repulsa e fascínio (SILVA, 2015). Para responder a um desafio que ainda existe para pretos e pobres no século XXI, o samba muda, adapta-se, adquirindo inovações tecnológicas ou estilísticas. O compositor Ismael Silva, a quem se atribui a criação das escolas de samba, é assertivo quando explica esta estratégia surgida na Praça Onze: “Samba não é folclore, tem de se modificar. É a parte viva da nação. O sambista interage, anda nas brechas do permitido, e vai se afirmando, se aprimorando” (SILVA apud, RIBEIRO, 2007, p. 87)⁸.

Considerações finais

Quase 80 anos após a demolição da Praça Onze, o interesse pelo bairro cresce especialmente entre judeus, outro grupo que vivia lá em condições parecidas com a dos negros. Vinham de um passado trágico (escravidão para os negros e perseguição religiosa e morte para os judeus), eram discriminados por não serem cristãos e chegavam pobres, como conta Samuel Malamud no livro **Recordando a Praça Onze**. Os dois grupos tinham em comum também a rede de solidariedade para se ajudarem mutuamente e o amor pelas festas e pela música. A diferenciá-los, tinham institucionalização de seus hábitos. Judeus escrevem sua história (não por acaso, são autores da **Bíblia**) e oficializam suas instituições. Na Praça

Onze, havia pelo menos dez associações ou clubes judaicos e outro tanto de jornais para a comunidade. Já a cultura negra é oral, não por serem analfabetos, pelo contrário, mas porque as formas de se expressar, passar conhecimento e reivindicar são informais, quando não oficiosas. Um dos raros livros da época que aborda a Praça Onze é **Na Roda do Samba**, de Francisco Guimarães, cronista carnavalesco da primeira metade do século XX que assinava seus textos como Vagalume. O livro é uma coletânea de artigos publicados em jornal, cujo intuito é “reivindicar os direitos do samba e prestar uma respeitosa homenagem aos seus criadores”, segundo diz o autor no prefácio.

⁸ Segundo Paula Ribeiro, esta declaração foi achada no portal português **Vidas Lusófonas**, em 2008. No entanto, não foi achada no mesmo. Optei por mantê-la por fazer parte de sua tese de doutorado aprovada no mesmo ano.

Vagalume não era da Praça e, no Brasil, não se enquadraria como negro. Por isso, o registro da história negra na Praça Onze está nas músicas feitas. Já os judeus, por algum motivo, só neste século XXI interessaram em voltar ao bairro, ainda que virtualmente, e tê-lo como *locus* de sua história no Rio de Janeiro. No século passado, até os jornais publicados pela comunidade se perderam (não estão Museu Judaico ou na Biblioteca Nacional), mas há dois livros de memórias que nos levam ao de volta ao bairro: o já citado **Recordando a Praça Onze** e **O canto da Rosa**. Crônicas de uma judia carioca, de Rosa Goldfarb.

No entanto, começa a surgir uma literatura, de ficção ou acadêmica, sobre o grupo no bairro. Nesta área, destaca-se **Paisagem estrangeira: memória de um bairro judeu no Rio de Janeiro**, de Fânia Fridman, uma alentada pesquisa sobre o grupo lançada em 2007. Na área de ficção, destacam-se dois romances, ambos de 2010, **Traduzindo Hannah**, de Ronaldo Wrobel, história de suspense sobre o submundo da comunidade judaica à época do Estado Novo, e **Acidente em Mata Cavalos, de Matheus Kacowicz**, contando a saga de dois irmãos judeus, da chegada como imigrantes pobres até sua integração na elite carioca. Certamente haverá outros textos além desses, se não já editados, em produção porque o interesse dos judeus no bairro é crescente, como fica evidente no bloco carnavalesco Rancho da Praça Onze, que sai no sábado antes do carnaval, tocando músicas judaicas com arranjos e percussão brasileiros.

O que nos leva a concluir que a Praça Onze é um lugar de memória para os descendentes de quem lá viveu e, mais que isso, para quem encontra lá as raízes da cultura brasileira, com seu amálgama de ingredientes que, variados e/ou antagônicos, resultaram num todo diferente e maior que a soma de suas partes. Outros bairros populares do Rio de Janeiro têm importância semelhante e podemos citar o Morro da Mangueira, Madureira (berços das escolas de samba) e, mais recentemente, Cidade de Deus e Maré. Mas, desses bairros ainda são vivos e pulsantes, enquanto a Praça Onze não existe fisicamente há oito décadas. No entanto, é referência e está na memória até de quem não viveu lá. Como ensina Pollak, a memória não precisa ser vivida para ser real, pode perfeitamente ser herdada e a herança da Praça Onze está cada vez mais viva.

Referências

- BARRETO, Paulo (João do Rio). **As religiões do Rio**. Editora Nova Aguilar - Coleção Biblioteca Manancial n.º 47. Rio de Janeiro, 1976. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf> Acesso em 26/03/2019.
- CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora. 1996. Coleção MPB Reedições, volume 2. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.
- CALVINO, ITALO. *As Cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GUIMARÃES, Francisco (Vagalume). Na roda de samba.
- HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MALAMUD, Samuel. **Recordando a Praça Onze**. Rio de Janeiro: Kosmos. 1988.
- MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura; Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. Coleção Biblioteca Carioca.
- NORA, Pierre; AUN KHOURY, Tradução: Yara. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 10, out. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 15/07 2019.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, volume 5, número 10, 1992, p 200-212. Tradução Monique Augras (é a transcrição de uma palestra proferida em 1987, ver como referenciar) Disponível em <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em 01/02/2019.
- QUIRINO, Célia N. Galvão. O romantismo e a ideia de nação. **In Gramsci e o Brasil**. ACESSA.

- Juiz de Fora. 2005. Disponível em <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=463>. Acesso em 08/09/2019.
- RIBEIRO, Paula. **Cultura, memória e vida urbana: judeus na Praça Onze, no Rio de Janeiro (1920- 1980)**. Tese apresentada no Programa de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2008. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13106>. Acesso em 10/07/2019
- SANMIGUEL, Alejandro. Modernidad y música popular em América Latina. **Izatapalapa, revista de ciências sociais y humanidades**. Ano 11. N. 24. México. 1991 (tradução própria) Disponível em <https://pt.scribd.com/document/209836824/Alejandro-Ulloa-Modernidad-y-Musica-Popular-en-AL>. Acesso em 17/01/2019.
- SILVA, Beatriz Coelho. **Negros e Judeus na Praça Onze**. A história que não ficou na memória. Bookstart. Rio de Janeiro. 2015.
- SOIHET, Rachel. **A Subversão pelo Riso: Estudos sobre o Carnaval da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998.
- THOMPSON, *Praça Onze in Popular Song*, no site **Musica Brasiliensis**. 13/06/2013. Disponível em http://daniellathompson.com/Texts/Praca_Onze/praca_onze.pt.1.htm. Acesso em 30/01/2019.
- VELLOSO, Mônica: As tias baianas tomam conta do pedaço. Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro **Revista Estudos Históricos** volume 3 número 6: Cepdoc, Fundação Getúlio Vargas, 1990. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2303/1442>. Acesso em 02/09/2018.
- VIANA, Hermano. **O mistério do samba**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Editora UFRJ, 1995.

DIALETOLOGIA E GEOSOCIOLINGÜÍSTICA EM CONFLUÊNCIA: (RE) DESCOBRINDO OS ESTUDOS DA LINGUAGEM FALADA

Denise Ramos Cardoso⁹

Resumo

Esse artigo tem o objetivo de articular, teoricamente, Dialetoлогия e Geossociolingüística por uma perspectiva interdisciplinar. Por isso, a Fundamentação Teórica se aloja na interface entre os referidos âmbitos dos estudos da linguagem. A Metodologia é de caráter bibliográfico, pois autores de diferentes diretrizes teóricas são contrapostos, ao observar os tracejados teóricos que os alinham. Percebe-se que a fala, enquanto instrumento interacional, é basilar para o diálogo travado entre as pesquisas dialetológicas e geossociolingüísticas, uma vez que buscam interfaces entre a localização geográfica do falante e os aspectos culturais semiotizados nas estruturais lexicais e sintáticas da Língua Portuguesa.

Palavras-Chave: Dialetoлогия; Geossociolingüística; Interdisciplinaridade; Linguagem.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo articular, teoricamente, la Dialectología y la Geoesociolingüística desde una perspectiva interdisciplinar. Por esta razón, la Fundación Teórica se ubica en la interfaz entre las áreas de estudios de language antes mencionadas. La Metodología es de carácter bibliográfico, ya que se contraponen autores de distintas orientaciones teóricas, al observar los lineamientos teóricos que las alinean. Se advierte que el habla, como instrumento de interacción, es fundamental para el diálogo entre las investigaciones dialécticas y geoesociolingüísticas, ya que buscan interfaces entre la ubicación geográfica del hablante y los aspectos culturales semiotizados en las estructuras léxicas y sintáticas de la Lengua Portuguesa.

Palabras clave: Dialectología; Geoesociolingüística; Interdisciplinariedad; Language.

Introdução

Nesse artigo, recorte de uma pesquisa maior, desenvolvida a nível de mestrado, apresenta-se algumas concepções interdisciplinares entre Dialetoлогия e Geossociolingüística, entendendo-as como ramificações complementares no âmbito dos estudos da linguagem, sobretudo em sua modalidade falada.

O principal público alvo observado na investigação original corresponde aos grupos rurais de Comunidades Quilombolas, no nordeste paraense, mais especificamente nos municípios de Abaetetuba, Colares, Bragança e Moju.

É pertinente adiantar que tal associação teórica dá margem às discussões que versam sobre tabus lingüísticos, temática essa bastante recorrente nas investigações sobre Sociolingüística Variacionista, pois associa a prática de tabu lingüístico às civilizações pretéritas ou aos grupos tradicionais isolados. Entretanto, é fato que o tabu lingüístico ainda seja tão forte atualmente como em tempos passados. Entretanto, esse viés de discussão será discutido em ocasiões vindouras.

⁹ Doutoranda em Lingüística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente da Universidade Estadual do Pará (UEPA).

Em síntese, nesta abordagem, foca-se nas associações teóricas que podem ser estabelecidas entre as ramificações teóricas mencionadas anteriormente, bem como os possíveis desdobramentos dessa postura dialógica. Nesse sentido, lança-se mão de referenciais teóricos do campo da Dialetoлогия e da Geossociolinguística para trabalhar o mapeamento dos tabus linguísticos de natureza diatópica e diastrática, existentes nas comunidades quilombolas situadas no Nordeste Paraense.

Dialetoлогия e Geossociolinguística: Algumas Ponderações

A Dialetoлогия dá o suporte para compreender comunidades de falantes e para descrever o perfil de uma determinada língua a partir dos dados linguísticos. Já a Geolinguística, método da Dialetoлогия, tem como propósito fazer o mapeamento linguístico da Variação Linguística em suas várias manifestações no espaço físico. Protegido pelos pressupostos sociolinguísticos de que a língua tem como processo de interação a relação entre o indivíduo e a sociedade, dentro de um convívio social da comunidade de fala, a partir da concepção de heterogeneidade da língua, faz-se importante manter uma relação dos fatos linguísticos a fatores socialmente definidos, tal como assevera Hanks (2008) ao associar língua, linguagem, fala e sociedade como um conjunto orgânico. Desde os anos 1970 no Brasil, vários estudos, que investigaram a linguagem e suas relações aos fatores sociais, contribuíram no processo de desconstrução da falsa ideia de homogeneidade linguística. Neste aspecto, no campo relacionado à diversidade linguística, destacam-se duas áreas de estudo, a saber: a Dialetoлогия, disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, considerados como quaisquer variedades de uma língua, e a Sociolinguística, ciência que também estuda as diferentes formas de uso de uma língua no seio das comunidades de fala, mas cada uma delas opera com um método de investigação científico particular.

Para muitos estudiosos, a Sociolinguística é concebida como uma área que estuda a língua em seu emprego real, tendo em vista as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. De acordo com Brandão (2005), a língua é um dos aspectos que destaca a cultura de um povo (essa entendida no sentido bem amplo), abarcando padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

Com o objetivo de constatar as variedades do português brasileiro de Norte a Sul do país, Brandão (2005) demonstra a existência de fronteiras linguísticas diversificadas das fronteiras geográficas, ao mostrar que variedades são provocadas por diversos fatores, dentre eles migrações de pessoas de fora do país e de região para região. São situações, segundo a autora, que contribuem para a constituição de um falar com características histórico-culturais.

A Sociolinguística é a ciência que estuda a relação entre língua e sociedade. Ela apresenta as possibilidades de sistematização das variações existentes e próprias da língua falada. Além disso, vale destacar que é impossível afirmar que um determinado falante-ouvinte tenha conhecimento de todas as variantes, porque o que se apresenta é uma comunidade de fala completamente heterogênea e diversificada (cf. BAZZO; CARDOSO, 2020; PEREIRA *et al*, 2021).

De acordo com Labov (2008), a língua está intrinsecamente ligada ao social. Assim sendo, a Geossociolinguística sugere analisar e aprender a sistematizar o aparente transtorno linguístico que existe em razão das variantes linguísticas em um espaço circunscrito, ou seja, num determinado lugar ou região. E o que permite essa sistematização é que, mesmo à frente da diversidade dialetal em uma comunidade, ainda é possível que os moradores dessa comunidade se comuniquem e interajam entre si.

A análise sociolinguística enfoca, fundamentalmente, o processo de interação fala/sociedade, justificando-se pela necessidade de compreender os fatores que possam induzir a operação de uma ou de outra variante, na busca de determinar uma sistematização ao processo de variação linguística. A Sociolinguística permitiu, assim, o estudo científico de acontecimentos linguísticos negligenciados até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua variedade e consequente dificuldade de assimilação. O sociolinguista registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variação linguística como seu objeto de estudo. Trabalha-se com o falante-ouvinte real, em situações reais de linguagem.

No final do século XIX, a Dialetoлогия se constituía como ciência interessada pelos dialetos regionais, rurais e sua distribuição e intercomparação. A Dialetoлогия tem como base para seus estudos linguísticos, o registro e a análise a partir das variedades linguísticas de uma determinada língua, tendo em vista, aspectos de natureza geográfica e sociocultural, como condicionante para seu estudo. Cardoso (2010, p.26) afirma que “a Dialetoлогия tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico”.

Há estudos que insistem em articulações entre os dois campos de investigação linguística, a Dialetoлогия e a Sociolinguística. Nas conclusões de Ferreira e Cardoso (1994), definir metas dos vários ramos da ciência da linguagem, ou de qualquer ciência, não é tarefa fácil, porque são “fluidos e pouco nítidos”. Mas de certo, os autores defendem que ambas têm como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala (CARDOSO, FERREIRA, 1994). Mesmo assim, apesar da inter-relação, deve-se ressaltar a diferença entre seus objetivos e método de investigação para que se possa distingui-las. A Dialetoлогия preocupa-se, essencialmente, em estabelecer limites geográficos de certos usos linguísticos, enquanto a Sociolinguística tem como objetivo identificar processos linguísticos de variação e mudança, bem como localizar fronteiras sociais da língua em uso.

Ferreira e Cardoso (1994) ainda esclarecem que, muito antes de ter se fixado como um ramo dos estudos da linguagem, por volta da década de 1970, a Dialetoлогия já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etária, de sexo, etc.

A Dialetoлогия passou por um tempo de transição no que diz respeito aos modos teórico-metodológicos que sustentam sua área de investigação. Porém, no âmbito da Dialetoлогия “tradicional”. Segundo Isquerdo (2008), tinha como prioridade, para fins de coleta de dados, localidades rurais e distantes das grandes metrópoles, “dado caráter mais conservador da fala rural”. Enquanto que a Dialetoлогия “contemporânea” integra, também, como ponto de inquérito, localidades urbanas e “cada vez mais tende a incluir entre as localidades a serem investigadas também aquelas de povoamento mais recente, com vistas a documentar o grau de influência de processos migratórios na língua falada por um grupo social” (ISQUERDO, 2008, p.112).

Fundamentado com esse propósito, a Dialetoлогия deixou de ser apenas topostática, passando assim a obter um caráter topodinâmico. Os estudos Dialetológicos, sob a visão da Dialetoлогия topostática, seleciona, para fins de pesquisa, informantes nascidos e criados na localidade e com pais também oriundos da mesma região linguística. Uma vez que a Dialetoлогия topodinâmica favorece a identificação de grupos imigrantes inseridos em certas localidades, possibilitando assim, a interinfluências linguísticas.

Ainda na chamada Dialetoлогия “contemporânea”, Thun (1998) destaca sua característica pluridimensional. De acordo com o autor, há uma preocupação com “as inter-relações no espaço” tendo como responder a perguntas como: “até que nível social se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social?” ou, “até que zona chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que vivem num mesmo lugar?”. Portanto, essa Dialetoлогия é vista pelo teórico como de “dupla realização”, assim sendo, “que vai da superfície ao eixo social” ou, no momento inverso, “do eixo social a superfície” (THUN, 1998, p.368).

Sobre essa influência da Dialetoлогия, entre os anos de 1826 e 1920, diversos trabalhos foram desenvolvidos no Brasil, especialmente sobre o estudo lexical do Português no país. Foi por meio desses estudos dialetológicos, que resultaram em “numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais”. Ferreira e Cardoso (1994) defendem que esta foi a primeira das três fases distintas da Dialetoлогия no Brasil. A segunda fase deu-se com o início da publicação da obra de Amaral (1920): “O Dialeto Caipira”. Nele, aparecem as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região. Tal obra representa um modelo na descrição dos falares regionais do Brasil, por reunir o tratamento dos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático a que se junta um vocabulário típico da área.

Várias outras obras também tiveram seus destaques nesta fase, tais como: “O Linguajar Carioca”, de Nascentes (1922), “O Vocabulário Pernambucano”, de Costa (1937), “A Língua do Brasil”, de Melo (1934), dentre outras. Tais trabalhos tinham como característica marcante, as abordagens de cunho gramaticais, apesar de que muitas pesquisas procuravam dar ênfase ao estudo do léxico.

No que diz respeito à chamada terceira fase, ainda de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), é possível perceber o avanço, cada vez maior, dos trabalhos, especialmente porque os mesmos foram desenvolvidos com base em um *corpus* “constituído de forma sistemática”. Destaca-se como grande marco desta fase a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, com traços do interesse pela execução de estudos de geografia linguística aqui no país, por meio de contribuições marcantes de autores como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. Complementando, a publicação de um Guia para estudos dialetológicos, por Serafim da Silva Neto, demarcava por sua vez, uma preocupação com o que se podia chamar de uma “mentalidade dialetológica”, e serviu como instrumento metodológico para auxílio dos pesquisadores nos trabalhos de campo nas pesquisas dialetais.

Nas análises de Isquierdo (2005), outras produções foram marcantes nesta chamada terceira fase e merecem referência. Destaca-se a criação do primeiro Atlas Linguístico Brasileiro, Atlas Prévio dos Falares baianos – APFB (1963), ambos de autoria de Nelson Rossi. Os mesmos compõem a produção do que popularmente ficou conhecido como “escola dialetológica da Bahia”. A autora ainda chama atenção para um novo marco, não necessariamente uma quarta fase de estudos, mas que classifica como um divisor de águas na pesquisa geolinguística e dialetológica no Brasil. Trata-se de um projeto de caráter nacional, que concretizado, se propôs a descrever a variante brasileira da Língua Portuguesa e mapeá-la em um Atlas Nacional. É o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) desenvolvido na última década do século XX, mais especificamente final de 1996. Ainda que nosso pluralismo cultural seja destacado por escritores regionalistas através de obras que retratam peculiaridades etnográficas e linguísticas, a elaboração de um Atlas linguístico que retrate a realidade da língua falada no Brasil se faz necessário, para suporte inclusive, aos debates mais amplos sobre a identidade nacional.

O projeto ALiB agregou pesquisadores de diferentes regiões brasileiras, e pela abrangência e dimensão espacial trouxe significativo impulso para pesquisas na área. Vários trabalhos passaram a ser pensados a partir desse material. De acordo com o método, esse resgate torna-se possível por meio da aplicação de questionários a determinados sujeitos e elaboração de cartas, onde as respostas são registradas e pelas quais pode-se, então, obter o mapeamento das variantes linguísticas. Essas cartas registram diversos fenômenos que nos permitem compreender melhor alguns fatores da história da língua, como as migrações de palavras de uma região a outra, os centros de irradiações, e muitas outras, dando-nos uma visão de conjunto.

Os avanços nos estudos de geografia linguística apontam ainda outras preocupações que em muito contribuíram para esta dissertação. A atenção dada não é mais somente aos dados linguísticos. Questões de ordem extralinguística e especificidades etnológicas sejam no campo ou na cidade ganharam relevância. É o que se poderia chamar de um olhar multidialetal. Este olhar, seria, segundo Cardoso (2010), atentar outras variáveis, ou seja, o que a Dialectologia tem buscado controlar e identificar. Aspectos como idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem variáveis elementares e que compõem o universo sociocultural dos grupos estudados. Destaca-se, ainda, que a apresentação cartográfica de tais dados põe lado a lado a informação diatópica e a análise sociolinguística.

Os falantes de uma língua se organizam em sociedade. Assim, nunca a relação entre língua e sociedade será um acaso. O uso alternativo de formas linguísticas também não ocorre ocasionalmente, presume-se, neste caso, a ação de aspectos socioculturais, estruturais e regionais que justifiquem as mudanças de uso.

O conhecimento linguístico a partir de um determinado meio/ espaço pode ser conhecido e esclarecido pela Geolinguística. O estudo semântico-lexical dos tabus linguísticos encontrados na fala das Comunidades Quilombolas localizados nos municípios de Abaetetuba/PA e Colares/PA, realizado a partir dos resultados oriundos da aplicação local do Questionário Semântico-Lexical – QSL (ALiB), podem demarcar memórias, histórias e culturas de comunidades linguísticas geograficamente delimitadas, e aqui serão identificadas, registradas as ocorrências das variantes de natureza semântica dos tabus linguísticos, do perfil de cada informante, finalizando com a representação em cartas linguísticas.

Considerações Finais

Este artigo contempla um breve esboço teórico que se baseia na confluência entre Dialectologia e Geossociolinguística, tal como foi antecipado na Introdução deste trabalho. Nesse sentido, tem-se a fala como principal elemento articulador entre tais vertentes dos estudos da linguagem, a julgar pelo fato de ser objeto de investigação de ambas as correntes teóricas.

Por outro lado, deve-se levar em conta que ambas as teorias mencionadas bebem da mesma fonte: a Sociolinguística, a qual tem sua essência em aspectos sociais que influenciam na variação linguística em toda interação social. Logo, é uma visão, no mínimo ingênua, entender língua e fala dissociadas de aspectos extralinguísticos e sociais, tendo em vista que, na verdade, a fala semiotiza justamente tais práticas humanas.

Em suma, aspectos sintáticos, semânticos, dialetológicos e morfológicos da língua falada são, conseqüentemente, reflexos de uma sociedade fluida, na qual a ideia de efemeridade parece imperar. Em razão dessa fluidez, emergem-se situações denominadas como Tabus Linguísticos, as quais causam desdobramentos para investigações vindouras.

Referências

- BAZZO, M. G.; CARDOSO, D. R. Variações Linguísticas na Região do Araguaia Paraense: Questões Culturais Motivadoras de Alterações Fonéticas e Fonológicas. In.: PEREIRA, B. G.; SILVA, J. B. M. (orgs). **Entremeios na Investigação Acadêmica: Educação e Saúde em uma Perspectiva Multidisciplinar**. Pará de Minas, MG: VirtualBooks Editora, 2020, p. 26-40.
- BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.
- CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística: Tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- HANKS, W.F. **Língua como Prática Social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo/SP: Cortez, 2008.
- ISQUERDO, A. N. **Estudos Geolinguísticos e Dialectais sobre o Português**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PEREIRA, B. G. *et al.* Sociolinguística Variacionista e os Estudos sobre Linguagem: Percepções de Acadêmicos do Curso de Letras da Universidade Estadual do Pará, Câmpus de Conceição do Araguaia. **Revista Querubim**, v. 17, p. 23-31, 2021.
- THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: ENGLEBERT, A.; PIERRARD, M.; ROSIER, L.; RAEMDONCK, D. V. et all. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, 367-388.

LUZES E SOMBRAS: OS CIGANOS NO RIO DE JANEIRO DA BELLE ÉPOQUE

Isabella de Jesus¹⁰

Resumo

O fenômeno da modernidade no Rio de Janeiro causou um impacto que foi além das mudanças sofridas pelo espaço urbano. Na tentativa de recriar a Belle Époque europeia no Brasil, a população carioca sofreu o que podemos chamar de um efeito colateral negativo. Isso se deve ao fato de que as transformações desse período prejudicaram ainda mais as pessoas que viviam à margem da sociedade, especialmente os ciganos. Esta pesquisa, portanto, conta com o aporte teórico da *Sociologia* (1985), de Walter Benjamin, da historiografia do norte-americano Jeffrey Needell e da crítica literária, sobretudo, do brasileiro Antônio Candido, para investigar a participação dos ciganos na cidade carioca através da literatura. Analisando os folhetins jornalísticos do séc XIX e a obra *Factos e Memórias* (1904) do escritor Mello Moraes Filho, fica evidente a forma como a cultura e os costumes do povo cigano sofreram um apagamento na história do Brasil. Por essa questão, se faz importante investigar como a construção do imaginário carioca foi manipulada pelas elites rurais e imperialistas. Este trabalho visa obter como resultado não só uma reflexão sobre o preconceito para com as minorias, mas também sobre a dinâmica de construção dos microcosmos de poder na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Modernidade, cidade, ciganos, Belle Époque.

Abstract

The phenomenon of modernity in Rio de Janeiro caused an impact that went beyond changes suffered by the urban space. In an attempt to recreate an european Belle Époque in Brazil, the population suffered what we might call a negative side effect. It was due to the transformations of this period that a lot of people was further harmed by living on the margins of society, the gypsies in particular. This research, therefore, counts on a theoretical contribution of the *Sociology* (1985), by Walter Benjamin, as well as the north american Jeffrey Needell's historiography of Rio de Janeiro and brazilian Antonio Candido's literary criticism, above all. Analysing some newspaper serials of the XIX century and the literary oeuvre *Factos e Memórias* (1904), written by Mello Moraes Filho, it is evident how gypsy people's culture and customs suffered an erasure in the history of Brazil. For this reason, it is important to investigate how the construction of the *carioca* imagery was manipulated by rural and imperialist elites. This work aims to obtain as a result not only a reflection on prejudice towards minorities, but also on the dynamics of building microcosms of power in brazilian society.

Keywords: Modernity, city, gipsies, Belle Époque.

OBS.texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

¹⁰ Estudante de Letras (Português-Literaturas) da UFRJ, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPQ, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Marino do Nascimento. Este trabalho contou com o apoio do CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio de Bolsa PIBIC.

Introdução

O povo cigano foi imortalizado, ao longo dos tempos no imaginário e nos meios de comunicação como povos nômades que desafiam a sociedade ocidental sedentária. Dimitri Fazito, em seu texto *A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações* afirma que o rótulo ‘cigano’ abarca uma série de etnias, cujas origens também são bastante diversas, oriundas de variadas parte da Europa, como os *calon, roma, kalderash, moldovaia, sibiaia, borahano, lovaria, mathivia e sinti*.¹¹

No Brasil, o primeiro documento que fez menção aos ciganos foi o *Alvará de D. Sebastião*, de 1574, que decreta o degredo para o Brasil ao cigano João Torres e sua família (PIERONI, 1991). Vistos como “indesejáveis” em Portugal, os ciganos tiveram sua imagem construída a partir de estereótipos negativos, que os classificavam como “desordeiros e incivilizados”:

Na história dos chamados ciganos, também experimentamos e imaginamos uma tradição cultural complexa com base em representações, memórias e impressões cristalizadas em uma consciência coletiva – está o produto de disputas e dissensões no campo das relações interétnicas –, que em muito se assemelham a emblemas entre emblemas constantemente reformulados em um “zodíaco de fantasmas da mente”.

Porque a imagem do “cigano” é o espelho em negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna, que inscreve seus diacríticos no corpo do indivíduo (e seu grupo) e, portanto, nomeia à força da opressão física e simbólica o espaço marginal destinado àqueles que perderam a luta antes mesmo de terem reconhecido sua posição no jogo.

Assim, o cigano é tido e visto como *selvagem* – um *mau selvagem*, desde os primeiros contatos no Ocidente, identificado como sarraceno imoral, ignorante e herege, facínora e covarde. Na melhor das hipóteses, o estereótipo cigano negociado com o imaginário *gadjo*, em geral, sustenta a figura de um indivíduo indolente, bárbaro e perigoso (FAZITO, 2006, p.691).

Embora os ciganos sejam parte da história da imigração para o Brasil, vindo de países como Romênia, ex-Iugoslávia, Rússia, Espanha, Portugal etc., eles não ocupam um espaço na história oficial da imigração. Por mais que figurem em muitos documentos históricos, de caráter regulatório e normativo, essa categoria social e étnica nunca foi seguramente reconhecida como tal.

Nesse sentido, este trabalho pretende pensar os moldes que construíram a cidade carioca nas bases de uma cultura eurocêntrica, com todas as suas exceções, controvérsias e problemáticas. Através de uma perspectiva social, política, mas, principalmente, literária, o fenômeno da modernização será tratado como a chave para entender como a cidade passou a ser reconhecida por diversas nuances. Estas, por sua vez, vão e vêm, criam verdades e depois as desmentem, ganhando caráter menos individual e mais coletivo. Ou seja, a cidade cria mais um contraste entre o sujeito à deriva e o coletivo marginalizado, como no caso dos ciganos.

Rio de Janeiro: uma Belle Époque tropical

Na obra intitulada *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século* (1993), resultante da vasta pesquisa feita pelo historiador norte-americano Jeffrey Needell, é

¹¹ Roma é plural de rom, que significa cigano em língua romani, língua falada por ciganos em vários países do mundo. Os ciganos calons falam o chibi ou calon, que corresponde a um léxico derivado do romani. Existe uma grande variante dialetal no romani.

possível depreender como a burguesia carioca contribuiu para reproduzir de forma acrítica o ideal europeu e a estética parisiense como reflexo do crescente processo de modernização. Além disso, este trabalho mostra como a alta sociedade carioca contribuiu não só simbolicamente, através da cultura e da arquitetura, como também financeiramente para sustentar o movimento positivista e os desdobramentos da Revolução Industrial na América.

A respeito disso, Cordeiro (1995) explica como a reflexão sobre a subjetividade contribuiu para a construção do imaginário moderno. Havia, nessa época, uma reprodução de valores que não se preocupava com os contrastes tão insurgentes entre a precária realidade do continente sul-americano e a modernidade essencialmente europeia. Através de um jogo de paradoxos entre a manutenção dos bens simbólicos imperialistas e a inauguração das mudanças concretas, planejava-se a construção de uma cidade quase utópica. Isso se deve ao fato de que a colônia não se encaixava nas circunstâncias políticas, sociais e, muito menos, climáticas de um país tropical.

O trauma do choque pós-guerra, que teve como consequência o declínio da experiência e do gênero narrativo, são colocados por Benjamin (1985) como os pilares da modernidade. Logo, a ausência do pensamento crítico e o afastamento das tradições pressupunham o prelúdio de um novo tipo de sensibilidade urbana. Antes, buscava-se entender e questionar os padrões estruturais da sociedade. Essa busca primária, chamamos aqui de estruturalista, é citada como uma sensibilidade visual ou ótica por Cordeiro (1995).

No contexto latino-americano, a perspectiva do homem em relação à cidade e tudo o que ela engloba é percebida muito antes da Segunda Grande Guerra (1939-1945), e pode ser entendida aqui como os reflexos ou mesmo traumas deixados na população após a guerra contra o Paraguai (1865-70). Segundo Needell (1993), esse conflito pode ter sido uma forte influência nos processos políticos que fundaram a nação brasileira.

Esta concepção de um novo Brasil, embora variasse segundo seus proponentes, apresentava um denominador comum: a reformulação do país conforme os modelos políticos apresentados pelos republicanos norte-americanos e franceses. Ainda mais comum eram os que propunham um modelo de desenvolvimento baseado nos mesmos mecanismos de modernização que impulsionavam a industrialização nos países do Atlântico Norte (NEEDEL, 1993, p. 23).

A dispersão do olhar mais individualista e menos crítica sobre a cidade fez com que a chamada sensibilidade ótica perdesse espaço para o encetamento da sensibilidade tátil (CORDEIRO, 1993, p. 19), cuja essência é a contemplação desinteressada, descontínua, resultante da reprodução dos bens simbólicos, ou seja, da potência visual que a cidade poderia ostentar através da propaganda de um estilo de vida supostamente luxuoso.

Como consequência dessa nova perspectiva, tanto os intelectuais do setor médio quanto a camada mais popular viram-se impotentes frente às drásticas mudanças no cenário estético e sociopolítico, insuflados pelo ministério conservador e pela burguesia composta pelas famílias descendentes das elites rurais. Sem contar, claro, com o apoio, ainda que parcialmente velado, danobreza lusitana em transformar o Rio numa segunda Paris, desta vez tropical.

“O edifício político inicial do Brasil independente adaptou-se ao terreno moldado por uma sociedade agrária em geral confinada a uma estreita faixa costeira de cidades portuárias e áreas subjacentes, ao passo que o vasto interior permanecia pouco conhecido ou habitado” (NEEDEL, 1993, p.19).

Em geral, os descendentes de negros escravizados, os artesãos, meeiros empobrecidos e outros nichos desfavorecidos da sociedade destinavam-se a viver ou mesmo vagar pelas periferias e foram eles que compuseram os subúrbios da cidade.

Além dos extremos, havia uma terceira classe no meio desses dois extratos sociais. Considerada, a princípio, uma camada estreita, o setor médio da sociedade era composto por pequenos lojistas, profissionais liberais e empregados dos escritórios. Mas por estarem em minoria, estes viviam de certa forma, pressionados por ambos os lados.

Com o crescimento dos entrepostos urbanos, estes trabalhadores passaram a manter maior contato com as províncias europeias e, assim, encontraram oportunidade de se intelectualizar. Essa dinâmica contribuiu para o início de uma revolução política que contestava tanto os senhores de engenho, quanto o tradicionalismo econômico e cultural, que já estava em vigência há muito tempo, devido à estrutura agroexportadora.

Pode-se dizer que o final do século XIX foi marcado por mudanças políticas, sociais, mas também literárias, pois a Revolta da Armada e a reação florianista em 1893 desarticularam completamente a vida literária do Rio de Janeiro (BROCA, 1963). Neste cenário, os escritores enfrentaram uma necessidade de renovação, assim como a própria cidade.

A literatura do final do século passou a ser, portanto, sinônimo da modernização da cidade. Assim, o prefeito Pereira Passos procurou incentivar os chamados “espetáculos mundanos”, que se tratavam de conferências literárias cujo objetivo principal era promover a reunião da alta sociedade: “as palestras costumavam ser proferidas por famosos nomes das Artes e das Letras, entre os quais se destacavam Coelho Neto e Olavo Bilac” (YUNES, 2004, p. 80).

O surgimento da urbanística como ciência teve como principal objetivo solucionar os problemas de insalubridade e o chamado “inchaço populacional”. Inspirada pela Belle Époque europeia, o projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro implicou a marginalização, sobretudo, das camadas mais populares da sociedade, cuja forma de subsistência não havia como ser outra, senão viver pelo nomadismo. Nesse meio, estavam os ladrões e os ciganos, descritos na obra de Mello Moraes Filho (1844-1919). O escritor e historiador deixa claro, em sua obra, como o fenômeno da modernidade contribuiu para transformar a cidade em um espaço para a construção dos microcosmos de poder.

Já Walter Benjamin no ensaio *Autor como Produtor* presente na coletânea *Sociologia* (1985), tratou de questões sociais que se aproximam deste cenário da república brasileira, sob a perspectiva da indústria de produção em massa. Sua visão sobre as reformas de cunho político, social e econômico, que através da ascensão do cientificismo e da industrialização acarretaram na literatura, são fundamentais para o nosso estudo.

Ainda que numa época avançada, a visão do ensaísta sobre o impacto da reforma literária, decorrente de uma crise e/ou revolução, parece fazer bastante sentido quando comparado ao nosso contexto. Logo, Benjamin aproxima o escritor, seja ele romancista ou não, à figura do proletariado, afirmando que “a imprensa é a instância decisiva nesse processo, e todo estudo do autor como produtor tem, por isso, de chegar até ela” (BENJAMIN, 1985, p. 180). Ou seja, os intelectuais escritores que retratavam a vida cotidiana nos folhetins dos jornais, tinham como propósito, não somente entreter, mas principalmente fornecer um retrato fiel da sociedade marginalizada de sua época.

Infelizmente, civilizar a cidade do Rio não implicou somente demolir os antigos prédios e casas coloniais, mas também exterminar tudo que remetesse a uma cultura escravista. Assim, muitos grupos sociais sofreram perseguição e se viram obrigados a migrar para a periferia. Além de tudo, foram culpados pelo governo como causadores da contaminação que assolava a saúde ambiental do Rio de Janeiro. “Os estudiosos se lembrarão também da participação de Oswaldo Cruz, escolhido para liderar o esforço de erradicação da peste bubônica, da febre amarela e da varíola na cidade.” (NEEDELL, 1993,p. 55).

Nesse sentido, a cidade, no limiar do século XX, passou por uma grande reforma urbana, inspirada principalmente na beleza dos salões e do luxo parisienses. Inspirado pelo slogan “bota-abaixo”, criado, sobretudo pelos bacharéis intelectuais, o plano que precisava ser cumprido pelo prefeito Pereira Passos era camuflar qualquer vestígio dos cortiços, cuja pobreza e precariedade, supostamente, eram responsáveis por ofuscar a beleza da cidade. Portanto, o prefeito procurou alargar as ruas estreitas para a construção de grandes avenidas. Seguindo as palavras de Cordeiro (1995), “na cidade moderna não há formas delimitadas, há o todo caótico” (CORDEIRO, 1995, p 25).

Para Broca (1963), é possível identificar três objetivos principais no processo de aproximação do Rio àquela fisionomia parisiense: o primeiro seria a reforma estética, que diz respeito ao surgimento de majestosos prédios como a Biblioteca Nacional, o Teatro Municipal e a Escola de Belas Artes. O segundo é a reforma sanitária, que promoveu obras para o escoamento das águas pluviais, para o esgotamento subterrâneo e um sistema mais eficaz de abastecimento, incentivados na zona sul pelo médico e sanitarista Oswaldo Cruz. E o terceiro é, claro, a reforma viária, tendo em vista a construção da Praça Mauá e de tantos outros pólos urbanos decisivos para a chegada dos automóveis e para a facilitação da mobilidade urbana.

Com o golpe instaurado no dia 15 de novembro de 1889, foi instituída a República através da união entre os jovens oficiais radicais e do líder do Exército, que se tornou o primeiro presidente, Deodoro da Fonseca (1827-92). Numa série de acontecimentos confusos, os quais envolveram muitas revoltas, instabilidade econômica e, ao mesmo tempo, emergência de grandes reformas, o primeiro presidente a remodelar a capital do país, Rodrigues Alves (1848-1919), foi eleito. Graças a ele, Pereira Passos foi nomeado para a prefeitura da cidade, instaurando, finalmente, construções que mudariam para sempre o rumo da história no Brasil. Algumas dessas mudanças são descritas no trecho:

Pavimentou ruas, construiu calçadas e asfaltou estradas, abriu o túnel do Leme, [...] iniciou a avenida Atlântica, criou a avenida ligando os subúrbios do Flamengo e Botafogo, melhorou uma série de outras ruas, demoliu o decrepito mercado municipal que desfigurava o bairro da Glória, e ergueu outro perto das instalações portuárias e do movimento da Cidade Velha, embelezou locais como as praças Quinze de Novembro, Onze de Junho, Tiradentes, Glória. o largo do Machado, o Passeio Público e o Campo de Santana. Pereira Passos atacou também algumas tradições cariocas. Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir nos bondes, o comércio de leite em que as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição da carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios, o descuido com a pintura o das fachadas, a realização do entrudo e os cordões sem autorização no Carnaval. assim como uma série de outros costumes “bárbaros” e “incultos” (NEEDELL, 1993, p.57).

Certamente, essas medidas afetaram negativamente as classes marginalizadas que povoavam a cidade, dentre elas os ciganos. Apesar de a pouca bibliografia dificultar o nível de veracidade acerca dos fatos sobre a passagem desse grupo étnico pelo Rio de Janeiro, bem como sobre a sua chegada ao Brasil, seus costumes e rituais podem ser deferidos através da análise dos excertos que eram publicados em jornais. Estes serão brevemente analisados a seguir.

Os ciganos e o Rio de Janeiro: avessos da cidade

Um dos primeiros escritores responsável pelo registro dos ciganos na cidade do Rio de Janeiro foi Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844-1919). Filho do historiador de mesmo nome, este folclorista deixou uma vasta obra literária do final do século XIX e início do XX, escrevendo desde poesias, passando por textos em prosa, serenatas e chegando a livros de memória, os quais tinham caráter mais documental, não deixando de lado, no entanto, sua subjetividade poética.

Dessa forma, Mello Moraes se destacou, sobretudo, pelo estilo descritivo de seus relatos, especialmente, dos grupos marginalizados da sociedade urbana da época em que viveu. No livro *Factos e Memórias* (1904), por exemplo, ele organiza em capítulos, uma descrição minuciosa da forma comoviviam os mendigos, os ladrões e os ciganos nas ruas do Rio de Janeiro.

Portanto, por ser um patriota e crítico do governo oligárquico comandado por Campos Sales e, mais tarde, Rodrigues Alves, sua atuação como historiador e jornalista foi decisiva para o reconhecimento da cultura cigana no Brasil. Para tanto, ele contou com o apoio de Edmundo Bittencourt, diretor do jornal *Correio da Manhã*, precursor da sua obra literário e documental. Trata-se também de uma importante ferramenta para desmistificar os preconceitos e estereótipos referentes a esse grupo ao longo da história.

Um dos espaços onde havia maior concentração dos povos ciganos recebeu o nome de Campo dos Ciganos. No capítulo seguinte à *Quadrilha de Ciganos*, Mello Moraes descreve o território que compreendia esse espaço que, posteriormente, ficou conhecido como Campo de Santana e, atualmente, está situado na Praça Tiradentes.

A presença cigana, no Rio de Janeiro, é percebida a partir do início do século XVIII e é marcada pela presença maciça de ciganos no Campo de Santana, planície alagadiça, posteriormente chamado de Largo do Rossio (atual Praça Tiradentes), que ficou conhecido como Campo dos Ciganos (COUTINHO, 2013 p.22).

A forma como Mello Moraes descreve as viagens e os costumes do dia-a-dia dos ciganos na cidade é bastante detalhada, logo, impressiona o leitor contemporâneo, tendo em vista a forte característica da verossimilhança, amplamente estudada pela crítica literária.

A cidade como espaço de circulação de pessoas criava uma imagem dos ciganos como sujeitos que ameaçavam a segurança, dessa forma, sua presença era constante nos jornais, nas mais variadas formas. Ou seja, os ciganos tinham a sua imagem conformada do engodo à desordem. Estes são comentados nas colunas do jornal de grande circulação *O Paiz* (1904). Na edição do dia 5 de janeiro de 1904, há uma crônica, por exemplo, em que um homem cigano faz uma encenação em praça pública e é ovacionado pelo público como um endemoniado. Além disso, ele é descrito como um indiano, provavelmente, por conta da tonalidade de sua pele.

E começou a enterrar os punhaes no peito, sorrindo, mostrando a grande dentadura amarela, como se estivesse a experimentar uma deliciosa sensação com os estranhos golpes.

Os espectadores, pallidos, suplicavam-lhe, ordenavam-lhe que não proseguisse. [...] Naquele retiro, desprezando os conselhos de timoratos que lhes diziam que não fossem lá, que o cigano tinha parte com o diabo e que à noite virava lobisomem, tres homens corajosos resolveram certa noite ir ao encontro do mysterioso discipulo do maior fakir do mundo (O PAIZ, 05-01-1904, ano XX, nº 7.054,p. 1).

No trecho acima e em muitos outros, há uma narrativa curta, que satiriza a imagem do protagonista, nesse caso, um cigano. Este gênero pode ser associado, portanto, a uma crônica policial. No século XIX, as crônicas eram publicadas exclusivamente nos jornais, ao lado dos folhetins, logo, seu conteúdo podia ser descartado diariamente. Candido (1992), afirma que a crônica “se ajusta à sensibilidade de todo dia”.

Assim, ele cria uma forma de expressão metafórica para caracterizar este gênero textual, afirmando que os cronistas permanecem ao ‘rés-do-chão’. Ora, já que os cronistas tinham noção da efemeridade do seu trabalho, não esperavam que suas histórias fossem perdurar por anos. Por mais contraditória que pareça esta situação, a ingênua crença de que os folhetins fossem um conteúdo descartável e, portanto, não seriam arquivados, contribuiu para desconstruir a escrita pedante e conservadora dos grandes intelectuais. Esta desconstrução trouxe os relatos para mais perto dos leitores populares, através de uma linguagem simplificada.

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p. 13-14).

“Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias” (CANDIDO, 1992, p.16). Ainda assim, o teor leve da crônica não deve ser confundido com algo incomunicável ou não-intencional. Pelo contrário, a visão do cotidiano e da vida crua de seus personagens serve como ferramenta para causar uma reflexão ao leitor. E, talvez, esta seja uma forma mais eficaz de fazê-lo do que com base em um desgastante aporte teórico.

Apesar dos jornais parecerem tratar majoritariamente dos ciganos destacando seus aspectos negativos, Mello Moraes também os descreveu positivamente. Não é possível, no entanto, comprovar a veracidade dos fatos e nem dos diálogos registrados nesse documento, ainda mais por se tratar de uma obra que oscila entre os gêneros literário e não-literário, dando margem para uma interpretação dos acontecimentos como fatos, mas também como conteúdo ficcional.

Ao abrir o agradecimento da obra *Factos e Memórias*, nota-se que seus relatos são, na verdade, provenientes dos seus escritos na coluna do jornal *Correio da Manhã*. O Capítulo intitulado *Quadrilha de Ciganos* é o terceiro do livro e este, por sua vez, se divide em três partes, cada qual com suas especificidades que são notadas logo na introdução, em formato de sumário:

Ciganos em viagem. - Prevenções e precauções. - Os motivos. - Acampamentos matinaes, - Intimação official e depredações consecutivas. - Modo de viajar. - A' sombra dos arvoredos. - Multiplas aptidões. - O primeiro roubo. - A praga da cigana. - Nos ranchos. - Preparativos e partida. - Maguada canção. - A luz nas trévas. - Beirando as fazendas. - Belleza de typos. - O reverso da medalha. - O chefe dos bandidos. - Em marcha. - Compatibilidades com a vida equestre. - Renhidos combates. - A duas leguas das povoações. - Disposição do bando. - As berganhas e os furtos. - Peões e embusteiros. - Os ciganos na natureza (MELLO MORAES, 1904, p. 95).

A partir dessa espécie de resumo da primeira parte, o autor organiza os relatos do que, supostamente, observou sobre as andanças dos ciganos. Dentre eles, há alguns fatos curiosos, sobre os quais vale a pena comentar.

Apesar de andarem sempre em bandos, os ciganos também são descritos como seres solitários: “E que essas tropilhas, eternamente vagabundas, sem pouso certo e sem lar, hospedes de todos os perigos e de todas as solidões, ameaçam a propriedade com os assaltos e as pilhagens, a boa fé campezina com escamoteações e embustes” (MELLO MORAES, 1904, p.96). Além disso, dá-se a entender que a criminalidade é provavelmente, uma das poucas opções que lhes resta para sobreviver, já que são sempre descritos como caravanas que andam com poucos recursos e em situações muito precárias em relação às vestimentas e à própria higiene.

[...] Matronas e moças descalças ou de alprecatas, carregam a tiracollo trouxas de roupa, levando á cabeça bahús e utensilios diversos; outras, aquellas que são mães, trazem amarrados nas costas, ao hombro ou escanchados os filhos pequeninos, morenos como bronzes antigos, nús e esportos como vermes que pulam (Ibidem, p. 97).

Os homens são descritos como cangaceiros, sempre encobertos por objetos de couro, com peças de fazendeiros, pistolas e facas amarrados às cintas. Estes objetos são utilizados por eles nos combates nas ocasiões em que o furto gera conflito ou para se protegerem à noite. Já que seus acampamentos são montados a céu aberto e eles vivem em situação de completo nomadismo. Aparentemente, andavam acompanhados de animais de carga como cavalos, mulas e burros.

O anoitecer é retratado por Mello Moraes de forma bastante poética, enaltecendo as canções, as quais faziam parte da tradição e da rotina dos ciganos. Em contraste com o clima tranquilo sob a lua e o sereno, estão os supostos maus hábitos relacionados à forma como se alimentavam. O autor declara a predileção desse povo pela carne de porco, por exemplo, A comida era consumida no chão os nas esteiras, sem o auxílio de talheres, somente com os dedos, num ato de desespero e ansiedade, devido ao constante estado de fome.

Por outro lado, eles pareciam buscar manter sempre a tradição de cantar e tocar instrumentos juntos, geralmente, reunidos em roda, em volta de uma fogueira. Isso mostra que apesar da ignorância quanto às questões de saúde e higiene, os ciganos carregavam uma riqueza cultural e artística muito grande. Este cenário é descrito no trecho a seguir: “E quando cae a noite, um cordão de fogo listra a grimpa dos serros e o interior das florestas, escutando-se ao longe um tinido de viola, e umas cantilenas maguadas, e suavíssimas” (MELLO MORAES, 1904, p. 100). Mello Morais ainda conseguiu escrever a letra do que, supostamente, seria um exemplo de cantiga:

Como o galé deixa os ferros,
Quando vae livre viver,
Assim deixarei meus dias,
Quando tiver de morrer.

A morte, por ser desgraça,
Não deixa de ser ventura,
Pois corta pelas raizes,
Males que a vida não cura.(Ibidem, p. 100)

Quanto às mulheres, estas são sempre descritas como subalternas aos homens, pois assumem, sobretudo, a tarefa de cuidar das crianças, levantar e abaixar o acampamento, preparar, ainda que de modo precário, as refeições e acender o fogo. A dependência desse grupo em relação ao feminino transparece desde a delimitação das suas obrigações como mãe e esposa dentro do sistema patriarcal, no qual nem mesmo os ciganos saem isentos, como também pela exaltação da sua beleza física. Era importante para a mulher cigana se manter sempre vaidosa e cheia de adornos.

Aqui e além, criaturas trigueiras e formosas, de olhos rasgados e fascinantes, adornadas de ouro e de pedrarias falsas, de patuás, moedas e veronicas, perambulavam vivissimas, pelos lenços de ramagens, encarnados e amarelos, que lhes toucam os cabellos (Ibidem, p.98).

No entanto, a vestimenta exuberante também poderia carregar um símbolo de reprovação ante à sociedade, devido ao costume de se associar a figura desta mulher sempre às cartomantes e feiticeiras. De fato, este caráter exotérico, que acompanha de forma exaustiva os povos ciganos, está, intimamente, relacionado ao feminino. O que, ironicamente, pode ser associado ao evento bíblico do “pecado original”, sentenciado por Eva, ao aceitar comer do fruto proibido na Gênese da narrativa cristã. Em ambos os cenários, é possível perceber o peso da moralidade para a mulher, bem como as responsabilidades que ela carrega, muito mais que os homens: “Deitando cartas, prescrutando o destino, as horrendas feiticeiras fazem tregeitos, acercando-se dellas os tabaréus com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena.” (Ibidem, p. 99).

Considerações finais

Através de um panorama sócio histórico dos principais acontecimentos que regeram o final do século XIX, buscamos, com este trabalho, investigar as profundas mudanças que implicaram o modo como os escritores e jornalistas retratavam a realidade brasileira. Mesmo com o objetivo de aproximação do modelo de civilização europeu, a literatura enquanto arte não se omitiu ao descrever o proletariado nem os diversos grupos que compunham as divisões destes, como os ciganos.

Portanto, nas palavras de Benjamin (1985), “a ciência e as belas-letas, a crítica e a produção, a cultura e a política seguem sentidos divergentes, sem qualquer relação ou ordem em si”. Pois se não fosse pela arte, como a cultura seria capaz de perpetuar os ideais e valores que compõem o imaginário dos cariocas até hoje?

Resta-nos agora procurar averiguar como essa realidade ainda pode ser combatida ao invés de reproduzir os mesmos pensamentos infundados e, portanto, preconceituosos, acerca dos costumes e, mesmo, do caráter dos ciganos, assim como dos demais grupos marginalizados no Rio de Janeiro.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. Trad. Flavio Koth. São Paulo: Brasiliense, 1985. BROCA, Brito. **A vida literária dos 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-20.
- FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2006, V. 49 N° 2, p.689-729. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ra/v49n2/07.pdf>. Acesso em 10/12/2019.
- MELLO Moraes Filho. 1904. Quadrilha de Ciganos. In: **Fatos e Memórias**. Rio de Janeiro: Garnier, Parte III [reproduzida IN: Mota, Ático Vilas-Boas de (org.) 2004. Ciganos: antologia de ensaios, Brasília: Thesaurus, pp.19-39].
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**. Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. Perturbadores da ordem: ciganos, mero caso de polícia? In: **Anais. XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Professores Universitários de História- Regional Rio de Janeiro: Saberes e práticas científicas, 2014. p. 1-16. Disponível em http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397360383_ARQUIVO_PERTUBADORESDAORDEMANPUHRJ2014.pdf. Acesso em 15/10/2019.
- CORDEIRO, Marcos Rogério. A cidade e as antinomias da modernidade. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n.3, p. 19-24, 1995.
- OSWALD, Maria Luiza M. B. Literatura e Formação: uma leitura benjaminiana de Lima Barreto. In: YUNES, Eliana. **Experiência da Leitura (A)**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- PIERONI, Geraldo. **Vadios, heréticos e bruxas: os degredados portugueses no Brasil-colônia**, 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991. Disponível em https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1991._pieron_gerald_._vadios_hereticos_e_bru_xas._os_degredados_portugueses_no_brasil-colonia.pdf. Acesso em 10/10/2019.
- Periódico Consultado**
O PAIZ, 05-01-1904, ano XX, nº 7.054, p. 1.

UMA BABEL DE CRENÇAS E AVessos NA CRÔNICA DE JOÃO DO RIO

Jéssica Leonila¹²

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar as crônicas de João do Rio e sua importância para a compreensão das construções discursivas relacionadas à cidade do Rio de Janeiro no período da Belle Époque e a conexão entre experiência urbana e literatura, evidenciando as manifestações religiosas populares existentes na cidade no início do século XX e como estas foram colocadas à margem da sociedade da época, através dos discursos de modernização que fundamentaram a formação do espaço urbano moderno. Para levar a cabo tal estudo, utilizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada no entrelaçamento de textos teóricos e historiográficos a uma pesquisa documental no jornal *Gazeta de Notícias*, em cujo periódico João do Rio publicou a Coluna “As religiões no Rio”, no período entre janeiro e abril de 1904. Para a leitura dos textos de João do Rio sobre as religiões, foi estudado o contexto histórico-social em que essas crônicas estavam inseridas, e como elas se relacionaram com os processos de reorganização do espaço urbano, que compunha uma verdadeira “Babel” de crenças e religiões.

Palavras chave: literatura; modernidade; Rio de Janeiro; religiões; Belle Époque.

Abstract

This article aims to study the chronicles of João do Rio and its importance to understand the discursive constructions related to the city of Rio de Janeiro in the Belle Époque period and the connection between urban experience and literature, showing the popular religious manifestations existing in the city at the beginning of the 20th century and how these were placed on the margins of the society, through the discourses of modernization that founded the formation of the modern urban space. In order to carry out this study, we used a bibliographic research, based on the interlacing of theoretical and historiographic texts with a documentary research in the newspaper “Gazeta de Notícias”, in whose journal João do Rio published the column “As Religiões no Rio”, in the period between January and March 1904. In order to read João do Rio's texts about religions, the historical-social context in which these chronicles were inserted was studied, and how it was related to the processes of reorganizing the urban space, which comprised a true “Babel” of beliefs and religions.

Key Words: literature, modernity, Rio de Janeiro, religions, Belle Époque.

Introdução

Em fins do século XIX, a ideia de modernidade aliada ao progresso torna-se fecunda e se difundiu do seu berço parisiense para os demais países, incluindo os pertencentes à América Latina. No Brasil, o Rio de Janeiro, por ser a Capital da República passou por uma grande transformação não só por ter sido o palco da República, como também por representar metonimicamente o país.

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

¹² Acadêmica do curso de Letras (Português/ Literaturas de Língua Portuguesa) da Faculdade de Letras da UFRJ. Atualmente, desenvolvendo projeto de iniciação científica sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Nascimento, como bolsista do CNPq na modalidade IC. Este trabalho contou com o apoio do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio de Bolsa PIBIC.

O Rio de Janeiro, afinal, era o ponto de convergência de todas as tendências políticas da época. Foi lá que o Partido Conservador, cuja força e sustentação dependia principalmente dos fazendeiros do interior fluminense, se formou, para assumir a hegemonia carioca durante a consolidação do Império em meados do século. A cidade sediou movimentos e manifestações que levaram à libertação dos escravos e ao fim da monarquia. E não importava o quanto as meadas da República Velha fossem fiadas nos estados; no Rio elas eram tecidas, formando uma malha de conspiração, revolta e politicagem. (NEEDEL, 1993, p. 40-41)

A cidade do Rio, edificada sobre o morro do Castelo, não possuía uma distribuição territorial propícia à expansão dos centros urbanos, apesar de sua localização litorânea, seu espaço urbano era formado por quintais e chácaras e, ao final do século XIX o Rio era formado por ruas estreitas, sujas e insalubres, contrastando com a ideia de capital do país. (NASCIMENTO, 2011, p.61).

Para tornar possível o projeto de modernizar a cidade e trazer a Europa aos trópicos, foi planejada e instaurada a reforma urbana realizada pelo prefeito Francisco Pereira Passos, no início do século XX, inspirado nas reformas da Belle Époque parisiense promovidas pelo Barão de Haussmann. Em seus escritos, Walter Benjamin ao discorrer sobre a modernidade, reflete sobre as reformas parisienses empreendidas pelo Barão de Haussmann como estratégias que simbolizavam a modernidade burguesa, e como o processo de destruição da Paris medieval e a construção da Paris moderna correspondia aos postulados do fazer o novo.

A verdadeira finalidade dos trabalhos de Haussmann era proteger-se contra a eventualidade de uma guerra civil. Queria tornar para sempre impossível a construção de barricadas nas ruas de Paris. Com a mesma intenção, Luís Filipe já introduzira o calçamento de madeira. Mesmo assim, as barricadas desempenharam um papel considerável na revolução de fevereiro [de 1848]. Engels tratou do problema de táticas nas lutas de barricadas. Haussmann procura preveni-los de dois modos. A largura das ruas tornará impossível a construção de barricadas, e novas vias ligarão em linha direta as casernas aos bairros operários. Os contemporâneos batizaram seu empreendimento de “embelezamento estratégico”. (BENJAMIN, 1985, p. 42)

Assim como em Paris, no Rio de Janeiro, o projeto de reforma urbana tinha por principais fundamentos o discurso científico positivista, baseado nas ideias de Auguste Comte com o lema “ordem por base e progresso por finalidade”, e o discurso higienista, que buscava higienizar a cidade não só das doenças advindas das condições insalubres que permeavam o Rio, como também esconder as mazelas sociais, colocando a responsabilidade da insalubridade aos sujeitos pertencentes às classes mais pobres.

Segundo Nascimento, “ocorreu o que se chama de uma ‘modernização pelo alto’, que escondia ilusoriamente a miséria e mascarava as verdadeiras relações sociais de produção de um país recém-saído do regime escravista.” (NASCIMENTO, 2011, p.74). Para tanto, as políticas adotadas pelas instituições brasileiras ao início da República evidenciavam as relações de controle que se tentava estabelecer na sociedade, pautadas nas diferenças sociais que definiam quem perturbava a ordem e dificultava o progresso que tanto se almejava.

Para melhor compreensão sobre a ideia que se fazia de quem dificultava o progresso e a civilização, faz-se necessário compreender o conceito de “classes perigosas”. Chalhoub disserta acerca da origem do termo, que foi discutido na França e utilizado para definir todos os tipos de viciosos e malfeitores da sociedade, e como tal concepção resumia-se às classes populares e sem poder aquisitivo, tornando o pobre em sinônimo de vicioso e malfeitor. Inicialmente o termo surgiu com a escritora Mary Carpenter e passou a ser utilizado por um funcionário da polícia francesa, M. A. Frégie, buscando definir através de inquéritos e estatísticas policiais as classes perigosas nas grandes cidades. Posteriormente, o termo foi utilizado em debate na Câmara dos Deputados do Império logo após a sanção da lei áurea, que abolia a escravidão, em 1888. De acordo com o que consta nos anais da Câmara dos Deputados:

As classes pobres e viciosas, diz um criminalista notável, sempre foram e hão de ser sempre a mais abundante causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que se designam mais propriamente sob o título de - classes perigosas -; pois quando mesmo o vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se á pobreza no mesmo indivíduo constitui um justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais a mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade. (Anais da Câmara dos Deputados, vol. 3, p. 73, sessão de 10 de julho de 1888).

Como explicitado, o combate à ociosidade era uma das formas de controle da sociedade no contexto republicano, e a pobreza e falta de condições de trabalho automaticamente colocavam à margem todos os indivíduos que não se submetessem às condições impostas, definindo-os como malfeitores e viciosos e negando sua cidadania. Vale ressaltar que após a abolição da escravidão no Brasil, os recém-libertos não usufruíram de políticas públicas que os dessem condições de vida e trabalho, o que os obrigavam a se submeterem novamente as relações de trabalho aos moldes escravistas impostos.

[...] para os nobres deputados, a principal virtude do bom cidadão é o gosto pelo trabalho, e este leva necessariamente ao hábito da poupança, que, por sua vez, se reverte em conforto para o cidadão. Desta forma, o indivíduo que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Finalmente, e como o maior vício possível em um ser humano é o não-trabalho, a ociosidade, segue-se que aos pobres falta a virtude social mais essencial; (CHALHOUB, 1996, p.22).

Pouco depois da Proclamação da República, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, possuía cerca de 230 mil habitantes e logo teve esse número quase dobrado, passando a ter 500 mil, o que desencadeou uma grave crise habitacional. A população pobre começou a se alojar em cortiços e moradias precárias no centro da cidade, formada por ruas estreitas e insalubres, onde a proliferação de doenças como varíola, febre amarela, malária se davam com facilidade. (BETING, 2019, p.12). A partir desse cenário, o Rio passa a receber as reformas urbanas realizadas no período de virada do século e “as obras duraram mais de dez anos e baseavam-se em três eixos: o saneamento do centro da cidade, a modernização do porto e o redesenho de ruas e avenidas”. (BETING, 2019, p.12)

As reformas urbanas também abrangiam questões de higiene, tentativas de combate à insalubridade e epidemias, uma vez que o Rio de Janeiro, apesar de possuir o maior porto do país, era uma das cidades mais insalubres do mundo devido à falta de saneamento básico. (NASCIMENTO, 2011). Porém, tais questões de higiene possuíam também teor político-ideológico que passaram a justificar a repressão às camadas mais pobres e determinando os espaços em que esses poderiam ou não circular, e ditando novas condutas e formas de vida.

De acordo com o pensamento da época, o progresso estaria ligado a fatores como meio, raça e classe social. Tornava-se necessário, então acabar com a inferioridade tecnológica, política e social do país, corrigindo-se as distorções de uma população mestiça, cabocla, “sem higiene” e “sem modos”, através da ciência e da higiene, para produzir cidadãos dóceis e ordenados. (NASCIMENTO, 2011, p.69).

O discurso sanitarista visava higienizar os espaços urbanos e, para isso, além de identificar as classes populares como portadoras e proliferadoras de doenças, foram estabelecidas medidas autoritárias e violentas sob o discurso de modernização, ordem e progresso.

A decisão levada a cabo pelos poderes públicos implicava desalojar milhares de famílias pobres, expulsando-as de áreas centrais, onde estavam os cortiços, para locais de difícil edificação. Resultado: a mesma cidade que embelezava era também a que inventava a favela, termo que nasceu na época [...] (PRIORI, 2017, p. 20).

Em janeiro de 1893, sob a gestão do prefeito Barata Ribeiro, foi demolido o mais conhecido cortiço carioca, o Cabeça de Porco, com um aviso prévio de três dias emitido pela Intendência Municipal para que os moradores deixassem o local e, por fim, nem mesmo os três dias foram cumpridos, tendo a destruição sido imediata. Na imprensa, a demolição repercutia de forma saudosista, como um ato de coragem do prefeito e o destino dos seus moradores era ignorado. Para Sidney Chalhoub, “o episódio da destruição do Cabeça de Porco se transformou num dos marcos iniciais, num dos mitos de origem mesmo, de toda uma forma de conceber a gestão das diferenças sociais na cidade”.

Posteriormente, já na gestão do prefeito Francisco Pereira Passos e sob o comando do presidente Rodrigues Alves, inaugura-se a abertura da Avenida Central, em 1904, que se torna a obra de maior importância para a cidade e, para isso implantou-se o plano Bota-Abaixo, de Passos, em que demolições eram realizadas no centro do Rio em prol das reformas urbanas. Viviam-se a era da explosão de inovações tecnológicas, como o surgimento dos automóveis, e o espaço urbano precisava ser remodelado para comportá-los. E, segundo o romancista José Vieira, “o ‘bota-abaixo’ prosseguia, atacado, para alongar-se, de mar a mar, da praia do Boqueirão ao ponto das barcas de Petrópolis”. (VIEIRA, 1934 apud BROCA, 1960). Contudo, a população pobre era expulsa dos centros urbanos e passava a criar as primeiras favelas da cidade.

Junto às demolições promovidas pelas reformas urbanas do referido período, houve a tentativa de destruição ou apagamento do passado indígena, negro e mestiço. Para exibir uma cidade moderna, buscava-se apagar a história e criar uma imagem de desenvolvimento sem, entretanto, um planejamento de aplicação de políticas públicas que atendessem aos mais pobres e prejudicados, ficando estes à margem da sociedade imaginária burguesa, comportando o Rio de Janeiro duas realidades opostas ocupando no mesmo espaço.

Crônica e experiência urbana na Belle Époque carioca

Segundo Raquel Rolnik, “a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história”. (1988, p.9). E como tal, tentar compreender de forma unilateral e globalizada esse registro constituído por diversas partes, é passível de equívoco. A cidade é como um livro de registros constituído por documentos, fotos, crônicas, mapas, literatura, que formam sua memória, num trabalho coletivo e construído por diversos discursos, vozes, leituras, experiências e pontos de vista. (GOMES, 1994, p.23).

Portanto, para tentar captar as memórias e os registros de um espaço urbano, é preciso levar em conta que cidade e discurso se relacionam e o texto se constrói através de retalhos. O espaço urbano não se resume às delimitações físicas e arquitetônicas, mas é construído por uma rede de significados, relatos e referências. Para Gomes, o texto do discurso de uma cidade é constituído:

[...] por um conjunto desordenado em que convivem, em tensão no contexto para onde foram deslocados, citações de universos culturais não acopláveis. A diversidade, a proliferação das formas e códigos, as múltiplas linguagens conotam a ótica babélica da metrópole monumentalizada e ajustam-se à técnica de composição que o artista adota. (GOMES, 1994, p. 27)

Durante as transformações que o Rio de Janeiro passou durante a Belle Époque, é preciso compreender que havia também a tentativa de criação de uma nova identidade e desvinculação com os registros passados, para mostrar ao mundo o projeto moderno ao qual a cidade estava tentando se inserir, não somente como recriação do espaço físico, mas como construção simbólica de uma comunidade em busca do ideal, também construído, de progresso. “Assim, a ‘cidade-capital’, mais que uma consequência histórica natural, era uma representação ideológica de poder que fazia do centro administrativo do país uma alegoria do que se pretendia como identidade nacional” (O’DONNELL, 2008, p.43). Segundo Jorge Schwartz, “tenta-se apagar a tradição da cidade colonial, para erguer uma cosmópolis que, ao fim, não passa de uma subcosmópolis que gravita em torno de Paris”. (SCHWARTZ, p.5) Já Gomes diz que “transforma-se a cidade numa ‘floresta de símbolos’, para que possa ser lida como ‘moderna’”. (GOMES, 1994, p.105)

Entendendo a crônica como parte do registro da cidade, torna-se explícita a relação entre esse gênero e a experiência urbana dos habitantes desse cenário de mudanças. Em meio ao caos e a vertigem da modernidade, a crônica se relaciona com a sociedade e com o cotidiano. Em “Fragmentos sobre a crônica”, Davi Arrigucci ressalta as características desse gênero:

A crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom menor do bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária, onde às vezes encontra a mais alta poesia. (ARRIGUCCI, 1987, p. 55)

Arrigucci fala sobre os diversos significados da palavra crônica e ressalta que todos remetem a noção de tempo, do grego *chronos*, relacionando a dialética entre tempo, registro e memória. Para o autor:

[...] a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos.

A crônica surge na França e aparece no Brasil na segunda metade do século XIX, a partir do folhetim, no jornal. Por seu formato folhetinesco e transitório, ela não foi feita para ter longa duração, pois foi pensada como uma publicação efêmera e corriqueira. Para Antônio Cândido, “a crônica não é um gênero maior”, nem foi pensada para a alta literatura. (CÂNDIDO, 1992, p.13.). E tal definição não funciona como justificativa para um julgamento equivocado do gênero, errônea e comumente vista como sem importância literária quando comparada a gêneros considerados maiores, como o romance, por exemplo. Arrigucci afirma:

À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela aparece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. (ARRIGUCCI, 1987, p.53.)

João do Rio, como cronista, registra os pormenores da vida vertiginosa da sociedade carioca e as contradições existentes na fase de mudanças da virada do século XIX para o XX, “na qual retrata tanto a elegância e a futilidade dos salões da alta sociedade, como reflete as injustiças sociais, as misérias e as mazelas que esta mesma cidade esconde”. (CHIRLEY; ALVES, 2005, p.14.)

Paulo Barreto, mais conhecido por seu pseudônimo João do Rio, nasceu em 03 de agosto de 1881, no Rio de Janeiro, na antiga rua do Hospício, atualmente conhecida como rua Buenos Aires. Filho de um positivista convicto, João do Rio tem sua história iniciada ao final do Segundo Reinado e acompanhou os dois marcos da história do país, que eram muito aclamados por seus familiares: a abolição da escravidão e a proclamação da República. (RODRIGUES, 2010, p.09) O escritor viveu a Belle Époque carioca, acompanhou as reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro e teve papel fundamental para a renovação histórica da imprensa brasileira.

Em 1899, com 18 anos incompletos, João do Rio escreveu seu primeiro texto jornalístico para o jornal “A Tribuna”, iniciando sua carreira na imprensa e, posteriormente, fez colaborações em “A cidade do Rio”, periódico de José do Patrocínio, seu contraparente. A imprensa brasileira também passava por transformações ao final do século XIX, e com o advento das inovações tecnológicas, a produção dos periódicos aumentava o número de rodagens por edições, ao mesmo tempo em que a sociedade que buscava por valores modernos percebia a necessidade de ferramentas que viabilizassem a difusão de uma opinião pública.

João do Rio, através de sua crônica, une jornalismo e literatura, criando uma multiplicidade de vozes para registrar as transformações pelas quais a cidade passava. O autor transitava por diversos lugares, realidades e mundos que ocupavam o mesmo espaço na então capital federal e passa a adotar pseudônimos para assinar seus textos, como se estivesse se dividindo em várias personas com temáticas e estilísticas diferentes. Paulo Barreto assinava como João do Rio, X, Claude, Joe, Paulo José, e segundo O’Donnell, “nesse período de valorização da informação em quantidade e velocidade, a multiplicação do jornalista em várias personagens revelava-se uma estratégia de sobrevivência no mercado da imprensa”. (O’DONNELL, 2008, p.77)

Dentre as influências de João do Rio, Oscar Wilde e Jean Lorrain se destacam e é possível perceber tais inspirações não só em seu trabalho, como em sua figura pública e, em muitas vezes, a vida e a obra do autor se fundiam. Por conta disso, João do Rio recebeu muitos ataques, principalmente da elite intelectual da época, como Monteiro Lobato, que não cansava de acusá-lo de plagiador. Em cartas trocadas com Lima Barreto, Lobato acusa João do Rio de plagiar descaradamente Eça de Queirós. Para Julia O’Donnell, “sua obra é um caso primoroso de apropriação original de tendências já existentes que resultaram no desenvolvimento de novidades que mudariam para sempre o perfil do jornalismo nacional (O’DONNELL, 2008, p.92). As acusações direcionadas ao escritor quase sempre eram associadas a sua vida pessoal, “referentes à sua homossexualidade, sua cor amulatada, e sua silhueta generosa.” (O’DONNELL, 2008, p.92)

A multiplicidade de vozes em suas crônicas e a diversidade de espaços pelos quais João do Rio perambulava mostram certo antagonismo e complexidade em sua escrita e em sua própria vida. Ao mesmo tempo em que transitava por luxuosos salões e se relacionava com pessoas de requinte, ele também ia aos locais de menor prestígio social em busca de matéria prima para seu trabalho. Em “A alma encantadora das ruas”, o autor revela a importância da rua e da cidade como fonte de material para suas reportagens, em que capta as realidades escondidas nos espaços cariocas, que aparentemente não tinham valor no jornalismo e na literatura até então. Ele fala das pequenas profissões, existentes e ignoradas pelas outras camadas sociais, fala da miséria, da fome, das condições de vida e das relações e especificidades dos transeuntes. Com isso, destacam-se duas figuras presentes no mesmo escritor: a do flâneur e a do dândi.

Para compreender a psicologia da rua não basta goza-lhe as delícias como se goza o calor e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes - a arte de flunar.

[...] Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem.

[...] É vagabundagem? Talvez. Flunar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela, como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café como Poe no Homem das multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. (RIO, 2015, p.31-32)

A chegada de João do Rio à Gazeta de Notícias se dava ao mesmo tempo em que a cidade passava pelas reformas ou, como diria o próprio autor, por uma verdadeira “cirurgia urbana”, e ele logo se transformou em um dos nomes mais notáveis do jornalismo brasileiro durante esse período, pois conseguia captar cada detalhe das transformações e transformá-los em crônicas, servindo de inspiração até hoje. O cronista não limitava seu olhar à somente uma perspectiva, pois transitava entre as diversas camadas da população carioca, construindo seu legado e mostrando diversas facetas da sociedade que se mantinham escondidas até então.

As religiões no Rio: Na babelônia das crenças

Aos 25 anos, João do Rio escreveu para a Gazeta de Notícias uma série de reportagens intitulada “As religiões no Rio”, entre janeiro e abril de 1904, em que ele saía da sala de redação do jornal e ia até os locais de cultos e manifestações religiosas para colher material para suas crônicas, introduzindo o jornalismo investigativo no Brasil. O sucesso foi tão grande que as crônicas foram publicadas em livro no mesmo ano, pela editora Garnier, e alcançou a marca de 10 mil exemplares vendidos, tornando-se logo um best-seller. (RODRIGUES, 2015, p.7).

Muito se falou sobre as semelhanças entre essas crônicas de João do Rio e uma série de reportagens publicadas em 1898, no jornal francês *Le Figaro*, assinada por Jules de Bois, que tratavam das religiões em Paris e que, posteriormente, também se tornou livro, sob o título “*Les petites religions de Paris*”. Já o biógrafo de João do Rio, João Carlos Rodrigues, examinando os dois trabalhos, disse que “apesar dessa coincidência, vejo mais diferenças do que semelhanças entre as duas obras, o que pode ser melhor verificado no cotejamento entre os capítulos que abordam o mesmo tema.” (RODRIGUES, 2015, p.8).

No Brasil, o médico e professor Nina Rodrigues, escreveu acerca das manifestações religiosas de matriz africana, em que analisava a figura do negro através da antropologia criminal e via o sentimento religioso do negro afro-brasileiro como um fraco desenvolvimento intelectual. Seus trabalhos tinham veiculação restrita e só foram publicados 30 anos após sua morte. Pode-se dizer, portanto, que João do Rio foi pioneiro em escrever sobre as diversas manifestações religiosas existentes no Rio de Janeiro, principalmente, de matriz africana. (SOUZA, 2017). Segundo o parecer da Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicado em 1907:

O livro *As religiões do Rio*, do sr. Paulo Barreto, é único em seu gênero na literatura brasileira. Nós já possuímos, por certo, vários quadros de costumes [...]; não possuímos, porém, um quadro social, tão palpitante de interesse, como esse que o jovem dedicou às crenças religiosas do Rio de Janeiro. [...] Escrito com verve, graça e cintilação de estilo, o livro é uma verdadeira jóia que deve ser apreciada pelos leitores competentes. Tem cunho histórico, porque fotografa o estado d'alma fluminense num período de sua evolução. (Parecer da Comissão de História do IHGB, publicado em 20 de maio de 1907, apud RODRIGUES, 2015).

Em meados do século XIX, a sociedade brasileira ainda era pensada e retratada como uma sociedade homogeneamente católica e não se falava sobre pluralismo religioso, mesmo ele existindo. Apesar de a Constituição Brasileira de 1891 ter separado o Estado da Igreja e assegurado a liberdade religiosa, na prática não era o que acontecia e o próprio conceito de religião ainda não era relacionado às práticas que não fossem católicas, o que abria margem para que diversas crenças fossem criminalizadas.

Portanto, a noção genérica de “religião” a partir da qual se garantiram legalmente a liberdade religiosa e a expressão dos cultos teve como matriz o intenso debate jurídico sobre a melhor maneira de regular os bens, as obras e as formas de associação da Igreja Católica. Na formulação de Giumbelli, as disputas em torno da liberdade religiosa que constituíram o espaço civil republicano nunca versaram sobre “qual religião teria liberdade, mas quase sempre sobre a liberdade de que desfrutaria a religião [católica]”, uma vez que não havia então qualquer outro culto estabelecido, nem se concebiam outras práticas populares como religiosas. A Igreja Católica temia a influência do positivismo e das ideologias secularizantes e agnósticas sobre a nova constitucionalidade do regime republicano. (MONTERO, 2006, s/p)

É necessário ressaltar o pioneirismo de João do Rio ao evidenciar que a população brasileira, especificamente do Rio de Janeiro, não era homogênea e que ali existiam diversas religiões, ainda que não fossem reconhecidas como tal. As religiões populares eram as mais prejudicadas pelas estruturas racistas vigentes e sofriam as mais perversas tentativas de apagamento cultural. Segundo Rodrigues, “[...] o código Penal punia o uso comercial das superstições e a exploração da credulidade pública. Os cultos afro-brasileiros eram frequentemente enquadrados como infração da lei e perseguidos pela polícia.” (2015, p.10). João do Rio, através desta série de crônicas, põe em evidência desde as religiões com adeptos pertencentes às elites até as religiões populares.

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos literários, fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, cismáticos, espíritas, babalaôs de Lagos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto. (RIO, 2015, p.7).

Com a consolidação do capitalismo no mundo e o fim do Império, as ideias científicas ganhavam força e a ortodoxia, assim como a monarquia, ia se enfraquecendo e, com isso, o catolicismo foi servindo como ponte para outras crenças, formando um sincretismo religioso forçado, já que não se podia assumir publicamente crenças que não fossem católicas.

No Brasil, desde sempre, as crenças populares misturaram o culto dos santos católicos aos rituais de origem indígena ou africana. Mas, nos meios intelectuais e burgueses, preferiam-se respostas buscadas nas doutrinas constituídas “cientificamente”. A primeira que mereceu adesões foi o magnetismo, que teve seu jornal próprio, nascido em 1860, o Jesus e Mesmer, título que confirmava a filiação cristã. (PRIORI, 2014, p.49)

Segundo a autora, ainda na corte, a classe média ascendia e, com ela, a ciência e a laicização entravam em evidência, abrindo espaço para o misticismo. Com o catolicismo perdendo espaço, muito se falava a respeito de fenômenos paranormais e as mais diversas tentativas de explicá-los através do conhecimento científico. A ciência ganhava cada vez mais espaço.

[...] a Igreja repudiou o liberalismo e o progresso. O importante, diziam os bispos, eram os sacramentos e a rígida moral. Qualquer outra forma de culto era descartada, quando se devia obedecer à infalibilidade do papa. Depois da queima dos livros de Kardec, não faltou padre que dissesse que: sim, os espíritos podiam se comunicar com os vivos. Mas os bons só o faziam dentro das igrejas. Fora, era o lugar dos maus. (PRIORI, 2014, p.67)

O fim da escravidão colocava dinheiro nas capitais, que tentavam se modernizar, tendo como espelho a Europa e, com isso, o Darwinismo, o Materialismo e o Positivismo ganhavam força, enquanto os grupos de lutas por reformas políticas eram formados também por adeptos do espiritismo. A laicização do Estado tornava-se uma busca prioritária entre os intelectuais no Brasil e, ao final do século XIX, o cenário paranormal estava fervilhando e, se por um lado as elites buscavam explicações racionais, por outro, “a cultura popular mantinha a magia viva”. (PRIORI, 2014, p.19).

A Igreja Positivista

João do Rio visitou diversos templos positivistas e escreveu sobre como os ideais deles estavam relacionados às ideias de modernização do país. Em uma visita ao Templo da Humanidade, que ficava na rua Benjamin Constant, ele conversa com um “velho positivista” e reproduz a seguinte fala em sua crônica:

“Não é possível negar a influência positivista na nossa política, sobre os brasileiros cultos, ia eu dizendo [...]”. Segundo ele, o Positivismo possuía cerca de “40 anos de propaganda no Brasil” e o começou com caráter estritamente acadêmico: “A nossa intervenção no início da República foi de primeira ordem. Basta citar a Bandeira Nacional, a separação da Igreja do Estado, a liberdade dos professores, a reforma do código no caso da tutela de filhos menores.” (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 64, 04 Mar 1904, p. 01)

Posteriormente, “a primeira sociedade positivista foi feita de professores ortodoxos e de estudantes litreístas.” (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 64, 04 Mar 1904, p. 01). Em seguida, ele descreve como houve uma divisão entre os que consideravam as ideias de Auguste Comte como loucas e os adeptos dele e de seu discípulo, Pierre Laffitte, resultando no estabelecimento da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, sob a presidência do dr. Ribeiro de Mendonça, que adotou as ideias de Laffitte e Comte.

Que é positivismo? sussurro eu, sentando-me.

É uma religião que respeita as religiões passadas e substitui a revelação pela demonstração. Nasceu da ruptura do catolicismo e da evolução científica do século XVII para cá. De Maistre dizia que o catolicismo ia passar por muitas transformações para ligar a ciência à religião. Comte descobriu a lei dos três estados, a chave da sociologia, e quando era o grande filósofo, Clotilde apareceu e ensinou que a inteligência é apenas o ministro do coração. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 64, 04 Mar 1904, p. 01)

Mesas volantes, espiritismo, curandeirismo, cartomancia e sonambulismo

A partir do magnetismo e com a chegada das mesas volantes à Europa, por influência americana, surgem novas definições para os fenômenos do espiritismo, assim como ocorreu a introdução das ideias de Allan Kardec. A comunicação com os espíritos já existia desde a Idade Antiga, porém, é no século XIX que o espiritismo passa a ganhar nome, doutrina e movimentos nos países ocidentais, dividindo-se em espiritismo antigo e moderno. (PRIORE, 2014, p.41).

A influência europeia possibilitou a expansão de tais fenômenos pelos países latino-americanos, como o Brasil, e a Igreja, por sua vez, seguia tentando criminalizá-los e reconquistar seu espaço, sem muito sucesso para impedir a expansão das práticas, principalmente as adotadas pelas elites, que se baseavam no cientificismo para explicar racionalmente os fenômenos fantásticos. A perseguição da Igreja e do Estado forçava um sincretismo religioso e logo havia uma fusão de crenças e religiões.

Vale lembrar que, segundo os Anuários Estatísticos, os censos de 1872 e 1890 apontavam para uma população quase 100% católica. Toda a escravaria, por exemplo, se declarou católica. Compreensível. O catolicismo conferia prestígio aos seus fiéis e sinalizava: eles estariam ajustados ao sistema. Fora da Igreja, os indivíduos se tornavam inelegíveis e, para colar grau acadêmico, era preciso jurar ser católico. Por essas e outras imposições, brasileiros praticavam as mais diversas doutrinas sem rejeitar sua condição de membro da Igreja Católica. Quando as mesas volantes e o espiritismo chegaram por aqui, não foi diferente. O desejo de ser “moderno” ou “possuidor de espírito científico” empurrou muitos para a prática dupla: católico e mais o que se quisesse. Afinal, a necessidade de acreditar não tem regras. (PRIORE, 2014, p. 68)

Após o espiritismo chegar ao Brasil, os grupos kardesistas foram se organizando e sua preocupação era não serem confundidos com curandeiros, já que a filosofia espírita via a escravidão como um carma e acreditava na evolução das almas.

Havia discriminação. Afinal, os espíritos de índios e negros eram considerados pelos kardecistas “involuídos” e “carentes”. Kardec, na verdade, nada escreveu a esse respeito. Porém, ao se referir a “povos bárbaros e antropófagos”, diferenciando-os dos civilizados, e ao considerar a escravidão um fator cármico, ele os convidava a evoluir espiritualmente. (PRIORE, 2014, p.101).

Entretanto, como todas as religiões existentes na cidade, o espiritismo também passou por um processo de sincretismo religioso, sofrendo “interferências do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras, resultando no que muitos especialistas chamam de ‘espiritismo à brasileira’”. (PRIORE, 2014, p.101). O espiritismo expandia e passou a haver uma reprodução da classificação realizada pelo próprio saber jurídico, entre alto espiritismo - tentativa de manter a doutrina longe das influências de culturas negras e indígenas - e baixo espiritismo - mistura do espiritismo com outras crenças populares.

Enquanto isso, os curandeiros também ganhavam espaço e as práticas acabavam sendo relacionadas e tratadas como sendo as mesmas manifestações, como no caso de Marius, um curandeiro de Niterói que fazia adivinhações e prescrições para cura de diversas doenças. A imprensa, por sua vez, se dividia em denunciar episódios espíritas e diferenciar médiuns (espíritas) de curandeiros, através da publicação de eventos sobrenaturais.

O meu amigo dizia-me:

Nunca se viu uma crença que com tal rapidez assombrasse crentes. Se o Figaro dava para Paris cem mil espíritas, o Rio deve ter quase igual soma de fiéis. O Brasil, pela junção de uma raça de sonhadores como os portugueses com a fantasia dos negros e o pavor indiano do invisível, está fatalmente à beira dos abismos de onde se entreve o além. A Federação publicou uma estatística de jornais espíritas no inundo inteiro. Pois bem: existe no mundo 96 jornais e revistas, sendo que 56 em toda a Europa e 19 só no Brasil. (PRIORE, 2014, p. 102)

Os médicos viam em tais práticas um obstáculo, já que não eram somente as classes mais desfavorecidas que procuravam por curandeiros e espíritas para resolverem seus problemas de saúde. O próprio caso de Marius evidencia que ele atendia a pessoas de diversas camadas sociais. Todavia, é importante lembrar que a população não possuía os cuidados médicos dos quais necessitava e isso muito contribuiu para a expansão e popularização dessas práticas. Já que os mais pobres, ainda que fossem obrigados a pagar muitos impostos, não tinham acesso aos cuidados com a saúde, pois o Estado não provia, eles se aliavam a fé na tentativa de terem provisão, ainda que sobrenatural.

A verdade era que os médicos eram poucos, raros e caros. Gilberto Freyre bem diz que a monarquia nunca aceitou o desafio de cuidar da saúde da população nos trópicos. Enfrentando as inúmeras epidemias que varreram a corte, ou quando atacada de mazelas prosaicas, a população corria para homens como Marius ou Laurentino. Eles retiravam a moléstia do corpo por meio de sopro, sucção, orações e cantos. Davam continuidade à missão sagrada de combater, enfrentar e vencer a morte. Aqueles que exerciam o dom de curar seus semelhantes eram possuidores de convivência secreta com seres do outro mundo. A terapêutica se confundia com liturgia. Assistia-se ao doente com orações e remédios, sugerindo tréguas, envio de ofertas, compensações. O curandeiro ou o médium era o veículo e curador dos ritos de uma medicina imprecisa. Ele seria capaz de atenuar as manifestações divinas presentes na doença, considerada castigo, ou de anular forças adversas na enfermidade resultante de inveja. (PRIORE, 2014, p.104-105).

Mas, como já era de se esperar, o projeto modernizador não tolerava que essas práticas fossem difundidas nos centros urbanos, já que não era compatível com a imagem de progresso almejada. “O saber médico condenou o espiritismo de alto a baixo, diferentemente do saber jurídico, que criminalizava o chamado ‘baixo espiritismo’ e tolerava o ‘alto espiritismo’”.

Pouco a pouco, o farmacêutico que passou a preparar com mistério os remédios tomou o lugar de seus concorrentes curandeiros, afastando-os das pessoas comuns, tão dependentes de seus métodos. Era o início do fim de uma medicina atenta às correspondências entre o corpo e a natureza, de um saber milenar sobre o uso das plantas. E da relação baseada na palavra entre doente e médico-feiticeiro. Ouvir o paciente falar de seus males já era uma forma de cura: sua solidão e angústia diminuía diante de homens e mulheres que conseguiam preservar a esperança de quem os consultava. (PRIORE, 2014, p.105).

A medicina passou a relacionar o espiritismo à exploração da fé e a alienação mental e logo conseguiu enquadrar a religião como crime. Foram realizadas campanhas para impedir sua expansão e aliou-se às campanhas de higienização da cidade o discurso de higienização mental.

O discurso sobre a necessidade de “higiene pública”, tão na moda no início do século XX, não se reduziu às mudanças urbanas com a finalidade de combater epidemias. Nem ao esforço de isolar os pobres em bairros longe dos ricos. O chamado “embelezamento da cidade”, com a proibição da mendicância, das serenatas ou da ordenha de vacas pelas ruas, também fazia parte de plano. Plano no qual as questões de higiene pública se somaram àquelas de higiene mental. (PRIORE, 2014, p.142)

Em 1874, surgia um discreto anúncio no jornal, de “Madame Potier, cartomante que tratava de espiritismo”. A prática da cartomancia, porém, tem rastros no século XV, na Espanha, e consolidação na França, no século XVIII, ainda durante a revolução Francesa. “Tudo indica que a cartomancia tenha chegado com os franceses à corte brasileira, ao mesmo tempo que as livrarias e editores franceses, restaurantes e cocottes.” (PRIORE, 2014, p.108). João do Rio, em sua crônica sobre as “sacerdotisas do futuro”, relata que em uma semana chegou a visitar 80 templos e não esconde pensamentos pejorativos sobre elas:

As sacerdotisas do Deus tremendo infestam a nossa cidade, tomam conta de todos os bairros, predizem a sorte aos ricos, compõem um mundo exótico e complexo de cartomantes, nigromantes, sonâmbulas videntes, quiromantes, grafólogas, feiticeiras e bruxas. Essa gente cura, salva, desfaz as desgraças, ergue o véu da fortuna, faz esperar, faz crer, vive em prédios lindos, em taperas, em casinholas - é o conjunto das pitonisas modernas, as distribuidoras de oráculos. Em meio tão variado há de haver ignorantes - a maioria cartomantes que vêem nas cartas caminhos estreitos e caminhos largos e não sabem nem distribuir o baralho, sonâmbulas falsificadas, portuguesas e mulatas que se apropriam dos moldes dos africanos, e mulheres inteligentes que conversam e discutem. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 101, 10 Abr 1904, p. 02)

Em um diálogo com Madame Mathilde, segundo ele, uma “cartomante *high-life*”, que atendia clientes da alta classe, ele relata a seguinte fala dela, mostrando que a divisão entre altos e baixos, bons e maus, não estava presente somente no espiritismo, como também na cartomancia, e como essa classificação se dava através do sincretismo, mostrando as interferências africanas e espíritas europeias. Sendo assim, ainda que todas essas religiões sofressem perseguição católica e do Estado, a reprodução da discriminação estava presente também entre elas, e também estavam relacionadas ao conceito de raça e classes:

Meu caro, os verdadeiros templos do Futuro são de data recente entre nós. A sorte começou a ser descoberta aqui por negros da África imbecis e por ciganos exploradores. Depois apareceram as variações espíritas, os adivinhos que montavam casinholas receosas, reunindo ao estudo das cartas a necessidade dos despachos africanos. Uma credence! As verdadeiras sacerdotisas datam de pouco tempo, são de importação e anunciam. Essas não se ocultam mais e dão consultas claramente. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 101, 10 Abr 1904, p. 02)

Em meio às práticas religiosas populares, ascendia o sonambulismo, que possui registros desde o século XVIII. Assim como as demais crenças, o sonambulismo firmou-se com proposta de cura, porém de caráter científico, pois na França, um neurologista que atendia por Dr. Charcot, hipnotizava as pacientes para tentar tratar o diagnóstico de histeria dado às mulheres, diagnóstico este que era muito comum no século XIX, já que qualquer sinal de agitação feminina era visto como histeria causada por necessidade de atenção. Uma simples busca nos jornais também mostra que além de retratadas como histéricas, essas mulheres também recebiam a nomenclatura de endemoninhadas.

As mulheres, entretanto, foram de grande importância para o sonambulismo. “Kardec tinha grande simpatia por elas e por sua educação. Elas foram uma legião muito respeitada nos Estados Unidos, onde nomes como Cora Scott e Achsa Sprague, pioneiras do feminismo e do espiritismo, se impuseram.” (PRIORE, 2014, p.125). Apesar de ganharem espaço na cultura popular, as consultas com as sonâmbulas não eram acessíveis aos mais pobres devido aos preços cobrados, já que diferente das curandeiras, elas atendiam a um público rico. “Elas cobravam caro e recebiam em ambiente luxuoso. Os 15 contos de réis de consulta representavam parte considerável do orçamento de uma família modesta que comprava calça e paletós a 7 contos de réis e uma dúzia de cervejas a 2 contos de réis.” (PRIORE, 2014, p.126).

João do Rio, através de suas crônicas, mostra a sociedade um mundo de informações das religiões investigadas, descreve os rituais, templos, crenças, sistemas hierárquicos e tenta explicar suas origens. Ao abordar as religiões de matriz africana, ele fala acerca das nações e línguas africanas:

O eubá para os africanos é como o inglês para os povos civilizados. Quem fala o eubá pode atravessar a África e viver entre os pretos do Rio. Só os cambindas ignoram o eubá, mas esses ignoram até a própria língua, que é muito difícil. Quando os cambindas falam, misturam todas as línguas. Agora os orixás e os alufás só falam o eubá. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 69, 09 Mar 1904, p. 02)

O autor expõe que o continente africano não comporta uma só cultura, como por vezes é visto equivocadamente ainda hoje, mas uma pluralidade. Mesmo que ele não tenha tanta precisão nas diferenciações, coloca em evidência não só essa diversidade, como o hibridismo que formava tais religiões no Brasil.

Orixás, alufás? - fiz eu, admirado. - São duas religiões inteiramente diversas. Vai ver. Com efeito. Os negros africanos dividem-se em duas grandes crenças: os orixás e os alufás. Os orixás, em maior número, são os mais complicados e os mais animistas. Litólatras e fitólatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos católicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada erva, uma alma e um espírito. Essa espécie de politeísmo bárbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisíveis. Os negros guardam a idéia de um Deus absoluto como o Deus católico: Orixá-alúm. A lista dos santos é infundável. Há o orixalá, que é o mais velho, Axum, a mãe água doce, Ie-man- já, a sereia, Exu, o diabo, que anda sempre detrás da porta, Sapanam, o Santíssimo Sacramento dos católicos, o Irocô, cuja aparição se faz na árvore sagrada da

gameleira, o Gunocô, tremendo e grande, o Ogum, S. Jorge ou o Deus da guerra, a Dadá, a Orainha, que são invisíveis, e muitos outros, como o santo do trovão e o santo das ervas. A juntar a essa coleção complicada, têm os negros ainda os espíritos maus e os heledás ou anjos da guarda. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 69, 09 Mar 1904, p. 02)

Todas essas formas de religiosidade popular eram condenadas pelas autoridades. De acordo com Priore, através das práticas de higienização adotadas pelo Estado durante a Primeira República, o Código Penal de 1890¹³ classificava a prática do espiritismo como crime contra a tranquilidade pública e crime contra a saúde pública, como é possível verificar nos seguintes trechos:

Art. 157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:

Penas – de prisão celular de um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000.[...]

Art. 158 – Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo, para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo, assim, o ofício do denominado curandeirismo. Penas – de prisão celular por um a seis meses, e multa de 100\$000 a 500\$000. (Código Penal de 1890, *Edição Fac-símile*, 2004, p. 325-328).

As religiões de matriz africana eram as que mais sofriam perseguição. Desde a década de 1830 os negros eram proibidos de se juntarem publicamente, por algumas juntas municipais, principalmente após a Revolta dos Malês, na Bahia. A partir de legislação de 1890⁴ que criminalizava a capoeira e o que se considerava vadiagem, se intensificava a repressão policial, já que qualquer grupo reunido era visto como perturbação da ordem pública, e qualquer pessoa que não possuísse meios de subsistência era classificado como vadio, reafirmando o conceito de classes perigosas, abordado anteriormente. Como já afirmado, os que mais sofriam eram os escravizados, que não tiveram nenhum processo de reparação histórica para que conseguissem sobreviver, dentro das condições de civilização impostas.

Ainda no século XIX, há um grande crescimento dos terreiros de candomblé de cultura Iorubá. João do Rio, em suas crônicas sobre os chamados feiticeiros, relata que esses templos, mesmo sendo marginalizados, recebiam visitas de diversas classes da população, deixando claro que já existia uma procura pelos membros das altas classes por tais práticas. O autor expõe a hipocrisia classicista predominante:

A polícia visita essas casas como consultante.[...]

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam. (GAZETA DE NOTÍCIAS, n. 75, 15 Mar 1904, p. 02)

¹³ Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890, art. 402.

As crônicas de João do Rio fizeram grande sucesso e a cada edição do jornal era anunciada a crônica seguinte, tamanha a recepção do público em tratar sobre uma realidade que não era falada, mas que todos sabiam que existia. No recorte a seguir, é possível verificar o anúncio da crônica seguinte – As Yauô – e, ao lado, uma nota do jornal citando a receptividade da crônica anterior – No mundo dos feitiços – em que João do Rio explorava alguns rituais e figuras do candomblé.

presentes da politica europca não está, absolutamente, despido de importancia e tem ao contrario, um grande alcance.

O serviço telegraphico vai publicado na 2ª pagina.

AS RELIGIÕES NO RIO

AMANHÃ

As Yauô

Notas a notícia

O artigo de ontem da serie *Religioes no Rio*, em que se descrevem as scenas do animismo dos nossos pretos minas, causou tamanho successo que os proprietarios das casas de phonographos andaram á procura de Antonio, o negro de Lagos, para lhes cantar as cantigas africanas. Antonio foi encontrado mas recusou, receoso de que machina que falla, offendesse os *orixás*.

A *Gazeta de Noticias* continuará amanhã a tratar dos negros minas, descrevendo as *yauôs*, ou as filhas de santo.

A comissão fiscal e administrativa das obras do porto do *Rio* de Janeiro foi autorizada a restituir á inspecção geral das Obras Publicas o material que se acha empregado das obras do canal do Mangue.

O Sr. Dr. Monteiro Lopes vai requerer uma convocação extraordinaria do Conselho para que este resolva sobre uma

Figura 01. Recorte de anúncio do jornal Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 10 Mar. 1904, ed. 70

É importante frisar que João do Rio ao falar das religiões de matriz africana, em suas crônicas de 1904, descreve os rituais e os locais em que esses aconteciam, evidenciando como os mais pobres eram alocados afastados dos centros urbanos durante a Belle Époque, principalmente, para a realização de seus rituais. “As cerimônias realizam-se sempre nas estações dos subúrbios, em lugares afastados [...]”. Afinal, para as elites, as práticas populares não coincidiam com a imagem parisiense moderno-científica que se tentava passar.

Embora todas as práticas de curandeirismo fossem tratadas sob a rubrica genérica de "espiritismo", parecia haver um consenso silencioso de que aquelas associadas aos negros — chamadas genericamente de “macumba”, “magia negra”, “feitiço” — agravavam o ilícito por implicar benefícios materiais e muitas vezes incidir em crime ou dolo. A República Velha se encerra com uma generalizada disposição hostil e repressiva contra essas práticas. (MONTERO, 2006, s/p).

As religiões no Rio

Os nossos artigos sobre os pretos minas puzeram em polvorosa os feiticieiros e as mãis de santo. Essa pobre gente não sabe como esconder as sopeiras, os fetiches, as bugigangas, receiando a visita da policia. Hontem os feiticieiros reuniram-se, porque ha entre elles uma especie de maçonaria.

— Foi gente nossa que disse o *eró*!

— E' preciso saber quem mostrou o segredo!

Para saber de tudo, os feiticieiros reuniram-se hoje á tarde na casa de Emmanuel Ojó, á rua dos Andradas proximo ao largo do Capim. Emmanuel Ojó é um preto que se veste de branco, falla inglez, pára sempre á porta do Globo e é quem decide nos momentos de perigo. Ojó vai adivinhar quem é Antonio, o africano que nos tem contado e nos tem feito ver as scenas incriveis do culto barbaro.

Amanhã contaremos como se preparam os feitiços.

um dos nossos pedir-lhe inform d'essa historia t epigraphie Por c

Passava os di a infeliz viuva, formando com se achava, em como meio de l torosas que a al Trajando rig da cabeça aos p é severo o seu Depois de troc seu interlocuto sempre attencio concentrada e e minudencias, o da sua vida am de fortuna que mesmo. Fala quando record com saudade terminou o r crayon, e qui depois da sua seu olhar au um conselho fulgor nos olhos do processo or condemnação

Figura 02. Recorte de anúncio do jornal Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 Mar. 1904, ed. 73

Faz-se necessário destacar que, ainda que João do Rio trouxesse as manifestações religiosas a público, as crenças populares ainda eram vistas como manifestações bárbaras. Se inicialmente essas não eram sequer identificadas como religiões, com João do Rio passam a ser observadas e estudadas, ainda que sob o olhar de exclusão envolto nos ideais modernizadores de influência europeia da sociedade da época.

Com a chegada das mesas volantes ao Brasil e com as diversas manifestações religiosas ganhando espaço, tornava-se impossível não falar de tal multiplicidade e as crônicas de João do Rio iniciavam um debate que se tentava ocultar. Ao mesmo tempo em que as crenças se mesclam, havia segregação, e o espiritismo que inicialmente não era bem visto e teve sua maior adesão na Bahia por praticantes do candomblé, passa a ser tratado de forma diferente. “Não à toa, a Bahia Ilustrada resumiu numa sátira: ‘o espiritismo era dos brancos desta terra memorável, candomblé’”. (PRIORE, 2014, p. 75)

Considerações finais

Através das crônicas de João do Rio abordadas no presente artigo, é possível notar que mesmo sendo negro, ele impunha certa distância em relação aos observados. Seu biógrafo, João Carlos Rodrigues, ressalta que ele possuía formação positivista e observava os cultos “com olhar científico e distante” e “sintomaticamente não estabelece nenhum vínculo de identidade com os negros e mulatos de classe baixa, sempre retratados em terceira pessoa”.

Como é evidente, João do Rio não estava isento da reprodução dos conceitos racistas predominantes na época, mesmo sendo constantemente alvo de racismo. Vale ressaltar também que isto está longe de desqualificar a obra do autor, visto que ele muito contribuiu para consolidar as diversas manifestações religiosas como religiões, uma vez que não se falava sobre a pluralidade deste conceito. A importância literária e histórica de João do Rio é inegável. Ele saiu das salas de redação e foi aos terreiros, aos templos e aos morros, e destrinchou as riquezas dos rituais que eram vistos como práticas bárbaras e horripilantes.

Faz-se necessário recuperar o valor sociológico e artístico da obra de João do Rio, e colaborar para a reconstrução histórica e cultural da formação de uma sociedade e de um espaço urbano que comportava, e ainda comporta, realidades tão opostas. É possível compreender como o referido período de transformações sociais no Brasil culminou não somente no avanço tecnológico, como também na construção e consolidação de um discurso segregacionista baseado, principalmente, nas ideologias Positivista e Higienista, que fundamentavam os signos de modernidade no início do século XX. Se por um lado a ciência se expandia junto aos feitos da industrialização, por outro, essa crença no progresso sustentada nos conceitos de ordem social, acabava por marginalizar grande parte da sociedade que não se encaixava nos padrões europeus impostos, e tais discursos ainda refletem nos dias de hoje, o que reforça a importância desse estudo.

Referências

- ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Paris capital do século XIX**. In: KOTHE, Flávio (Org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ática, 1985a. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)
- BETING, Graziella (org.). **Introdução**. In: João do Rio: Crônica, folhetim e teatro. 2 ed. São Paulo: Carambaia, 2019.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.
- CÂNDIDO, Antônio. **A Vida ao rés-do-chão**. In: (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- DOMINGUES, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs.). **A cidade escrita: literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2005.
- GOMES, Renato. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. In: **Novos Estudos**. CEBRAP, no. 74, São Paulo, Mar. 2006, p.47-65. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100004 . Acesso em 10/12/2019.
- NASCIMENTO, Luciana Marino do. **A cidade de papel**. Rio Branco: EDUFAC, 2011.
- NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- O'DONNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- PRIORE, Mary Del. **Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo**. São Paulo: Planeta, 2014.
- _____. **Histórias da gente brasileira, volume 3: República - Memórias (1889-1950)**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- RIO, João Do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. **As religiões no Rio**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- _____. **Vida vertiginosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio: vida, paixão e obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SCHWARTZ, Jorge. A cosmópolis: do referente ao texto. In: **Vanguarda e cosmopolitismo**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

Periódico consultado

Jornal Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, Código: TRB00187.0072; Título: 103730_04, n. 57, de 26/02/1904; n. 59, de 28/02/1904; n.62, de 02/03/1904; n.64, de 04/03/1904; n.69, de 09/03/1904; n.70, de 10/03/1904; n. 71, de 11/03/1904; n.73, de 13/03/1904; n.74, de 14/03/1904; n.75, de 15/03/1904; n.96, de 05/04/1904; n.101, de 10/04/1904.

Documentos consultados

BRASIL. Decreto n. 847, de 11 de out. de 1890. Dos vadios e capoeira. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 15/11/2019.

Código Penal de 1890, art. 157 e 158.

Código penal da República dos Estados Unidos do Brasil / Oscar de Macedo Soares; prefácio de Humberto Gomes de Barros. Ed. fac-similar da 7 ed. Garneier, 1910. Brasília: Senado Federal: Superior Tribunal de Justiça, 2004. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496205>. Acesso em 15/11/2019.

Anais da Câmara dos Deputados, vol. 3, p. 73, sessão de 10 de julho de 1888. Disponível em https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf/Anais_Imperio/1888/1888%20Livro%203.pdf Acesso em 15/11/2019.

A AVENIDA: OS CAMINHOS PARA A MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO

Laura Ribeiro¹⁴
Luciana Nascimento¹⁵

Resumo

O presente trabalho, que ainda está em andamento, tem o intuito de discorrer sobre os sentidos de Modernidade na Belle Epoque carioca por meio da análise da primeira edição de um periódico circulante no Rio de Janeiro em 1912, A Avenida: Semanario Ilustrado. O semanário em questão tendo como público a capital da nova república e objetivo principal a divulgação e discussão de produções artísticas pode revelar aspectos concernentes à visão da camada de artistas sobre o seu contexto social contribuindo para o entendimento das tensões em que consistiam a formulação da identidade e crenças do novo homem moderno. Deste modo, seguindo a linha de Marshall Berman (1986) acerca da Modernidade, assim como o apoio de estudos sobre a nova república, analisou-se elementos d' Avenida vendo seus reflexos da sociedade carioca e suas contradições e questionamentos. Dentre o que foi identificado temos a alta contradição identitária do homem moderno brasileiro sobre sua nacionalidade e lugar em um contexto de país que corria atrás de uma modernização tardia em relação às potências mundiais.

Palavras-chave: Modernidade; Rio de Janeiro; Avenida Semanario Ilustrado

Abstract

This paper, which is still in progress, aims to discuss the meanings of Rio de Janeiro's Belle Epoque modernity, by analyzing the first edition of a circulating journal in Rio de Janeiro in 1912, A Avenida: Semanario Ilustrado. The present weekly, with the new republic as its public and the main objective of disseminating and discussing artistic productions, can reveal aspects related to the artists' view of their social context, contributing to the understanding of the tensions, in which they consist in formulation of the identity and beliefs of the new modern man. In this way, following the line of Marshall Berman (1986) on Modernity, as also some studies on a new republic, it was analyzed the elements of the Avenida, seeing its reflections of Rio's society and its contradictions and questions. Among what was identified, we have a high contradiction in the identity of the modern Brazilian man regarding his nationality and place in the context of the country that ran after a late modernization according to the world powers.

Keywords: Modernity; Rio de Janeiro; Avenida Semanario Ilustrado

Introdução

As primeiras décadas do século XX no Brasil são marcadas pela euforia urbana brasileira mediante ao futuro que se aproximava, a modernidade que se alastrava pelas ruas da cidade e pelo cotidiano carioca. A belle époque, a imprensa, os folhetins e periódicos compõem o cenário da antiga capital que fervilhava no sabor da modernização. Dentro da visão de Marshall Berman, o século XIX e a transição para o XX carrega o real sentido dessa inovação e ideologia, o vigor medido para a mudança, o qual se revelou aqui promovendo um sentimento estimulante para os anos que se

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

¹⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras: Português-Literaturas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora de Iniciação Científica orientada pela Profa. Dra. Luciana Nasciemento.

¹⁵ Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras/UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

seguiram na nova República. Neste estudo, pretende-se identificar a ideia de modernidade pulsante no início do século XX e, para tanto, é considerada a importância da imprensa local e seu estágio no momento em questão. Foca-se, para tais fins, na primeira edição do periódico *A Avenida* analisando seus elementos componentes e reveladores da sociedade e contexto que o produziu. Com os resultados desse trabalho, ainda em andamento, espera-se melhor compreender a expectativa quanto às novidades da virada do século e sua relação com a imprensa.

Este artigo é resultado da primeira etapa da iniciação científica sob orientação da Profa, Dra. Luciana Nascimento na Faculdade de Letras-UFRJ e compõe os estudos realizados pelo grupo A Cidade e as Letras, o qual está voltado para o estudo das cartografias urbanas da Belle Époque do Rio de Janeiro até à Amazônia¹⁶.

A modernidade e seus contexto

Utilizamos a base conceitual sobre a modernidade, lançando mão das reflexões de Marshall Berman, (1986), através da qual se identifica a contradição no âmago das transformações. Em seu texto, nomeado em referência a uma fala de Marx, *Tudo o que é Sólido Se Desmancha no Ar*, apresenta uma segunda etapa da modernidade que surge em meados do século XVIII e se estende até o XX e é pintada pela euforia e ameaça, pois enquanto o novo invade o espaço deslumbrando seu contemporâneos, mina o que é conhecido e familiar; é “destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”. (BERMAN, 1986). Isto se refletirá na literatura do século XIX quando autores se mostram ao mesmo tempo “entusiastas e inimigos da vida moderna” (ibidem) o que se pode observar nos periódicos, a imprensa, um dos símbolos da nova paisagem rápida e eficiente construída no período elencado como pulsante da modernidade.

No Brasil, o fim da escravidão e a inserção da república, dentro de um pequeno surto industrial, com uma população majoritariamente analfabeta- sendo a capital exceção desta regra- e receptora de novos elementos urbanos tais como bondes elétricos, máquinas fotográficas e datilográficas, o rádio, etc. Era um momento da necessidade e possibilidade do aceleração da informação circulante. Os periódicos começaram a ser produzidos com intervalos mais curtos e o transeunte estava antenado (LUCA, 2008).

A elevada produção europeia pós-revolução industrial, no século XIX, excedia o consumo local, fator que causou a expansão não só do mercado consumidor, mas também do sistema capitalista pelo globo. A capital carioca foi atingida por tais inovações e conseqüentemente reprodutora delas para o Brasil, não como cópia exclusivamente, mas na tentativa de criação de alguma estabilidade mediante à irradiação proveniente das nações que as propagavam ou ao menos estavam prontas para adquarem-se à crise de desenvolvimento (SEVCENKO, 1989).

“O Rio Civiliza-se”, frase célebre do Figueiredo Pimentel que se tornou lema do processo de destruição e reconstrução da cidade carioca. No bojo de tal movimento foi louvado por ser visto como necessário para dar à cidade um status digno de capital de um país que respirava novos ares, os quais são representativos da expectativa do moderno. Surge um urbanismo utópico, aquele que irá se responsabilizar por formalizar em estruturas físicas uma nova ordem social, a recusa ao antigo cuja expressão é uma barbárie espalhada pela cidade. Era tempo de eliminar o caos e estabelecer uma boa imagem. A caminhada perpassa o inferno social: a superlotação, insalubridade, fome, falta de transporte e alto desemprego¹⁷.

¹⁶ Visite nosso site: <https://acidadeasletras.com>

¹⁷ Os números apresentam alto índice de crescimento populacional em curto espaço de tempo, em uma década, de 1890- 1900, houve 3% a.a. de aumento populacional e de 1900-20, 3,2% a.a.

A estrutura urbana não dava suporte ao crescimento exacerbado de habitantes criando um ambiente caótico altamente insalubre. Epidemias como a febre amarela, que se alastrava desde o segundo reinado, insistiam em cima dos cidadãos juntamente com a tuberculose, varíola, malária, e outras doenças que gritavam a atenção de sanitaristas, os quais acreditavam que a derrubada das moradias coletivas solucionaria parte da problemática. O que já era uma dificuldade antes, agrava-se com esta atitude; a população se viu empurrada para as margens da cidade superlotando agora casas menores que antes. Foi criada, portanto uma *urbis utópica* (NASCIMENTO, 2005) que entre contrastes e incoerências prometia novos tempos sob a negação de sua real existência e história.

A Avenida

Foi na década de 1910 que surge **A Avenida: Semanário Ilustrado**, com sua sede localizada no centro no Rio, mais especificamente na Avenida Central (atual Rio Branco), nº15. Este periódico circulava apenas aos sábados na própria cidade, e dele temos disponível quatro edições na Biblioteca Nacional Digital das quais destacamos a primeira (06/07/1912), objeto de estudo deste trabalho. Como os autores propriamente o apresentam, é voltado para artes sem preferência sobre estilos ou escolas: “Todas as manifestações artísticas e literárias encontrarão o mais franco e decidido apoio nas nossas columnas, sem preconceitos de escolas, religiões ou raças”. O semanário incluiu publicações de Agrippino Grieco, Gonçalves Crespo, Carlos Maul, Octavio Rocha, Catulle Mendés, Guerra Junqueiro, Alexandre Theuriet e Alexandre Dumas; ele possuía uma abertura para que escritores, conhecidos ou não, enviassem seus escritos e participassem da composição de sua edição.

O periódico escolhe tal nome não apenas como representativo da localização de sua sede, mas como complemento do significado que a dá através de sua valoração espacial, econômica e, por abstração, ideológica que funcionam como símbolos do processo de transformação que envolvia o país. Encontra-se em sua apresentação uma estrutura de sentidos atribuídos de forma elegante como deveria ser para a década de 1900 que funcionam metonimicamente, para a capital e em seguida para o país:

A avenida é a alma da nossa formosa cidade, das mais bellas do mundo, com uma esmeralda engastada aos pés- A Guanabara, um sol de ouro a refulgir nas magestosas e artisticas fachadas dos seus palacios, uma saphyra de azul vivo e cantante a corôar-lhe a fronte. Dá-lhe vida um povo activo e intelligente, e após um lethargo de mais de meio seculo, viela antiga e estreita, a se desmoronar, onde parecia habitarem o tédio e o desânimo, desperta hoje moderna, resurgida por um grande progresso, cheia de movimento e alacridade, de automoveis reluzentes como o verniz de um chromo, de plumas, véos e perfumes. [...] Neste meio culto e intellectual da Cidade do Rio, <<A Avenida>>, semanario illustrado, surge hoje dando os seus primeiros passos. Será um periodico modesto, dedicado ao hospitaleiro povo carioca. [...] (ipsis litteris)

Como dito anteriormente, era um momento de grandes mudanças e muita euforia que aumentava a cada novo elemento inserido na sociedade cidadina da capital brasileira e a Avenida Central aqui se torna símbolo de todas as grandiosidades que chegavam à população carioca. Todo concreto revirado é exaltado para exaltar a própria pátria em renovação. No processo de melhoramento urbano-nacional, está também o acordar de certa camada social que se renova tanto em membros como em modos de pensar e agir. O “povo activo e intelligente” finalmente pode regozijar-se mediante ao novo quadro que se pinta, deixa-se de lado as barbaridades, “o tédio e o desamino” e se avança para o futuro.

A alta elite ainda era restrita aos grupos mais abastados do período imperial, famílias antigas que apenas aprenderam a se adaptar aos novos meios e termos; era composta por políticos, fazendeiros e grandes comerciantes que já não precisavam fazer da capital moradia fixa para manter o controle de suas rendas e influências no governo como antes na corte. A república permitia mais flexibilidade pela sua estrutura descentralizada, apesar da riqueza e consequentemente o poder ainda depender dos grandes fazendeiros devido às altas exportações agrícolas. Com os recursos crescentes devido à cafeicultura, a elite apertou os laços comerciais com a França o que acarretava nas afinidades culturais a que se referem o período da Belle Époque carioca. Desta forma, os modos e costumes característicos desta época ficam entrelaçados com o sentimento de prosperidade e modernidade econômicos, gerando um único sentimento de virtuosidade que deveria ser buscado em todas as instâncias.

Vislumbramos aqui cariocas e provincianos que passaram a se conhecer ao longo do período em que se registrava o surto de expansão da economia urbana, quando se criava a infra- estrutura do país e se promoviam as reformas urbanas do Rio[...] Em resumo, o “alto mundo” era o resultado da influência cultural estrangeira entrelaçada à emergente estrutura de poder carioca. (NEEDEL, 1993, p. 127)

Se tratando de Belle Époque, não é ignorável os comportamentos específicos e complexos que tal classe exigia em reproduzir, todos baseados em referências de luxo externas e europeias, franco-inglesas, completamente distintos dos tradicionais brasileiros. A Europa sendo superior hierarquicamente na economia, a cultura por natureza estará atrelada a esta ordenação e, crescendo-se o número de chegados à potência, pelo desenvolvimento da elite e aumento da frequência das viagens ao exterior, cresce os imitadores de seu gosto. Cada traço comportamental é referente às suas origens, as quais são totalmente imersas em valoração. Os traços de requinte são muito complexos e específicos não ao acaso, são reafirmações de sua distância ou desconhecimento do grande ideal de ser social. É por esta razão que são encontradas colunas de jornal com aconselhamentos de etiqueta para os novos ascendentes à elite. Figueiredo Pimentel, a quem já houve menção, teve papel importante nessa história de determinação de conduta social. Escrevia para a coluna Binóculo do Gazeta de notícias entre os anos 1907-1914 sobre as melhores formas de se portar em sociedade saciando parte da ansiedade de camadas da sociedade que não tinham o privilégio de viajar constantemente a Londres ou Paris para habituarem-se aos estilos da moda, mas estavam na fronteira da ascensão social, sendo portanto essencial sua autoafirmação através da atuação perante ao “alto mundo” (ibidem). Entretanto,

A contradição é perversa. Se a elegância é uma característica do indivíduo, assim como a graça e a inteligência, e capaz de defini-lo como “cavalheiro”, então os leitores da elite de Figueiredo Pimentel eram com certeza grosseiros mal-educados. (NEEDEL, 1993, p. 154)

É em vista desta busca por modelos estrangeiros que Sevcenko (1989) irá apontar a duplicidade instaurada na identidade brasileira. O Brasil busca transformação por meios externos a sua própria origem negando a si mesmo; a burguesia cidadina é o novo auge de civilização enquanto os grupos tradicionais são expulsos do centro da cidade. O exagero pode ser contemplado no estranho cumprimento que surge na primeira guerra mundial, “Viva à França!” contrapondo a restrição de certas fantasias de carnaval, comportamentos dos foliões e até de um símbolo boêmio, o violão. A busca por elementos brasileiros que antes era tão buscada pelos românticos parece se perder na busca por bons padrões.

É então neste contexto que se encontra **A Avenida: Semanário Ilustrado**, tráfego das forças de disputas identitárias brasileiras na virada do século.

Na primeira edição do periódico, dentre pequenos furos de notícia, anúncios do mundo da arte como qual ator ou pintor está produzindo uma nova obra, encontro algumas partes que contribuem para a discussão proposta. Dentre elas, não postas em ordem como aparecem na edição, está um poema por Agripino Grieco, intitulado “Amor”.

Ante o esplendor vivaz de tua excelsa gloria
Toda a terra palpita em commoções supremas,
E ebria de tua luz, n’um canto de Victoria,
A alma dos moços vibra, entre hosannas e poemas.

Por ti é toda aroma e pradaria florea,
As arvores por ti esmaltam-se de gemmas,
E para apotheosar-te a noite merencorea
Semeia pelo azul mil fulgidos diademas.

No viço e no frescar das magnólias, no vôo
Das aves, no rumor festivo das colméias,
Nos milagres do sol, Amor, eu te abenço!

Sê bemdito no olhar da creatura querida,
Sê bemdito no ardor que pões em nossas veias,
Fonte de todo o bem, gérmen de toda vida.



Figura 1 (Caixa Da Avenida, 06/07/1912, p. 11)

Uma ode ao que se refere o título se compõe em soneto perfeito, preciosista e símbolo do que se pode achar em poemas parnasianos. É extremamente frívolo ao exaltar algo aparentemente grandioso que, por mais que acenda a alma dos seres e movimente a terra, é esbelto e externo a ponto de ser abençoado pelo sujeito lírico. Curiosamente à frente nas páginas do semanário encontramos nas falas dos autores d’A Avenida sobre aqueles textos enviados para a “caixa da Avenida” críticas que sugerem a escolha de versos livres e de temas mais finos, mais apropriados para publicação. É um período de transição entre estilos literários e, por mais que o periódico se dispusesse a apoiar qualquer manifestação artística independente de escolas, a crítica, para benefício de todos, não se fazia calada. Afinal, é força que impulsiona reformulações acerca da consistência de uma estrutura artística.

A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam (ASSIS, 1994, p.3).

Os furos de reportagem retratados no jornal já não nos remetem ao seu referente devido à efemeridade de tais notícias, mas nos compõe o sentido da existência do próprio semanário, revela o que mais havia de importante nos fuxicos do século XX. A nós é deixado o retrato daquela semana, ano, década, em que no jornais havia espaço para poemas encomendados, propagandas tão fantásticas que certamente eram enganosas, anúncios de concursos de beleza, anedotas, espetadas na República e sociedade. Sobre estas, há mais três itensa se destacar desta edição.

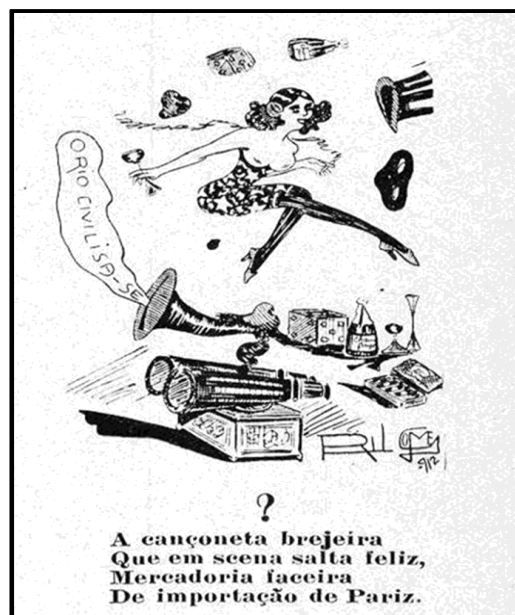


Figura 2 (O Rio Civiliza-se. A Avenida, 06/07/1912, p. 5)

Esta charge é incisiva ao exprimir valores contrastantes presentes na alta burguesia carioca. No centro há uma senhorita representante de uma classe libertina, brejeira, feliz em meio à ostentação de itens de luxo remetendo ao estilo de vida idôneo do alto círculo social, vinhos, cartolas, vitrola da qual sai a música dos novos tempos, o lema lançado por Figueiredo Pimentel, “O Rio Civiliza-se”. Estes símbolos os são para além do requinte, são da atualidade e, por isso, europeizados. Apenas a elite poderia ter acesso a tais objetos, sendo assim a única parcela que realmente pôde desfrutar do conceito de modernidade em sua completude, segundo sua própria crença do que constituía o espírito do novo tempo. Deste modo, no confronto entre realidade e expectativa, enquanto a cidade lutava e se desdobrava para atender às expectativas quanto à arquitetura, transportes, iluminação, saneamento, etc, a elite podia tornar realidade o luxo, viajar ao exterior, importar produtos caros e ostentá-los na Rua do Ouvidor - ao contrário da população simples que era empurrada cada vez mais para longe de qualquer realidade ou expectativa de vivenciar a modernização de forma plena.

A charge é mordaz, assim como a própria canção, ao ironizar a ostentação de tais objetos falsos. A fraude dos mesmos vai além da confecção, como uma pérola falsificada, estão no local de obtenção. Não pertencem de fato à senhorita, são apenas importação de Paris; é a fraude de uma classe que não possui identidade certa, mas procura parecer com outrem sem nem mesmo o conseguir. A distância cultural não é superada independentemente dos esforços da elite, ainda são parte de um país jovem e atrasado que luta para se adaptar à modernidade avassaladora europeia.



Figura 3 (A Avenida, 06/07/1912, p. 2).

A tira complementa a crítica da primeira charge, tendo em vista ser uma sátira sobre a indústria da moda e a dificuldade de adaptação das mulheres a ela. O preço da inovação nem sempre se vale a ser gasto, enquanto são rasos e pouco oferecem benefício a quem compra. Uma saia com o cóz para baixo é uma das saídas para se ajustar às novas regras que a alta cultura exige, esta que aqui já foi esclarecida como estrangeira e, portanto, falsa. Mais verdadeiro para um brasileiro é a adequação por meios mais simples, atalhos curtos para se manter estável em meio a tantas transformações que a modernidade traz; é a criatividade que nasce na obrigação de se adaptar e não ter os recursos exigidos por quem dita as regras.

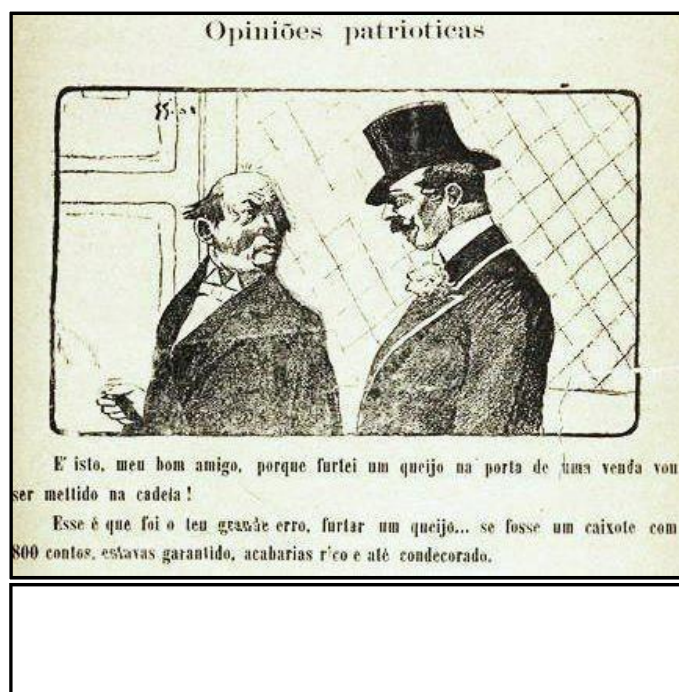


Figura 4 (A Avenida, 06/07/1912, p.10).

Por fim, a segunda charge a se destacar, está sob o título de “Opiniões Patrióticas”, é uma crítica à impunidade dos abastados criando um interessante diálogo entre os leitores e colaboradores do periódico.

Ambos os homens bem vestidos - o segundo mais do que o primeiro - revelam desacordos presentes na nova vida republicana, deixando a carapuça a quem servir. É perceptível então que os autores não estavam perdidos em deslumbre e euforia sobre as novidades que chegavam na capital, na verdade estavam em diálogo com as contradições que as mesmas traziam. As mazelas de seu tempo não eram ignoradas, revelando aqui parte dos contrapontos do novo momento urbano: avançar não significou deixar tudo de ruim para trás.

Como visto, as opiniões patrióticas apesar de serem título da charge anterior, não estão contidas apenas em uma seção do jornal, estão dissolvidas pelo todo. É dado em um mesmo exemplar local a múltiplas vozes construindo a paisagem cheia de contradições que era e nunca deixou de ser o Rio. O louvor e a arguição estão combinados acerca dos bons tempos, bons modos, boa e má literatura, boa e má cidade, consolidando-se como forças opostas e, portanto, complementares.

Considerações Finais

O estudo acerca da primeira edição do periódico **A Avenida: Semanário Ilustrado** permite o registro de traços de seu contexto social e histórico. A concepção de modernidade que vai além de questões econômicas, atinge os modos de vestir, agir, pensar da alta elite que buscava suas referências na França e Inglaterra deixando de lado características tradicionais da população brasileira, perdendo-se em meio ao estrangeirismo sem sentido.

De qualquer forma, a euforia fazia parte do processo e os autores do semanário eram entusiastas desta transformação, apoiando a renovação da cidade de forma metonímica com o próprio país, louvando a nova Avenida e sua pátria ao mesmo tempo. Esta adaptação a todas as novidades não pode ser de todo feliz, por mais que a turbulência do processo não afetasse gravemente a elite ou os entusiasmados, a injustiça permanece revelando que nem tudo foi realmente mudado.

Referências

- ASSIS, Machado de, Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. **Machado de Assis Vida e Obra**. Crítica. Org. Ministério da Educação. Disponível em <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/109-noticia-da-atual-literatura-brasileira-instinto-de-nacionalidade>. Acesso em 12 de fev. de 2020.
- BERMAN, Marshall. Modernidade -Ontem, Hoje e Amanhã. In: **Tudo O Que é Sólido Desmancha No Ar: A Aventura da Modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- COSTA, Maria I. Caser da. Biblioteca Nacional Digital. **A Avenida: Semanário Ilustrado**. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/a-avenida-semanario-illustrado/> Acesso em 12 de fev. de 2020.
- LUCA, Tânia Regina De. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, Luciana. De vitrines e multidões: O nascimento do espaço urbano moderno. In: **Temas & Matizes**, v.4, n.08, 2º sem. De 2005, p.63-70. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/428>. Acesso em 12 de fev. de 2020.
- NEEDELL, Jeffrey D. **A Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- Periódico Consultado**
A Avenida (RJ) – 1912 – Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Rio de Janeiro- RJ/Brasil; TRB00482.0155; Rótulo: 119563, n. 1, ano I, 06 de julho de 1912; ano I, n. 2, 18 de julho de 1912; ano I, n. 3, 4 de agosto de 1912; ano I, n. 4, 18 de agosto de 1912.

CARTOGRAFIAS DA BOSSA NOVA¹⁸

Luciana Nascimento¹⁹
Douglas Marques Luiz²⁰
Ricardo Prati Fernandes²¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fazer uma leitura das canções da Bossa Nova que descrevem a cartografia da cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, sabendo que muitas canções do movimento estão relacionadas com a temática fizemos a escolha metodológica de selecionar as canções: “Samba do avião”, “Garota de Ipanema”, “Copacabana”, “Samba de verão”, “Ela é carioca”, “Sinfonia do Rio de Janeiro”, “Corcovado”, “O Barquinho”, “Opinião”, “Fotografia”, “Ave Maria No Morro”, “Rio”, “Rio que vai, Rio que vem”, “Gente Humilde” e “Gente carioca”. Cientes de que este trabalho visa propor algumas inferências e gerar novas perguntas concluiu-se que a Bossa Nova fixou uma poética cotidiana decorativa, objetiva, romântica e descritiva, por meio da qual se expressou todo o otimismo e de certa forma a pureza de uma geração e de acordo com nosso pensamento só foi possível em um espaço geográfico e a cultura peculiar da capital fluminense.

Palavras Chave: Bossa Nova, Cartografia e Rio de Janeiro.

Abstract

This article aims to analyze the Bossa Nova songs that describe the cartography of the Rio de Janeiro city. Thusly, knowing that many of the movement's songs are related to the theme, we made the methodological choice of selecting the songs: “Samba do avião”, “Garota de Ipanema”, “Copacabana”, “Samba de Verão”, “Ela é carioca””, “Sinfonia do Rio de Janeiro”, “Corcovado”, “O Barquinho”, “Opinião”, “Fotografia”, “Ave Maria No Morro”, “Rio”, “Rio que vai, Rio que vem”, “Gente Humilde” e “Gente carioca”. Aware that this work aims to propose some inferences and generate new questions, it was concluded that Bossa Nova established a decorative, objective, romantic and descriptive everyday poetics, through which all the optimism and in a way the purity of a generation was expressed and, according to our thinking, was only possible in a geographical space and the peculiar culture of the capital of Rio de Janeiro State.

Key words: Bossa Nova, cartography and Rio de Janeiro.

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

¹⁸ Utilizamos a categoria “Cartografias” na perspectiva de Delleuze, Derrida e Guattari os quais postulam a característica performática dos mapas ultrapassando a imagem do mapa como mera representação de um espaço no papel. A cartografia a que nos remetemos é àquela que busca revelar contextos e práticas em constante recriação. Assim, hoje tem-se uma relação muito clara da cartografia com os estudos literários, como por exemplo, a obra de Franco Moretti, Atlas do Romance Europeu.

¹⁹ Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Docente do quadro permanente do PIPGLA- Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq- PQ.

²⁰ Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (2013), Docente EBTB do IFAC, Campus Rio Branco. Doutorando da UFRJ, no PIPGLA (Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada).

²¹ Acadêmico do curso de Paisagismo da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista do PIBIAC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artístico-cultural da Pró-Reitoria de Graduação, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Nascimento.

Introdução

No ano de 2018 comemorou-se 60 anos do surgimento do movimento musical chamado de “Bossa Nova”. E, sem dúvida os marcos históricos²² guardam relevância particular para a captação de diferentes discursos sobre a sociedade, principalmente, quando se trata de um importante momento de atualização cultural do país, que se tornou bastante conhecido, pelas suas características inovadoras representadas pela proposta criativa de João Gilberto, com sua “famosa batida que ele inventa no violão e à sua maneira de cantar à meia voz, com um *timing* perfeito e nenhuma ênfase emotiva” (NAVES, 2000, p. 36).

Nem só de João Gilberto viveu a Bossa Nova e se lançarmos o olhar sobre as canções inaugurais do movimento, sem dúvida, podemos afirmar que estas se converteram em verdadeiras canções-manifesto, tais como “Desafinado” (1958) e “Samba de uma nota só” (1960), compostas por Tom Jobim e Newton Mendonça. Nessas canções, o músico carioca inseriu arranjos inusitados, nos quais letra e música se retomam entre si, fazendo referências ao novo modelo interpretativo que a Bossa trazia em seu bojo para a música brasileira.

No tocante à temática, em “Desafinado”, Tom Jobim, ironicamente, coloca em cena uma fictícia história sentimental, para, no entanto, estabelecer uma fecunda reflexão sobre os principais elementos estéticos da Bossa Nova, conforme afirma Naves:

Os elementos de transgressão da bossa nova encontram-se presentes sobretudo em “Desafinado”: no momento exato em que se pronuncia a sílaba tônica da palavra "desafino" ocorre, no plano da música, uma nota inesperada, que representa uma transgressão aos padrões harmônicos da música popular convencional. Outro procedimento que caracteriza as duas composições, colocando-as em correspondência com o tipo de sensibilidade da poesia concreta, é a maneira *cool* de se lidar com a temática amorosa. Em “Desafinado”, por exemplo, a pretexto de uma arenga sentimental, discute-se, na verdade, uma questão estética. (NAVES, 2000, p. 36).

A nota musical inesperada citada é uma característica muito evidente em diversas canções da Bossa Nova e, talvez, um dos maiores trunfos do movimento. O toque diferente faz com que a canção ganhe uma concretude quase palpável, dá plasticidade a obra, dá movimento, faz com que a canção ganhe uma dimensão a mais ao existir no mundo. Naves ainda diz que “[...] ao introduzir um registro musical intimista semelhante ao do *cool jazz* a bossa nova harmonizar-se-ia com o ideário de racionalidade, despojamento e funcionalismo que teria caracterizado várias manifestações culturais do período [...]” (NAVES, 2000, p. 36), como a arquitetura modernista, representada com grande expressividade por Oscar Niemeyer.

A proposta estética da Bossa Nova dialogou com muitos outros estilos musicais da tradição, tais como: o jazz, o bolero e o samba, criando assim, o que podemos chamar de “samba de apartamento”, no qual utilizavam-se um “banquinho e um violão”, em cujas composições se aliava uma poesia simples, com as belas paisagens do mar e da cidade do Rio de Janeiro.

²² BOSI, A. 1994. p.19.

Nesse sentido, vale ressaltar que muitas cidades ao redor do mundo tiveram suas imagens recorrentemente difundidas a partir da literatura ou da música e o Rio de Janeiro foi uma dessas cidades “cantada em prosa e em verso” e mundialmente conhecida pelo epíteto de Cidade Maravilhosa. Além disso, o Rio é também conhecido por ser a cidade dos paradoxos, “da beleza e do caos”, da Bossa Nova, a capital do samba, do Carnaval e das belas mulheres. Conforme assinalou Sandra Pesavento (2007), são essas representações que fazem com que o espaço se converta em lugar prenhe de significados e de memórias:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

A Cidade do Rio de Janeiro é variada, está entranhada no relevo e na vegetação, das planícies até os morros. A relação mais evidente desse entranhamento que fascina está justamente onde a Bossa Nova surgiu e se catapultou para o mundo, a zona sul da cidade. Uma observação a fazer é que a relação tão fascinante entre o construído e o natural no Rio de Janeiro possui variações. Tal relação não é a mesma para quem vive no alto dos morros, nas regiões adjacentes, no subúrbio. Essa conexão costuma ser mais tensa, desigual e patogênica.

Desde os seus primórdios a cidade foi recorrentemente captada pelos viajantes como pelos literatos desde o período do Brasil Colônia. O elogio às belezas naturais foi sempre uma constante e vale ressaltar que em 1935 André Filho lançou junto com Aurora Miranda a marchinha de carnaval Cidade Maravilhosa, que na década de 1960 veio a se tornar o hino oficial da cidade.

É fato que a literatura e a música têm um papel de grande destaque no registro e percepção da cidade. Uma relação de mutualismo. Cidades do passado se mantêm vivas em muitos casos através da literatura, a palavra escrita. Locais como o Passeio Público, Campo de Santana e Praça Tiradentes, que também já foram objetos de estudo em outras pesquisas desse grupo, são alguns dos exemplos que podemos citar.

Não podemos esquecer também da pintura, gravura, fotografia, cinema e diversas outras expressões artísticas que contribuíram imensamente para os registros que possibilitaram o desvelar da cidade e da sua gente.



Figura 1 - Vista parcial do centro do Rio de Janeiro a partir do Morro do Castelo. Destaque para a Praça XV de Novembro (centro), o porto e a Ilha da Cobras ao fundo, Marc Ferrez, c. 1885. Acervo Instituto Moreira Salles.

Tratada a materialidade das cidades e as relações que as compõem falaremos das conexões imateriais e do comportamento humano. Neste caso, o registro da cidade através da música:

[...] Música e letra, canção e voz acompanham a vida das cidades e falam delas de forma... irresistível, por certo! Pícaras e burlescas, românticas e melodramáticas, solenes e oficiais, as músicas da cidade nos permitem construir imagens mentais do urbano, algumas mesmo tornadas icônicas, como a de certa *cidade maravilhosa*. (PESAVENTO, 2007, p. 53).

Nesse sentido, buscaremos cartografar as paisagens da cidade do Rio de Janeiro, a partir de composições da Bossa Nova como “Samba do avião”, “Garota de Ipanema”, “Copacabana”, “Samba de verão”, “Ela é carioca”, “Sinfonia do Rio de Janeiro”, “Corcovado”, “O Barquinho”, “Opinião”, “Fotografia”, “Ave Maria No Morro”, “Rio”, “Rio que vai, Rio que vem”, “Gente Humilde” e “Gente carioca”. Conforme foi supracitado a capital carioca foi inspiração para muitos artistas, nacionais e internacionais, desse modo, no movimento Bossa Nova não foi diferente, pois, praticamente todas as composições de alguma forma fazem menção as belezas do espaço físico e das pessoas da cidade. Existem ainda algumas canções que trazem nas letras registros de cunho social e de certa forma críticos/políticos. Trazem um olhar voltado para partes quase invisíveis da cidade. Esses registros nas canções são de grande valor, pois jogam luz sobre o tema e auxiliam na compreensão da morfologia física e social da cidade. É interessante ressaltar aqui que mesmo que, eventualmente, as canções não tinham a intenção de denunciar ou dar voz as pessoas e locais cantados é facilmente pensável que isso pode ter sido o começo ou um pontapé mais forte, uma faísca para a grande quantidade de letras que denunciaram e denunciam a ainda marginalização de uma grande parcela da população brasileira.

Neste trabalho temos por objetivo estudar as letras das canções escolhidas como elementos identitários da paisagem urbana e metonimicamente do Brasil, tendo em vista que a Bossa Nova se tornou uma “música de exportação” e um produto turístico.

As paisagens e a Bossa

A paisagem foi um importante elemento para o surgimento da Bossa Nova e, talvez, o maior material para a composição das canções, mas antes de tudo é preciso entender o que é a paisagem e o que a caracteriza.

O conceito de paisagem é amplo, diverso, em outras palavras complexo. Tal conceito, assim como a sua formação e desenvolvimento está em permanente estudo.

Assim como foi dito, as descrições que definem paisagem variam. Dependendo da área e do profissional ou pesquisador que atuam no tema encontraremos uma diversidade de compreensões e aplicações. Em suma, é um tema apaixonante e importantíssimo para o entendimento das sociedades e cidades.

Neste tópico vamos focar em algumas definições mais relacionadas ao objetivo da pesquisa. Marcus Polette apresenta em **Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito (1999)** a variabilidade dos conceitos e estudos sobre o tema em questão. A definição feita pelo autor logo na introdução do artigo evidencia uma grande semelhança em relação ao que já tratamos sobre o que conceito de cidade:

Paisagem pode ser definida como um sistema territorial composto por componentes e complexos de diferentes amplitudes formados a partir da influência dos processos naturais e da atividade modificadora da sociedade humana, que se encontra em permanente interação e que se desenvolvem historicamente. (POLETTE, 1999, p.83).

Para SANTOS (1996) *apud* POLETTE (1999), “tudo aquilo que vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”

Nota-se que, inicialmente, o conceito dado por SANTOS trata a paisagem como algo de presença mais natural, aquilo que comumente é falado, porém, relacionando com o que já foi apresentado e o que se entende por cidade e experiência da vivência humana observamos que a relação entre as duas definições é muito próxima. As cidades também são formadas por “cores, movimentos, odores e sons”, fazendo delas parte integrante da paisagem. Assim, a música, existindo pelo som, também é elemento formador dessa paisagem rica e complexa.

A literatura e as artes visuais costumam trabalhar o conceito de paisagem através de um olhar mais voltado para a percepção estética, com um teor cênico, seja como palco principal ou pano de fundo. É a partir dessas considerações que começaremos a trabalhar a paisagem carioca na Bossa Nova. Assim, passaremos agora à leitura de algumas das composições elencadas no início desse texto.

Primeiramente nos debruçaremos sobre a canção “Samba do Avião” do compositor Antônio Carlos Jobim. Ela foi lançada no ano de 1962 e logo nos primeiros acordes demonstra se tratar de uma composição do movimento Bossa Nova, na linha melódica há uma entoação com notas Longas em ritmo moderato entoando o seguinte texto: “Eparrê/Aroeira beira de mar/Canôa Salve Deus e Tiago e Humaitá/Eta, costão de pedra dos home brabo do mar/Eh, Xangô, vê se me ajuda a chegar” (JOBIM, 1962). Na sequência, as referências à beleza da cidade se fazem evidentes nos versos:

Minha alma canta/Vejo o Rio de Janeiro/Estou morrendo de saudades/Rio, céu, mar/Praia sem fim/Rio, você foi feito prá mim/Cristo Redentor/Braços abertos sobre a Guanabara/Este samba é só porque/Rio, eu gosto de você/A morena vai sambar/Seu corpo todo balançar/Rio de sol, de céu, de mar/Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão/Copacabana, Copacabana/Cristo Redentor/Braços abertos sobre a Guanabara/Este samba é só porque/Rio, eu gosto de você/A morena vai sambar/Seu corpo todo balançar/Rio de sol, de céu, de mar/Água brilhando, olha a pista chegando/E vamos nós/Pousar. (Texto da composição de Tom Jobim 1962).

A alegria de retornar à sua cidade natal é latente nas estrofes, “Minha alma Canta/Vejo o Rio de Janeiro/Estou morrendo de saudade”. Quando o autor realiza musicalmente esta segunda parte do texto, encontramos a composição com o andamento um pouco mais acelerado do que o inicial, já com o sincopado característico da Bossa Nova, que, por sua vez, também é idiossincrático da cidade.

Jobim enaltece as belezas naturais e a cultura da cidade em praticamente toda a composição. Especialmente quando nos referimos ao espaço geográfico, ele enfatiza os principais pontos turísticos, em sua maioria na zona sul carioca, que estão na memória dos estrangeiros quando pensam em Brasil, isto é, a cartografia da capital fluminense com sua beleza peculiar vem a ser a visão constituída de forma homogeneizante do Brasil no Exterior. Poderíamos pensar, que a composição “Samba do Avião” é a síntese das belezas da cidade.

Na canção “Sinfonia do Rio de Janeiro” lançada em 1954 e composta do Billy Blanco e Tom Jobim temos essa síntese também. Logo na abertura vemos “Rio de Janeiro/A montanha, o Sol e o mar”. Mais à frente, a partir de outras canções, veremos que a síntese do que seria o Rio de Janeiro pode se revelar em outras ramificações dependendo da vivência e condição social. A cidade é diversa, múltipla, plurimorfológica.

Continuando na canção e no enaltecimento das belezas naturais e paisagísticas únicas temos “Festival da beleza/Natureza sem par/Rio de Janeiro/Que eu sempre hei de amar...”. Esse mesmo amor e fascínio se repetem com outras palavras em outras partes da canção:

Matei-me no trabalho/Vou espairar/Na gafieira ou no trabalho/Talvez com este Sol/Eu vá ao futebol/Porém o céu azul/É um convite à zona sul [...]Lutei semana inteira/Quero meu lugar ao Sol/Um bom fim de semana/Será Copacabana/Eu quero visitar/Um morador chamado mar. (Texto da composição de Blanco e Jobim, 1954)

A zona sul e seus encantos são mencionados em um outro trecho que, inclusive, é intitulado Zona Sul: “O mar, o sol e o céu azul/Me obrigam a procurar a zona sul [...]”.

Em outra parte chamada “Arpoador” vemos: “Arpoador, meu cantinho de areia/O cartão de visita da zona sul [...] / Arpoador, meu recanto encantado [...]”.

É possível observarmos de uma maior introspecção nesse trecho, mostrando que apesar da badalação da zona sul o local também tem áreas onde é possível voltar-se unicamente para si, mentalmente e fisicamente.

Se os dias praianos do Rio são desejados, as noites não seriam diferentes. Ainda em “Sinfonia do Rio de Janeiro” nos é apresentado um registro da agitação e diversidade das noites cariocas:

Noites do Rio, perto do mar/É uma boate ou é um bar/Um Cadillac, um picolé/Ou um cinema, passeio a pé/Se estou com frio, entro num bar/Se faz calor, entro num bar [...]. (Texto da composição de Blanco e Jobim, 1954)

Mais além, na metade da canção temos “O Mar”:

O mar, quanto tempo esperou/A cidade crescer/O mar, quanto tempo esperou/A cidade chegar/Um dia rasgaram a montanha/O túnel do Leme se abriu/O mar recuou gentilmente/E o bairro bonito surgiu [...]. (Texto da composição de Blanco e Jobim, 1954)

É através dos túneis que ligam Botafogo ao Leme que um dos acessos a grande e concorrida linha marítima acontece. Os versos citados acima trazem um importante registro histórico do desenvolvimento da cidade, que foi um dos responsáveis pela atual morfologia que o Rio possui.

Com o intuito de expandir o acesso e dar vazão ao tráfego do Centro para a zona sul da cidade, que até pouco tempo antes era um local repleto de alagadiços e de difícil acesso e não despertava grandes interesses imobiliários, foi projetada em 1904 a Avenida Beira-Mar. A avenida foi construída graças aos aterros feitos na orla com o material resultante do desmonte dos Morros do Castelo e São Bento. A Avenida Beira-Mar seguia até Botafogo, onde, foram construídos os túneis Engenheiro José Cupertino Coelho Cintra (1906) e João Gualberto Marques Porto (1943).

Foi a partir dessas transformações que a região começou a ser valorizada. A vida de frente para o mar ganhou nova roupagem e passou a ser um programa fixo na vida de muitos cariocas. Antes desse largo aproveitamento da orla marítima sul a população costumava frequentar a Praia do Flamengo.

Ainda no que se refere à Avenida Beira-Mar podemos citar a canção “Fotografia”, composta por Tom Jobim e que logo no início trás “Eu, você, nós dois/Aqui neste terraço à beira-mar [...]”. Esse trecho já nos mostra um enquadramento, uma imagem pronta para ser capturada. Mais a frente temos um outro trecho que diz “Eu, você, nós dois/Sozinhos neste bar à meia-luz/E uma grande Lua saiu do mar [...]”. Os personagens da canção estão a todo tempo diante do mar. A canção se desenrola e a presença do mar na letra vai e vem no mesmo ritmo de como as ondas encontram a areia.

Ao enfocar os trechos citados observa-se o sentimento de amor à cidade pelo sujeito lírico, mas podemos destacar outro elemento histórico, que é um marco paisagístico na história do Rio e do Brasil: o Passeio Público.

O Passeio Público do Rio de Janeiro, primeiro espaço público ajardinado do Brasil, foi construído à margem da Baía de Guanabara propiciando uma vista privilegiada de grande parte da cidade. A construção desse espaço é um marco porque foi a partir daí que a vida social da população carioca se renovou. As relações sociais, que eram restritas basicamente ao ambiente familiar e religioso, ganharam um novo sopro. O passeio passou a ser o palco de eventos e o local de aglutinação do vere ser visto. Uma vitrine.

O carro chefe do belo jardim era o terraço que se limitava com as ondas do mar e assim permaneceu por muito tempo até a abertura da Avenida Beira-Mar que acabou distanciando o Passeio da água. Essa observação foi feita justamente para enfatizar mais uma vez o quanto a natureza e, conseqüentemente, a paisagem fascina. O terraço de “Fotografia”, mesmo estando em outra época, outro lugar e com personagens diferentes continua sendo o palco onde essa sociedade que é encantada pelo mar e por tudo que o emoldura desfila.

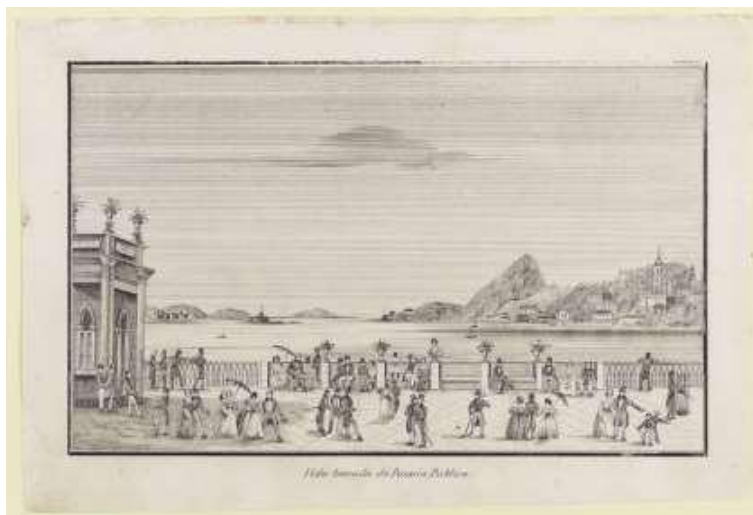


Figura 2 - Vista da Baía de Guanabara a partir do terraço do Passeio Público com destaque para a Igreja de Nossa Senhora da Glória e o Pão de Açúcar, autor desconhecido, c. 1845- 1846. Acervo Instituto Moreira Salles.

O terraço do Passeio Público em noites de verão, quando o céu se recama de estrelas, é superior aos balcões de Veneza, a todos os jardins de Granada, sem excluir os dos reis mouros. (RIBEYROLLES, 1858 *apud* SANTUCCI, 2003, p. 42).



Figura 3 - Avenida Beira-Mar na altura do Passeio Público. O jardim encontra-se a direitada imagem.
Foto: Augusto Malta, 1906. Acervo IMS.

Em “Corcovado” lançada em 1960 por Tom Jobim, há um sujeito lírico que se refere ao ambiente e à boa companhia, acentuando-se a simplicidade, a afirmação de que não é preciso muito para ser feliz²³, ou seja, de acordo com esse sujeito da canção, a felicidade não depende de acúmulos de bens materiais. Nesta canção, observa-se um relevo para a paisagem:

Um cantinho e um violão/Este amor, uma canção/Pra fazer feliz a quem se ama/[...]/Da janela vê-se o Corcovado/O Redentor que lindo [...]. (Texto da composição de Jobim, 1960).

O sujeito lírico inicia a canção descrevendo o seu “cantinho” perfeito e mais a frente encontramos uma mudança na descrição, uma observação: o morro do corcovado, com o Cristo Redentor no topo. A presença desse altar, se destacando das montanhas da cidade é um respiro, um ponto fixo na vista e na janela de muitos cariocas. O ambiente externo passa a fazer parte do interno, adentrando na intimidade, nos sonhos e nos pensamentos.

Paulo Costa e Silva fala da relação, de certo modo, quase simbiótica entre o ambiente construído e o ambiente natural:

É curioso que a intensificação da relação com a paisagem aconteça justamente em um momento de intenso crescimento urbano da cidade do Rio. Pode ser que haja algo de compensatório nisso – a natureza ameaçada pela modernização migra e sobrevive no universo simbólico da canção. Por outro lado, isso fala de uma experiência urbana bastante singular, específica de cidades como o Rio de Janeiro, onde a aliança entre paisagem natural e paisagem urbana é muito forte, amalgamando-se ambas em constantes indefinições entre uma e outra, acenando para uma possibilidade de equilíbrio perfeito entre natureza e cultura (aspiração clássica?) – possibilidade esteticamente realizada pela bossa nova. (SILVA, 2010, p.114 e 115).

²³ Essa observação vai ao encontro com a poética Bossa-novista de simplicidade que nutre uma sensação de paixão constante, onde poucas coisas realmente importam além dos cenários e a pessoa amada.

“Barquinho”²⁴ (1961), canção composta por Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli possui uma letra e melodia tranquilas, uma linearidade reta (sem oscilação). A música tem o desenrolar da vida calma, da vida de quem tem o privilégio de sempre estar diante do mar e de tudo o que ele emoldura:

Dia de luz, festa de sol/E o barquinho a deslizar/No macio azul do mar/Tudo é verão, o amor se faz/[...]/E o sol/Beija o barco e luz/[...]/Céu tão azul, ilhas do sul/E o barquinho, coração/Deslizando na canção/Tudo isso é paz/Tudo isso traz/Uma calma de verão[...]. (Texto da composição de Menescal e Bôscoli, 1960).

É praticamente impossível não pensar, em algum momento, das dezenas de barcos ancorados nos bairros de Botafogo e Urca, que dão uma leveza e charme inspiradores ao lugar. A vista marítima é um dos principais elementos da paisagem carioca.



Figura 4 - Vista da enseada de Botafogo a partir do Morro da Urca. Detalhe para os barcos. Ao fundo vemos também o Corcovado. Foto: Alexandre Macieira/Riotur.

Em “Rio”, de Roberto Menescal temos mais uma vez o registro do poder hipnotizador da natureza que divide lugar com as casas e prédios. O compositor escreve sobre uma cidade que vive para o mar:

Rio que mora no mar/Sorrio pro meu Rio/Que tem no seu mar/Lindas flores que nascem morenas/Em jardins de sol/Rio, serras de veludo/Sorrio pro meu Rio/Que sorri de tudo/Que é dourado quase todo dia/E alegre como a luz. (Texto da composição de Menescal).

As canções trabalhadas retratam o mar quase como uma divindade, uma força mística presente no DNA dos habitantes da cidade. Na letra acima citada, vemos também o enaltecimento da mulher carioca, comparada a flores nascidas em um dos elementos energizadores da cidade assim como do planeta: o Sol.

²⁴ A canção começou a ser escrita quando os compositores e alguns amigos ficaram a deriva no mar durante um passeio de barco entre as cidades de Cabo Frio e Arraial do Cabo, na Região dos Lagos do Rio de Janeiro.

Ao mencionar “serras de veludo” percebemos como a vegetação que recobre o relevo acidentado se destaca. É bela, macia e aconchegante, seja na vivência física (das sensações do corpo ou da função biológica de melhorar a qualidade do ar e umidade do ambiente) como também na imaterial (pensamentos, lembranças, vivências).

Destacamos um outro trecho que diz “[...] Meu Rio que não dorme porque não se cansa/Meu Rio que balança”. Aqui temos um registro da vida noturna. Nota-se que é bastante movimentada. Quando ouvimos que a cidade não dorme percebemos o quanto a noite é valorizada. Sejam os bares, teatros, calçadões, praias, tudo sempre está se movimentando e acompanhando o balanço do mar, das canções espalhadas pela cidade. É uma cidade bastante musical e energética.

A luz é um elemento de grande importância na percepção e vivência da paisagem. Quando vemos a cidade durante a noite, temos uma outra imagem, uma outra experiência. Uma paisagem com mais sombras, uma cidade onde as pessoas ficam mais próximas ao se valerem dos locais luminosos, uma cidade que desperta para ações que na luz do dia não costumam ser feitas, uma cidade onde os jovens dominam e experimentam.

E a cidade do sol, agraciada com as bênçãos dos deuses se mostra novamente em “Rio que vai, Rio que vem” de Paulo César Feital e Roberto Menescal. A canção traz uma narrativa de veraneio, emoldurada pelos encantos da cidade que é fruto da obra divina.

Na letra, conta-se a história de que Deus criou o Rio como local de descanso e, de distância dos problemas, e como obra tão particular da criação, as belezas naturais e a vida ao redor do mar neste recanto divino são únicas. Experiências extasiantes.

Ouvindo a canção foi impossível não a associar com a tão conhecida expressão “Deus é brasileiro”, muito presente na cultura popular. Na maior parte dos casos, a referida expressão é usada para falar das grandes belezas do Brasil, principalmente as belezas naturais.

No trecho “Rio que vai, Rio que vem/Afluentes do além/Casa do pai/Deus já não vai quando vem” há uma ênfase em não permitir que o ouvinte esqueça o esplendor da cidade. O trecho exhibe um Rio que é local de descanso, onde os deuses repousam e se divertem.

A canção chega ao fim falando da profusão e grande quantidade de coisas cobiçadas, como o mar e a areia, as praias. A parte final da canção também cita o maior símbolo da cidade: o Cristo Redentor. Símbolo este que é mencionado em canções de vários estilos musicais. O Cristo Redentor, assim como já foi dito, é um importante monumento da cidade e elemento identitário do Brasil ao redor do mundo:

Fez de água e sal, tão natural/Esse local que abençoou/Pra desfrutar/Do que ele mesmo criou/Pra descansar seu filho/Seu redentor. (Texto da composição de Feital e Menescal).

Na canção “Gente Carioca” (1997) de Francis Hime a cidade e todas as suas belezas são mais uma vez poeticamente enaltecidas do começo ao fim. Citando Noel Rosa, Garrincha, o Cristo Redentor e diversos outros orgulhos da cidade a canção inteira pode ser utilizada para ilustrar a relação e influência da paisagem com a produção musical e o cotidiano, mas nesse momento vamos focar em apenas algumas partes para continuar o pensamento e acrescentar novas informações a essa análise cartográfica da Bossa Nova.

Francis Hime teve o início da carreira musical em muito boa companhia. Ao lado de grandes nomes como Tom Jobim, Carlos Lyra, Wanda Sá, Gilberto Gil, Maria Bethânia, construiu uma belíssima obra. É conhecido por diversificar e reinventar suas próprias canções, gerando ótimas melodias.

Nessa canção, apesar de ter sido lançada bem mais a frente do momento que enalteceu a Bossa Nova, é impossível não sentir a influência, a poesia direta e palpável daqueles anos calorosos do tão aclamado movimento.

Hime canta em um trecho da música o seu amigo Tom Jobim. O encanto de Jobim pela natureza era tão intenso e expressivo que além de refletir na sua produção também foi retratado na produção de outras pessoas, de outros olhares:

Me lembro/De um dia, Tom Jobim/Num Botânico Jardim/Namorando um passarim. (Texto da composição de Hime, 1997).

Após o período inicial da Bossa Nova Tom Jobim caminha por diferentes experimentações na música, mas sempre dando continuidade “[...] ao excesso – tanto sinfônico quanto coral – como forma de representar um Brasil exuberante, pujante em seus elementos físicos e culturais. [...]”. (NAVES, 1998 *apud* NAVES, 2000). Jobim foi um dos grandes nomes que ajudaram a lançar o Brasil para o mundo e sua obra segue inabalável e encantadora.

Assim como escrito anteriormente neste artigo a Bossa Nova se tornou produto de exportação e, naturalmente, o que ela cantava também. Como um movimento nascido no Rio de Janeiro não é nenhuma surpresa que a cidade e toda a vida que ela abarca seria a maior inspiração dos compositores e cantores. Assim, a Bossa Nova e o Rio de Janeiro desenvolveram uma relação simbiótica completamente dissociável.

Deus salve essa gente carioca/Salve o Rio de Janeiro/A cidade que é de todo brasileiro. (Texto da composição de Hime, 1997).

Até hoje o pôr do sol é um evento na cidade. Sempre encantando as pessoas e fazendo todos esquecerem, mesmo que por alguns minutos, os problemas e os dias causticantes. A profusão da luz dourada durante o fim do dia acende a esperança de que o próximo poderá ser melhor.

É tarde/Vou ver o sol se pôr/E a cidade se acender/Lá na pedra do Arpoador. (Texto da composição de Hime, 1997).

O Rio de Janeiro respira e se tranquiliza por causa da natureza. As belezas naturais que existem na cidade e ao seu redor a tornam única e paradisíaca, uma amostra do que é o Brasil: intenso, rico, diverso, plano, montanhoso, matas densas, campos vastos e todas as cores que podemos imaginar.

Passaremos agora a reflexão sobre a icônica “Garota de Ipanema”, composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes lançada pela primeira vez em 1962, no ano seguinte, a composição já possuía uma versão em língua inglesa escrita por Norman Gimbel e com o passar dos anos, um número praticamente incontável de versões em outros idiomas inclusive o Japonês. Toda esta repercussão no mundo fez com que não só a canção, mas o espaço geográfico do bairro da zona sul carioca ficasse mundialmente conhecido.

Um número expressivo de trabalhos acadêmicos foi dedicado à esta composição em específico, entre eles o de Natanael Ferreira França Rocha que trabalhou em sua dissertação sobre as traduções em inglês, alemão, francês e italiano sob a ótica do sistema de transitividade. O autor elucida que mesmo com todos os anos de existência a canção evoca a observação com fascínio do eu lírico:

Já com meio século de existência, a canção de palavras simples e ritmo sereno registra o deslumbramento de um admirador solitário encantado com a beleza de uma garota desconhecida que passa num gingado envolvente em direção à praia de Ipanema. A garota é linda e bronzeada, e fascina seu admirador pelo modo como caminha, num balançado que supera a perfeição poética. O admirador pode apenas contemplá-la como uma beleza que passa sozinha, mas deseja que ela saiba que, ao passar, faz o mundo inteiro se encher de graça e ficar mais lindo por causa do amor que ela inspira. Resta ao admirador, portanto, lamentar sua solidão e a tristeza que sente por não ser correspondido. (ROCHA, 2013, p.26).

A beleza tanto da Garota, quanto da praia de Ipanema são simbiontes e como ressalta o autor faz o mundo se encher de graça por conta do amor que é emanado em meio ao seu caminhar, a cartografia do ambiente e aos versos.

Outra composição que enaltece as belezas da zona sul carioca é “Copacabana” do compositor Tom Jobim. A música é descritiva no que se refere ao espaço geográfico privilegiado do bairro homônimo. Nos primeiros versos o compositor reconhece que: “Existem praias tão cheias de luz”, no entanto, ele continua “Nenhuma tem o encanto que tu possuis”. Ao conhecer as belezas desta praia ao longo da Avenida Atlântica todos se encantam por estar em um lugar que foi narrado por músicos, poetas, escritores e atores que movimentaram e continuam propiciando a arte no Brasil.

O autor da canção, com sua liberdade poética dá o título de Princesa à Praia nos versos: “Copacabana princesinha do mar”. Na sequência enuncia o ciclo do dia ao redor das belezas sem par do local, dizendo que: “Pelas manhãs tu és a vida a cantar/E á tardinha o sol poente/Deixa sempre uma saudade na gente”, de fato, o compositor fala com propriedade, pois, boa parte de sua vida trabalhou nas boates do bairro, o que provavelmente o inspirou a relatar tais belezas.

A praia e o bairro de Copacabana foram “palcos” de importantes passagens históricas do Brasil, como por exemplo a revolta dos 18 do forte, a primeira revolta tenentista da república velha (STRINGUETTI, 2018), hoje é um dos bairros mais populosos do país com aproximadamente 140.000 habitantes (IBGE, 2010) somente no perímetro. Todas estas questões fazem com que os encantos desta localidade privilegiada sejam celebrados pela junção de arte e cartografia urbana.

A canção “Samba de verão” dos compositores Paulo Sérgio Valle e Marcos Valle é outro exemplo de descrição cartográfica da cidade do Rio de Janeiro por meio de versos, contudo, nesta música a referência às belezas da cidade são subentendidas. Como por exemplo no trecho: “Olha, é como o verão, quente o coração/Salta de repente só pra ver a menina que vem”. O autor faz alusão ao verão carioca que é intenso e atrai cidadãos e turistas para as belas praias tal qual uma certa “menina”, exaltando a beleza da mulher fluminense. No decorrer da composição há uma referência ao mar se relacionando com o olhar: “Ela vem, sempre tem/ Esse mar no olhar”. A música dos irmãos Valle pode ser considerada também como uma das que enaltecem as belezas da cidade mais badalada do Brasil e um dos destinos turísticos mais importantes do mundo.

A canção “Ela é Carioca” é um outro exemplo da junção entre a cartografia peculiar da cidade e a cultura do Rio de Janeiro. Tom Jobim e Vinícius de Moraes descrevem com emoção e ao mesmo tempo precisão as características encantadoras idiossincráticas do lugar. Nos primeiros versos encontramos uma menção ao andar, que segundo os autores seria peculiar às moças da cidade: “Ela é carioca, ela é carioca/ Basta o jeitinho dela andar” (JOBIM/MORAES, 1963). Podemos entender esta estrofe ao fazer uma caminhada em qualquer praia do Rio de Janeiro, pois, existe um *élan* que parece pertencer exclusivamente às moças do local. Curioso e engraçado é perceber como os turistas de diferentes lugares do país e do mundo procuram “incorporar” este impulso sem muito sucesso.

Mais adiante na canção temos os versos: “Eu vejo na cor dos seus olhos/As noites do Rio ao luar”, de fato, somente aqueles que conhecem a noite da cidade com a lua refletindo sobre as águas do mar compreendem este trecho da composição, pois, é uma imagem que não pode em nossa opinião ser transmitida em imagem, mas em vivência.

Nos dois últimos versos da canção encontramos o seguinte texto: “Só sei que sou louco por ela/ E pra mim ela é linda...” Em nossa concepção o eu lírico se posiciona de forma com duas significações distintas, uma se referindo à “musa”, bem como em relação à cidade.

Por conseguinte, as canções escolhidas representam, em nossa opinião, uma descrição por meio dos textos, melodias e entonações as belezas da Cidade do Rio de Janeiro e as características culturais peculiares dessa desejada unidade da federação.

O Rio de Janeiro dos morros e além dos túneis

Sendo uma cidade tão diversa é de se esperar que haja o outro lado da moeda. A Cidade do Rio de Janeiro, potencialmente divina também possui um lado obscuro, os locais marginalizados e muitas vezes estereotipados. Iniciaremos nossa leitura deste tópico com uma canção já citada anteriormente e que também é um ícone, não só pela belíssima letra e arranjo, mas também pelo grande elenco que dá voz a ela: “Sinfonia do Rio de Janeiro”.

Nessa canção dividida em oito partes e com mais de quinze minutos de duração, dos quais passam mais rápido do que percebemos, temos uma série de registros do Rio de Janeiro. Registros esses, distintos e variados, que nos permitem ver e ouvir a diferentes realidades da população carioca.

Temos o enaltecimento da vista e do viver litorâneo, principalmente de quem vive na zona sul e também o “relato” do trabalhador que sai do subúrbio, pega trem, além dos habitantes dos morros, quase sempre esquecidos e a margem dos direitos e do desfrutar do espaço urbano.

[...] Morro, se na roupa és mal vestido/Deus te fez o escolhido/Para fazer samba melhor/O morro, bem distante do pó da cidade/Onde samba é Brasil de verdade/E o progresso ainda não corrompeu/O morro, onde o dono de todo barraco/É forte no samba, o samba é seu fraco/Um samba tão bom que a cidade esqueceu. [...]. (Texto da composição de Blanco e Jobim, 1954).

A parte onde se canta “Um samba tão bom que a cidade esqueceu” expressa um triste fato que se mantém até hoje: a invisibilidade, o cerceamento das pessoas pobres para áreas afastadas dos centros ricos e das moradias dos grandes endinheirados.

Conforme a canção avança, encontramos: “[...] Meu senhor/Quando fizer calor/Não reze pra chover/Por caridade/Barracão não conhece cobertor/E dentro dele chove de verdade [...]”. Este trecho retrata a carência das habitações das favelas, a falta de infraestrutura adequada e universal.

Registramos, também, um olhar para o entorno alto que emoldura a aclamada zona sul da cidade em “Ave Maria no Morro”, composta por Herivelto Martins e lançada pela primeira vez em 1942. A canção foi regravaada por vários outros cantores, mas foi na voz de João Gilberto que ganhou um tom único e tocante. Logo no começo já se evidencia: “Barracão de zinco/Sem telhado, sem pintura/Lá no morro/Barracão é bangalô”.

Vemos aqui a descrição que ainda é comum tantos anos depois, apesar de alguns avanços. Os barracos precários são construídos em muitos casos com materiais de descarte, materiais impróprios para construções seguras e confortáveis. A precariedade ainda é evidenciada em “Barracão é bangalô”.

Explicitamente essas três palavras podem não significar muita coisa, mas quando voltamos o olhar para as origens do bangalô percebemos a densidade e o peso da comparação.

De origem indiana o termo original *bungalow* “[...] se referia a um tipo de habitação colonial do leste da Índia: uma casa térrea, como cômodos bem ventilados abertos para um *hall* central arejado, com telhado pouco inclinado e varandas em todas as fachadas” (JANJULIO, 2011, p. 48).

Da Índia colonial o bangalô migrou para a Inglaterra e era encontrado na área rural. Esse tipo de construção, utilizada por famílias abastadas era o descanso da rotina agitada e poluída da urbe. Nos Estados Unidos esse tipo de construção também era elitizada.

Com o desenvolvimento e expansão da área urbana, a zona rural fica cada vez mais próxima dos centros até se tornar parte deles:

[...] muitas áreas do campo tornaram-se subúrbios das cidades, e a “síndrome da volta à natureza” passou a aplicar-se à casa do subúrbio, de onde todos os dias se vai e se volta do trabalho. O bangalô faz parte desse contexto, tornando-se a habitação característica do subúrbio [...]. (KING, 1995, p. 126 *apud* JANJULIO, 2011, p. 48).

No Brasil, o bangalô foi inserido na paisagem entre o fim do século XIX e meados do século XX. Associados ao desenvolvimento e estilo de vida burgueses, tornaram-se a principal moradia de grande parte dos subúrbios brasileiros (principalmente em São Paulo), ganhando projetos exclusivos. Bairros especiais baseados nos bairros jardins ingleses eram criados para proporcionar uma vivência pitoresca²⁵ e ótima qualidade de vida aos ricos que desejavam se afastar do centro.

Feito esse parêntese, retornaremos à canção em tela para podermos compreender o motivo da comparação de um “barracão de zinco” com um bangalô. A vida nos morros sempre foi historicamente precária, pois, sempre houve o descaso por parte de governantes e da própria sociedade que vive externa a essa realidade tão sofrida faz com que o “viver” seja mais bem representado por outra palavra: sobreviver.

Infelizmente, a precariedade dos serviços e moradias ainda permanecem na paisagem da cidade. O subúrbio e a periferia cariocas²⁶ possuem uma quantidade imensa de diferenças entre si e

²⁵ “[...] próprio para ser pintado” (PINHEIRO, D’AGOSTINHO, 2004, p. 119).

²⁶ Em **Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade** os autores João Luis Araújo Mais e Adelaide Rocha de la Torre Chao discorrem de forma ímpar sobre a questão (as definições e características) fornecendo um ótimo arcabouço para a compreensão dos vários elementos construtores da morfologia física e social da cidade do Rio de Janeiro.

dentro deles mesmos, mas é fato que a maior parte é ausente de qualquer pompa, são lugares que foram esquecidos durante a linha evolutiva dos direitos e investimentos, assim como veremos a seguir em outras canções.

Uma outra parte da letra de “Ave Maria no Morro” traz a natureza novamente ao palco, mostrando que ela é, definitivamente, um respiro em meio a insalubridade e miséria, assim como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o mar:

Tem alvorada, tem passarada/Alvorecer/Sinfonia de pardais/Anunciando o anoitecer. (Texto da composição de Martins, 1942).

Em “Opinião” (1964), composta por Zé Keti e famosa na voz de Nara Leão o tom firme e de manifesto expressado pela cantora expõe mais uma vez algumas das mazelas dessa população pobre que vive nos morros. As observações feitas e a análise do trecho citado se encaixam com muita precisão em diversos outros locais da cidade:

Se não tem água, eu furo um poço/Se não tem carne, eu compro um osso e ponho na sopa/E deixo andar, deixo andar. (Texto da composição de Keti, 1964).

O canto que apresenta as adversidades da vida nos morros e a versatilidade dos moradores na solução dos problemas expõe novamente a ausência do poder público e nos traz a contemporaneidade. A falta de acesso a água potável e encanada, déficit no fornecimento de energia elétrica, falta de redes coletoras de dejetos, coleta de lixo esporádica e uma série de outros problemas são a realidade dessa população. Tal situação é tão presente em tantos lugares e a tanto tempo que os moradores muitas vezes se conformam, aceitam aquela posição e assim vivem em condições bastante insalubres e degradantes. Condições essas endossadas e reforçadas por grande parte da elite, que não quer a presença dos menos privilegiados nos seus nichos de vivência. Canções como “Opinião”, continuam expondo o cerne da sociedade brasileira que ainda é extremamente desigual.

Para encerrar as análises deste artigo trazemos “Gente Humilde” (1970), composta por Chico Buarque e Vinicius de Moraes e melodia de Garoto. Nesta canção temos um registro de outras áreas da cidade, as áreas e as vidas das pessoas que pegam trem ou moram nas margens da via férrea. Em um trecho da canção o eu lírico sente a vontade de não ser notado e canta:

[...] De repente/Como um desejo de eu viver sem me notar/Igual a tudo, quando eu passo/Num subúrbio/Eu muito bem, vindo de trem/De algum lugar/Aí me dá uma inveja/Dessa gente/Que vai em frente/Sem nem ter com quem contar/São casas simples/Com cadeiras na calçada/E na fachada, escrito em cima/Que é um lar/Pela varanda, flores tristes/E baldias/Como a alegria que não tem/Onde encostar [...]. (Texto da composição de Buarque, Moraes e Garoto, 1970).

O desejo de não ser notado e a observação feita para materializá-lo é uma triste realidade: a pobreza e a aridez do subúrbio e da periferia. Ao contrário de países onde o subúrbio é tido como um lugar onde não “deixa a desejar” em quase nada em relação aos centros, no Brasil, morar no subúrbio ou na favela é praticamente não existir. O morador dessas áreas, quase todas marginalizadas, é visível apenas para situações e designações específicas: é a base dos serviços, a mão de obra que sustenta um torturante sistema de enriquecimento vertical, que traz como consequência a manutenção da desigualdade.

A descrição das fachadas feita pelo eu lírico mostra a conjuntura arquitetônica e paisagística do subúrbio do Rio de Janeiro. As cadeiras na calçada são um modo de ver o movimento da rua ou conversar/interagir com um pouco mais de conforto, mas também estão lá devido ao calor intenso das moradias que na maior parte dos casos não possuem ventilação adequada, lembrando que o Rio é uma cidade que passa a maior parte do ano com temperaturas altas. As plantas solitárias nas varandas das casas são um reflexo do interior dos moradores, muitas vezes tristes, sem experiências sensoriais agradáveis em relação ao verde, aos espaços públicos bem planejados e confortáveis. Encontramos ruas áridas, sem árvores, vemos as poucas praças tímidas, vazias, abandonadas e sem atrativos. Os locais são cinzas, concreto sobre concreto potencializando o calor exaustivo e enrijecendo o espaço e as pessoas.

Após isso, diante de tanta beleza citada, vista e ouvida neste artigo ou por qualquer pessoa que consegue acessar o Rio de Janeiro por outros meios, terminar a análise das canções falando de desigualdade e pobreza pode parecer uma tentativa de “jogar um balde de água fria” na poética da Bossa Nova, mas é impossível e irresponsável (principalmente na fase conturbada que vivemos) destrinçar as canções sem que todos os lados sejam considerados, pois, apesar de parecerem simples, as músicas são bastante densas, com múltiplas camadas e relatam com uma hipnotizante magia os espaços, as ações, os sentimentos e as relações existentes nas cidades e nas paisagens (para o bem ou para o mal).

As canções, fruto de olhares observadores e sensíveis, capturaram as diversas faces do Rio e nos mostram que essas imagens permanecem na paisagem e no discurso publicitário do turismo.

No mapa a seguir, que apresenta uma série de pontos turísticos do Rio, destacamos alguns dos locais e elementos cantados nas músicas, além de fornecer um panorama (mesmo que estilizado) do cenário carioca:



Figura 5 – Mapa turístico do Rio de Janeiro com destaques para alguns dos cenários das canções trabalhadas no artigo.

Fonte do mapa: Instituto Pereira Passos de Urbanismo.

Prefeitura do Rio de Janeiro.

Detalhe 1: Cristo Redentor. Registro nas canções: Corcovado; Gente carioca; Rio que vai, Rio que vem; Samba do avião;	Detalhe 2: Leme. Registro nas canções: - Sinfonia do Rio de Janeiro;
Detalhe 3: Copacabana. Registro nas canções: Copacabana; Samba do avião; Sinfonia do Rio de Janeiro;	Detalhe 4: Arpoador. Registro nas canções: Sinfonia do Rio de Janeiro; Gente carioca;

Detalhe 5: Ipanema. Registro nas canções: Garota de Ipanema; Sinfonia do Rio de Janeiro;	Detalhe 6: Morros (na imagem, Vidigal).Registro nas canções: Ave Maria no Morro; Opinião; Sinfonia do Rio de Janeiro;
Detalhe 7: Vegetação exuberante (na imagem, Floresta da Tijuca). Registro nas canções: Gente carioca; Rio; Sinfonia do Rio de Janeiro;	Detalhe 8: Subúrbio. Registro nas canções: - Gente Humilde;
Detalhe 9: Vista aérea (Aeroporto do Galeão) Fonte: Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Registro nas canções: - Samba do avião;	Detalhe 10: Mar. Registro nas canções: Copacabana; Ela é carioca; Fotografia; Garota de Ipanema; Gente carioca; O barquinho; Rio; Rio que vai, Rio que vem;

Como produto final desse trabalho empreendido no âmbito do PIBIAC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artístico-Cultural, desenvolvemos um material online para facilitar o acesso do público às informações da pesquisa e deste artigo.

Utilizamos o Sway, uma plataforma de criação de apresentações da Microsoft. O Sway permite a elaboração de apresentações interativas e é online, não precisa ser instalado no computador. A plataforma é muito dinâmica e aceita diferentes tipos de arquivos, como inserção de mapas, vídeos, fotografias, textos e outros mais.

O formato das apresentações do Sway é suportado por praticamente todos os serviços de hospedagem de sites. A forma como a apresentação é vista fica a critério do leitor. Há três diferentes tipos de rolagem e é possível ver em tela cheia, além de ser possível expandir as imagens. Tudo é muito intuitivo. O site foi feito através do Google Sites²⁷ cujo formato é simples e objetivo. O material com a pesquisa encontra-se já na página principal. Além disso, na parte superior direita do site há o caminho para uma breve descrição do conteúdo apresentado e também os contatos dos responsáveis pelo projeto. As atualizações consideradas importantes sobre o conteúdo serão permanentes, para que assim, o material se torne uma boa fonte de informação para o público em geral e também acadêmico.

Considerações Finais

É inegável que aquilo que envolve o ser humano influencia diretamente nas suas ações e aspirações. Naturalmente, as cidades ou mesmo as áreas rurais tem importante papel no comportamento das pessoas e ao mesmo tempo em que influenciam também são influenciadas, são moldadas pelos seus usuários. O homem está sempre a modificar o espaço que habita, seja por diversas razões.

Vimos que os conceitos de paisagem, assim como o de cidade, definitivamente não são raso e se materializam através de todas as sensações. A percepção visual aliada com as experiências vividas e o pensamento dão concretude a todas as vozes e notas musicais, criam cidades invisíveis extremamente densas e belas.

²⁷ O link do site é <https://sites.google.com/view/cartografiasdabossanova/>

Com base nas análises das canções trabalhadas nesse artigo percebemos que o mar é tratado quase como uma divindade. Uma força mística presente no DNA dos habitantes da cidade.

A Bossa Nova fixou uma poética cotidiana, através da qual se expressou todo o otimismo e pureza de uma geração, momento em que a Garota de Ipanema sai das areias da orla carioca para o mundo com sua versão “The girl from Ipanema” ou a moça carioca se transforma em “She’s carioca”; ainda o “Samba do avião” também alça voos para os céus do mundo e direciona o olhar do estrangeiro para o turismo no Rio de Janeiro. Por outro lado, podemos afirmar mais uma vez que mesmo que o caráter político estivesse fora das propostas da Bossa Nova, sem dúvida, ela abriu sendas para importantes movimentos culturais posteriores, que trouxeram em seu cerne a discussão política, tais como a Tropicália e o Cinema Novo, de Glauber Rocha. Discussões essas que vem ganhando gradativamente mais e mais atenção e defensores diante de toda a problemática político/social brasileira, e talvez até mundial, que vivemos.

Vale ressaltar que as canções retratam diversos lugares. A intensidade e os sentimentos vivenciados por cada compositor/cantor variam. Algumas canções expressam mais amor, outras, saudade, algumas expressam encanto pela natureza, há aquelas que se voltam para os olhares e vivências entristecidos e subjugados, assim como as canções que são a personificação do mar e explodem diante de nós.

É importante frisar e não esquecer o que é comum a todas as canções: a sensibilidade e a qualidade da produção. O cuidado em criar e cantar letras que cativam, que fazem o coração pulsar e desejar o amor, lutar por dias melhores e belos.

Referências

- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, Rio de Janeiro. In: **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em 13 de Abril de 2020.
- JANJULIO, M. S. Bangalô-Subúrbio: a circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação no início do século XX. **Oculum Ensaios** (PUCCAMP), v. 13, p. 46-58, 2011. Disponível em <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/140>. Acesso em 22 de fevereiro de 2020.
- MAIA, J.L.A.; CHAO, A. Subúrbio carioca: conceitos, transformações e fluxos comunicacionais da cidade. **Conexão: Comunicação e Cultura**, v. 15, p. 147-165, 2016. Disponível em <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3517>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.
- NAVES, Santuza Cambraia. Da Bossa Nova à Tropicália: contenção e excesso na música popular. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol.15 n.43 São Paulo Junho/ 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n43/003.pdf>. Acesso em 02 de março de 2020.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, vol.7, n.53, São Paulo, jan.jun, 2007. p.11-23. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.
- POLETTE, M. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo: Visão e Ação**, v. 2, n. 3, p. 83-96, 1999.
- ROCHA, Natanael Ferreira França. **Olha que coisa mais linda: As Traduções da Canção 'Garota de Ipanema' em Inglês, Alemão, Francês e Italiano sob a Ótica do Sistema de Transitividade**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107610>. Acesso em 10 de abril de 2020.
- SANTUCCI, J. **As promenades do Rio de Janeiro: o papel do Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo na história da paisagem carioca**. Dissertação de mestrado em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2003.

SILVA, Paulo da Costa e. Comparar o incomparável: uma aproximação entre Tom Jobim, Debussy e Monet. **Alea**, Jun 2010, vol.12, no.1, p.107-122. ISSN 1517-106X.

Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-106X2010000100008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 29 de março de 2020.

STRINGUETTI, Lucas Godoy. **A participação de Octavio Corrêa na Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. In: Revista Maracanan**, n. 22, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019. p. 239-242. Disponível em

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/39215>. Acesso em 5 de abril de 2020.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO, A REVOLTA DA VACINA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CRÔNICA DA IMPRENSA PERIÓDICA

Luciana Nascimento²⁸
Monique Gomes de Macedo²⁹

Resumo

O alvorecer do século XX e a Belle Époque instauram no cenário sócio-político, a crença no progresso e na ciência e a campanha de vacinação obrigatória a cargo do médico sanitarista Oswaldo Cruz expressou em larga medida tal pensamento. Portanto, é na cidade urbanizada com seus salões que eclode a Revolta Vacina, motim popular contra a vacinação obrigatória, ocorrido no período de 10 a 16 de novembro, mas que seu bojo trazia além da recusa à vacina, reivindicações por melhores condições de trabalho e de vida. Utilizamos fontes primárias como *corpus* deste trabalho. Foram coletados no acervo da Fundação Biblioteca Nacional os periódicos “O Paiz”, “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Commercio”, “O Malho” entre os anos de 1904 e 1905. Nosso critério de seleção foi a temática da Revolta da Vacina e seus desdobramentos e, por esse motivo, foram estudados os números dos periódicos correspondentes à data de eclosão do movimento e também números posteriores com o objetivo de coletar dados sobre os desdobramentos do motim, a saber: o degredo para o Acre de revoltosos e não revoltosos pertencentes às camadas mais populares. Foram estudadas as crônicas tendo em vista que a crônica como bem assinalou Antonio Candido (1992) é filha da máquina e do jornal e em larga medida captou os movimentos urbanos e tudo o que estava destinado a passar como um lampejo. Foi realizada uma pesquisa documental aliada a uma pesquisa bibliográfica com aporte de teóricos, tais como: Benjamin (1985); Berman (1986); Anderson (2008). De acordo com Alarcon (2005), o estudo dos jornais pode contribuir para ampliar a escrita da história literária, ao colocar em cena autores desconhecidos e ignorados pelo cânone. Como páginas do cotidiano, os jornais permitem ao pesquisador conhecer o contexto de produção e os entrelaçamentos entre literatura, sociedade e experiência urbana. **Palavras-chave:** Belle Époque; Revolta da Vacina; periódicos.

Abstract

In the beginning of the twentieth century and the Belle Époque establish in the socio-political scene, the belief in progress and science and the mandatory vaccination campaign under the responsibility of the sanitary doctor Oswaldo Cruz expressed this thought to a large extent. Therefore, it is in the urbanized city with its salons that the Revolt Vaccine breaks out, a popular riot against mandatory vaccination, which occurred in the period from 10 to 16 November, but that its bulge brought in addition to the refusal to vaccinate, claims for better working conditions and of life. We use primary sources as the corpus of this work. The journals such and such (years) were collected in the collection of the National Library Foundation. Our selection criterion was the theme of the Vaccine Uprising and its consequences and, for this reason, the numbers of the periodicals corresponding to the date of the movement's outbreak and subsequent numbers were studied in order to collect data on the riot developments, the to know: the exile to the Acre of rebels and non-rebels belonging to the most popular strata. The chronicles were studied in view that the chronicle, as Antonio Candido (1992) well pointed out, is the daughter of the machine and of the newspaper and largely captured urban movements and everything that was destined to pass as a flash. A documentary research was carried out together with a bibliographic research with input from theorists, such as: Benjamin (1985); Berman (1986); Anderson (2008). According to Alarcon Vaz (2005), the study of newspapers can contribute to expand the writing of literary history, by introducing unknown and ignored authors in the canon. As daily pages, newspapers allow the researcher to know the context of production and the intertwining between literature, society and urban experience.

Key Words: Belle Époque, Revolt, Newspaper.

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

²⁸ Professora Associada. Faculdade de Letras da UFRJ. PIPGLA-Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Este trabalho contou com apoio do CNPq, através de concessão de financiamento com recursos do Edital Universal 2018.

²⁹ Acadêmica do curso de Letras/Português- Literaturas. Este trabalho é parte do desenvolvimento das atividades de pesquisa em Iniciação Científica realizada sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Nascimento. Este trabalho contou com o apoio do CNPq através de concessão de bolsa de Iniciação Científica dentro do Projeto Cartografias urbanas: Centros e margens, contemplado com recursos do Edital Universal 2018.

Introdução

A passagem do século XIX para o século XX se destacou no imaginário social como um período de grandes transformações econômicas e sociais, advindas de um progresso material que se apoiava nas conquistas da ciência, com reflexos no campo artístico-literário. Nesse sentido, novos personagens ingressaram na cena literária e ainda permanecem até hoje, a saber: os trabalhadores, a cidade e sua pobreza e as mulheres destituídas de elegância. Interessa-nos, aqui, estudar a representação da cidade como pano de fundo para a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro da Belle Époque, através das crônicas publicadas nos Jornais “O Paiz” (Mês de Novembro de 1904, 6 exemplares), “Gazeta de Notícias”, “Jornal do Comércio”, “O Malho” e “Correio Mercantil”

Trata-se de uma pesquisa de caráter documental, na hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, aliada a um estudo bibliográfico. Para tanto, utilizaremos um referencial teórico acerca da modernidade, tendo como base os conceitos de Benjamim (1995) e Berman (1986). Utilizaremos também um referencial sobre a cidade moderna: Williams (1989); Nascimento (2011) e, também os estudos de Sá (2008) e Candido (1992) sobre o gênero crônica.

A partir da segunda metade do século XIX, quando ocorre uma intensificação nunca vista no processo de urbanização na Europa, a cidade enquanto “fenômeno urbano” passa a ser captada pela cena literária.

A cidade no período acima supracitado se destacou como fonte de ideias, de inovação, como vitrine. Mas também como palco de lutas. Nesse sentido, pode-se observar que *pari passu* aos salões e aos novos costumes “aburguesados”, a cidade tornou-se, também, um espaço para as revoltas populares, a exemplo das revoluções ocorridas na França, a partir de 1830, que eclodiriam em outras revoluções na Europa, e no mundo, no que tange aos efeitos das revoltas iniciadas nos grandes centros urbanos da época.

Na França, a partir de 1830, com a chegada ao poder do Luis Felipe de Orleans, conhecido como “o rei burguês” houve uma intensa disputa de interesses políticos e financeiros que tornaram Paris num palco de lutas e manifestos populares. Isso causou uma divisão entre apoiadores e opositores ao novo governo, o que deflagrou uma série de processos revolucionários que acabariam por expandir-se para além das fronteiras daquele país, como por exemplo, a “Primavera dos Povos” que ficou mundialmente conhecida e ganhou novos palcos de lutas, para além daquele país.

Também, no Brasil, a cidade moderna, como foi o caso do Rio de Janeiro, tornou-se um palco de lutas, contradições e revoltas. Durante a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, fez parte das revoltas populares ocorridas na cidade após as reformulações iniciadas na cidade, ainda em 1902, com o Rodrigues Alves na presidência, que pretendia através das reformas na cidade, reduzir o foco de epidemias que aqui ocorriam e acabaram por dar à cidade o apelido de “túmulo de estrangeiros” além de uma imagem negativa do ponto de vista turístico.

Na virada do século XIX/XX a cidade do Rio de Janeiro apresentava-se como uma cidade com grande deficiente sanitário, e ruas sujas. Naquela época, não havia sistema de esgotamento sanitário, e todo o esgoto era jogado diretamente no mar pelos escravos, sempre à noite. Os escravos que faziam esse serviço eram conhecidos como “tigres”.

O problema de saneamento básico gerava uma outra grave crise, a da propagação de diversas doenças como a peste bubônica, varíola, febre amarela, entre outras, que tinham a sua disseminação facilitada pela falta de saneamento e pela higiene precária, além do aumento populacional e das moradias em locais insalubres.

Os pontos de moradia insalubre se localizavam nas partes deterioradas do Centro da cidade, nos bairros da Saúde e Gamboa, mais especificamente. Havia a inda o crescimento desordenado das moradias populares nos morros da cidade em largo crescimento.

A superpopulação desses pontos ficou popularmente conhecida como “favela”, nome que se deu a partir de uma planta muito comum existente numa zona em que se fixaram moradias de veteranos da Guerra de Canudos, local que ficou conhecido como “Morro da Favela”.

A essa altura da crise da saúde pública no Rio de Janeiro, já circulava por outros países do mundo que a cidade era o “tumulo dos turistas” uma vez que um navio italiano aportado na cidade teve parte de sua tripulação morta pela febre amarela. Diante dessas condições, o Rio de Janeiro passou a ser evitado pelos navios, o que causou grande problema no mercado de exportações do qual dependia a economia do país.

Assim, o país viu-se diante do desafio de enfrentar as epidemias e promover ações que visassem melhorar a saúde pública e as condições de vida e habitação da população, bem como a busca por resgatar a confiança internacional afim de evitar uma derrocada econômica.

Algumas medidas emergenciais foram tomadas, a partir desse cenário, a mais polêmica dessas medidas se deu através dos projetos de saneamento e campanhas de vacinação, encabeçados por Oswaldo Cruz – médico e sanitarista que se dedicava aos estudos sobre epidemias. Àquela época era responsável pela direção do Instituto Soroterápico no Rio de Janeiro.

De acordo com Sevcenko, (1984) o projeto sanitaria aplicado na cidade veio como parte do projeto de adequação ao processo modernizador e nas transformações que com ele vieram. Nas palavras do autor:

A Revolta da Vacina, ocorrida num momento decisivo de transformação da sociedade brasileira, nos fornece uma visão particularmente esclarecedora de alguns elementos estruturais que preponderaram em nosso passado recente – repercutindo inclusive nos dias atuais. A constituição de uma sociedade predominantemente urbanizada e de forte teor burguês no início da fase republicana, resultado do enquadramento do Brasil nos termos da nova ordem econômica mundial instaurada pela Revolução Científico-Tecnológica (por volta de 1870), foi acompanhada de movimentos convulsivos e crises traumáticas, cuja solução convergiu insistentemente para um sacrifício crucial dos grupos populares. (SEVCENKO, 1984, p. 3-4)

O autor chama atenção para o “problema” maior acerca do processo de urbanização e crescimento das cidades, para as condições socioeconômicas em que se encontrava a grande maioria da população, não só da cidade do Rio de Janeiro, mas do país como um todo.

As mazelas sociais herdadas do período pré-colonial não eram apenas meros fantasmas de um passado latente, e sim reflexos de uma sociedade inteiramente voltada para o acúmulo de riquezas a qualquer custo. Nesse caso, o custo eram vidas de centenas de trabalhadores do país. O autor aponta em seu texto que não se pode contar as vítimas causadas pelas diversas insurreições levantadas no país, aqui salientamos apenas as ocorridas no Rio de Janeiro, em especial a Revolta da Vacina.

A Revolta da vacina e seus personagens

A transição entre os séculos XIX e XX é marcada pelo intenso processo de modernização que ocorrem em diversas metrópoles brasileiras. A cidade do Rio de Janeiro, em especial, passava por profundas transformações por ser considerada a porta de entrada do país, assim como ocorreu em Santos.

Em seu livro intitulado **A Belle Époque Tropical** (1993), o historiador norte-americano Jeffrey Needell explorou e evidenciou todo o processo de transformação da cena urbana carioca, ao qual chamou de “processo de colonização cultural carioca” (NEEDEL, 1993). Para o autor durante esse período o que se viu no cenário social da cidade do Rio de Janeiro foi a reprodução de valores e hábitos eurocêntricos, em especial da Inglaterra e da França, sem qualquer valor de criticidade. A ideia que se passava, através do processo de urbanização, era a de que havia a necessidade de transformar a cidade numa “Paris dos trópicos”. O foco de sua análise está na configuração da “elite” carioca e no seu processo de apropriação da cultura europeia, e seus reflexos na vida social como um todo, além de apontar que tal apropriação servia, tão somente, aos interesses dessa camada mais privilegiada da sociedade.

O que o autor quer destacar com a sua colocação é que essa camada social que constituía a “elite” carioca no período da Belle Époque era

uma espécie de instituição intermediária entre as instituições formais, como clubes e escolas, e as domésticas como, por exemplo, a família ampliada. (...) Essa instituição estava vinculada a contextos históricos capazes de lançar uma nova luz sobre a elite da *belle époque*, não apenas a elite dos poderosos da República, mas a dos sucessores dos poderosos da Monarquia, nos termos da continuidade e da transformação. (NEEDEL, 1993, p. 110).

No caso do Rio de Janeiro houve, portanto, uma tentativa de transformar a cidade numa “Paris brasileira” com as reformas que se iniciaram pelos principais pontos da cidade com o intuito de adequar as ruas, portos e centros comerciais aos padrões europeus, em especial a cidade de Paris.

Sob o comando de Pereira Passos, que foi à Paris e voltou com um novo conceito de modernidade e de cidade, o Rio de Janeiro começa a ser transformado numa cidade turística. O objetivo era colocar a cidade na rota dos principais lugares visitados por turistas de todo o mundo e, através disso, conseguir melhorar o status econômico e social da cidade, e do país.

A cidade era a então capital do Brasil e para justificar tal posição, Pereira Passos adotou medidas enérgicas às obras na cidade. Esta se transformou num imenso canteiro de obras, tanto de saneamento, quanto de pavimentação e edificação. As transformações mais significativas puderam ser verificadas nas novas configurações do centro da cidade, bem como do entorno dos portos.

Esse processo de modernização encabeçado por Pereira Passos ficou conhecido na história como “bota abaixo”. O nome se deu pelo fato de ter se tratado de inúmeras obras que incluíam a demolição de construções coloniais para dar lugar a avenidas largas, como é o exemplo da construção da Avenida Rio Branco, que transformou a vida social e cultural dos moradores da cidade, conforme afirma Nascimento (2014):

O Rio de Janeiro como capital federal, deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão-postal do Brasil. A partir das mudanças nos padrões urbanísticos da urbe ocorreram, também, transformações na vida social e cultural. (NASCIMENTO, 2014, p. 96).

Ao passo que a cidade se transformava em um ambiente moderno e luxuoso, por outro lado, emergiam lutas, revoltas e contradições. O “bota abaixo” de Pereira Passos, aliado a um projeto higienista e elitista, acabava por tornar cada vez mais díspar a situação entre as classes mais ricas e as camadas populares da sociedade. Através das demolições que transformaram a zona portuária e central da cidade, houve um aumento da migração de moradores para as áreas dos morros e subúrbio da cidade. Paralelo a esse movimento havia, ainda, o contraste entre o novo e o velho convivendo praticamente no mesmo espaço. Havia uma cidade quase que subterrânea sendo “construída” para abrigar aqueles que não encontravam o seu lugar dentro da modernidade. Sendo assim, Needell (1993) destacou que

a *Belle Époque* carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...]. (NEEDELL, 1993, p. 39)

Em consonância com a construção de uma nova, e moderna, cidade ocorreu a implantação das obras de saneamento básico, e o início das campanhas de vacinação. O objetivo era o de eliminar da cidade as epidemias que assolavam as áreas populares e os portos e, assim, conseguir melhorar a imagem do país no exterior.

Liderada por Oswaldo Cruz, a campanha de vacinação não foi bem recebida pela população, porque aliada a ela vieram as remoções e as desapropriações. Também a literatura se viu invadida por todas essas transformações, uma vez que a vida artística também foi afetada pelo processo de modernização que sucedeu após a Proclamação da República. De acordo com Broca (2004)

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário (BROCA, 2004, p. 60).

A remodelação da cidade causou revolta na população, e dentre os diferentes processos que ocorreram dentro dessa remodelação, destaca-se o plano de saneamento básico implementado por Oswaldo Cruz, ainda que enfrentando a oposição da mídia. Com o objetivo de modernização, o saneamento que fez parte das obras que transformaram a cidade contribuiu para uma série de ações “higienistas” que ocorreram no entorno dos portos – então porta de entrada da cidade. Dentre essas ações, a mais significativa para o processo das revoltas foi o intenso processo de remoção, e demolição, de moradias populares que deixou centenas de pessoas desabrigadas. Esses desabrigados foram obrigados a migrar para os morros ou bairros mais distantes/periféricos da cidade. Esse processo também culminou no aumento do crescimento das favelas.

Para Sevencko as revoltas seriam uma espécie de reação imediata à nova práxis. Ainda de acordo com o autor, essas reações vinham de diversos setores da sociedade carioca. Acrescentou afirmando que as revoltas eram a representação do embate entre aqueles que eram a favor e os que eram contra o processo de modernização pelo qual a cidade passava. O autor assinalou ainda que um setor da sociedade teria se valido dessa insurreição para tentar legitimar um “golpe” ao governo em exercício àquela época:

O fator imediatamente deflagrador da Revolta da Vacina foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, do plano de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola. O projeto de lei que instituía a obrigatoriedade da vacinação tinha sido apresentado cerca de quatro meses antes no Congresso, pelo senador alagoano Manuel José Duarte. Desde então se desencadeara um debate exaltado, que transpôs as dimensões do Legislativo, para empolgar com fervor as páginas da imprensa e a população da Capital Federal. (SEVENCKO, 1984, p. 6)

Nos principais jornais que circulavam à época dispararam-se textos sobre a “campanha” de vacinação, porém excluindo o que também estava dentro do novo projeto de saneamento da cidade: as remoções.

Chalhoub, por sua vez, aponta que o cerne da questão envolvendo as revoltas estaria nas relações sociais e suas transformações ao longo dos anos 70 daquele século. O autor evidencia o caráter de perseguição às moradias populares, seja por questão de saúde (tentativa de combater às epidemias) ou pela questão política, uma vez que os cortiços costumavam ser abrigo para defensores das causas abolicionistas e republicanas nos finais dos anos 1870:

O lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os seguimentos sociais mais pobres como uma classe perigosa. (CHALHOUB, 1996 p. 8).

A Revolta da Vacina (1904) eclode exatamente num período em que a cidade passa por profundas transformações econômicas, políticas e sociais. A obrigatoriedade da vacinação não foi bem recebida pela população, já insatisfeita com outros movimentos que aconteciam pela cidade, como as remoções e demolições. A campanha de vacinação em massa pretendia debelar a epidemia de varíola que assolava a cidade, agora com o título de capital da república. Outras epidemias também eram frentes de campanha da saúde pública à época, como a febre amarela e a peste bubônica. Em nome dessa campanha ocorriam as demolições, dedetizações das casas a qualquer momento (sem avisos), desratização, entre outros. Sobre esse período, Nascimento (2012) assim assinala:

A medicina de viés higienista, junto com o poder público (municipal e federal), passa a prescrever normas de usos dos espaços públicos e privados, de comportamentos e de cuidados com o próprio corpo tornado objeto de controle por ser o receptáculo último das epidemias que grassavam na cidade e capital federal. (NASCIMENTO, 2012 p. 4).

Nascimento (2014) destaca a Revolta da Vacina como uma manifestação política, e aponta como reivindicação da revolta “a melhoria dos problemas urbanos” como “a rede de água, rede de águas, esgoto e, sobretudo, um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e de trabalho. Tal movimento e seus desdobramentos foram recorrentemente captados pelos jornais da época.” (NASCIMENTO, 2014 p. 97). A autora enfatiza que a aprovação da Lei da Vacina teria sido o estopim para a que a Revolta estourasse. De acordo com os textos publicados nos periódicos “O Paiz” e “Correio Mercantil”, entre outros, a obrigatoriedade da vacinação – vacinação compulsória teria causado a deflagração da revolta em 10 de novembro de 1904. Ressalta-se que o governo “dizia” que a obrigatoriedade da vacinação era “inegável e imprescindível para a saúde pública” (SEVENCKO, 1984, p. 6). Posteriormente é suspensa a obrigatoriedade da vacinação pelo próprio governo.

Ressalte-se aqui que a imprensa também teve papel importante para o cenário, pois acompanhara de perto toda a movimentação dos revoltosos e seus desdobramentos. Um dos efeitos mais comentados foi a série de deportações de pessoas para o norte do país, na Amazônia. Vale ressaltar, ainda, que teria sido a Crônica o principal meio de veiculação das notícias acerca da revolta e das deportações.

Jornais aliados ao governo trataram o assunto com certa parcimônia, defendendo que as atitudes do governo eram boas medidas na tentativa de “modernizar” a cidade e melhorá-la. Outros jornais buscavam mostrar os efeitos causados pela intensa transformação pela qual a cidade passava, e seus impactos na vida do cidadão carioca. Nesse sentido, as crônicas eram a representação real do contraste em que se encontravam aqueles que conviviam com as transformações pelas quais a cidade passava, e atravessavam os seus moradores. Alguns jornais tratavam do tema com certo sarcasmo, através de *Charges*³⁰ que mostravam em tom “cômico” o “castigo” daqueles que ousassem confrontar o governo.

Naquele período, a *topoi* central dos textos de diversos autores atualmente consagrados, como João do Rio e Machado de Assis eram as inovações tecnológicas e seus impactos na vida social. Havia uma clara sensação de nostalgia em diversas crônicas que abordavam as possibilidades futuras das inovações, sem deixar de pensar no que estava ficando para trás, nos escombros da modernidade.

Marshall Berman, em “Tudo que é sólido desmancha no ar”, assinala que a experiência da modernidade foi vivenciada mundialmente, tendo transformado o pensamento e introduzido um processo civilizatório que modificava profundamente os modos de vida e a sociabilidade, a que ele define como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje.” (BERMAN, 1986, p. 14). Para o autor, a modernidade nos coloca num lugar desafiador, um ambiente cheio de aventuras e autoconhecimento que, ao mesmo tempo, nos ameaça de perder tudo o que já temos/sabemos. Aqui o autor fala que todo processo transformador nos coloca diante dos escombros daquilo que está ficando no passado.

Diante dessa afirmação entende-se a motivação principal por trás das crônicas que tanto abordaram os efeitos da modernidade naquela época: os seus desdobramentos. Pois seria a modernidade a chance de evoluir e, simultaneamente, de perder-se daquilo que um dia foi a centralidade do ser.

Na cena jornalística: A Revolta da Vacina e seus desdobramentos

O crescimento desordenado de toda metrópole acarretou alguns problemas que podem se tornar crônicos, como a questão da saúde pública, saneamento básico e habitação na cidade do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro passou por diversas modificações ao longo dos seus quase 500 anos de fundação, e muitas dessas transformações ocorreram com o intuito de modernizar a cidade e torná-la atraente aos turistas. Mas não só isso, as transformações na arquitetura e composição da cidade também cumpriam o papel de urbanizar, modernizar cidade tendo a Europa como matriz.

³⁰ Ilustração humorística que envolve a caricatura de um ou mais personagens, feita com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade.

A cidade, considerada uma das mais belas do mundo precisava ser moderna, precisava ser uma “vitrine” da elite do país.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, em especial no período chamado de “Belle Époque carioca” o preço da modernidade se deu através de incontáveis mortes, remoções, prisões e deportações. Como bem escreveu Sevencko (1984), “incontáveis foram as vidas perdidas em nome da modernidade”. O escritor destacou em seus estudos o que havia por trás do processo de modernização da cidade: o seu aspecto socialmente excludente. E, a partir disso, pontuou o as Revoltas que surgiram nesse processo como parte importante dos resultados da modernidade.

O autor disse em seu texto que o cerne da questão da modernização ocorrida no Rio de Janeiro no início dos anos 1900 foi a transformação a qualquer custo, ainda que o custo fossem vidas.

Nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, sob o comando de Pereira Passos, iniciou-se um imenso processo de urbanização do centro da cidade e as ruas transformaram-se num imenso canteiro de obras. A planta idealizada pelo então prefeito da cidade contemplava ruas mais largas, de acordo com os ditames da urbanística moderna. Além disso, nesse processo “civilizatório”, foram sendo introduzidos novos meios de locomoção, como os bondes e, também novos modos de vestir, pensar e agir, o que era veiculado pela imprensa.

Nascia na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro uma nova cidade, que carregava em seu interior “velhos” problemas. A cidade não tinha saneamento básico, muitos morriam acometidos com diversas doenças infectocontagiosas como a varíola. Esta foi o “estopim” para o governo iniciar, encabeçada por Oswaldo Cruz, uma campanha de vacinação em massa obrigatória.

Paralelo à campanha de vacinação, iniciou-se o processo de urbanização do centro da cidade e da zona portuária, que gerou uma série de remoções (exclusões), demolições, segregação e “apagamento” da população que ali mantinha residência. As regiões do entorno do porto precisavam ser “embelezadas” para os turistas, e para isso cortiços que abrigavam muitas famílias foram demolidos. Havia uma preocupação em “dar fim” à infestação de ratos na localidade, e usava-se issocomo desculpa para desapropriar e demolir.

Toda a movimentação que acontecia pelas obras de urbanização encontrou o seu estopim nas “revoltas” contra a campanha de vacinação obrigatória. O discurso do governo era de que as pessoas estavam se rebelando contra a vacinação, quando na verdade se rebelavam contra as condições às quais eram submetidos. Sobre esse processo Nascimento (2015) escreveu que

Na ironia cortante das crônicas jornalísticas, a cidade harmônica e ideal do planejamento burguês é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, sendo o palco de grandes movimentos políticos e sociais.

O “*bota abaixo*” resultou na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços. As ordens de despejo criaram uma verdadeira febre de demolição que levou os cidadãos a protestos, diante do autoritarismo do governo. Situação semelhante à obrigatoriedade da vacina, as desapropriações eram embasadas num discurso cientificista, onde se tentava convencer os cidadãos de que suas casas estavam infectadas por bactérias. (NASCIMENTO, 2015, p. 6).

Todo esse cenário eclode tendo como pano de fundo a “Belle Époque” brasileira, que vinha como uma das promessas do avanço e das inovações tecnológicas para o país.

Embora os jornais enfatizassem que a Revolta constituía uma simples recusa da população à vacina, torna-se importante destacar que, na verdade, ela abarcava uma série de reivindicações para a “criação de redes de água e esgoto, e a presença de um ambiente em que não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e trabalho.” (NASCIMENTO, 2015, p. 7)

Entendendo que a Belle Époque estava atrelada ao progresso e às transformações urbanas sociais e culturais, os jornais tratavam a Revolta como um processo que colocaria em xeque a modernização e por esse motivo, foi abordada como um movimento de “arruaça”, sendo fortemente reprimida. Alguns periódicos, como “O Malho” trazia charges, e textos, em que era possível notar o teor de “medo” encrustado no ideário popular acerca das consequências de participar do movimento contrário ao governo.

Tal deslegitimação acaba por colocar a população como inimiga do progresso, e portanto, passível de ser reprimida. A repressão era violenta, causando muitos mortos e feridos, além de desaparecidos e deportados. Sobre tal repercussão vejamos o que retratavam dois periódicos cariocas.

O jornal **Gazeta de Notícias**, de 20 de novembro de 1904 trazia uma crônica escrita por Olavo Bilac que demonstrava o quão aterrorizante era para o trabalhador estar inserido naquele período de intensas lutas políticas. Se por um lado havia a luta legítima daqueles que viam seus direitos e moradias sendo-lhes retirados, por outro havia a luta daqueles que acreditavam que aquela forma de vida e trabalho era o que impedia o país de se modernizar.

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...).

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz. (BILAC, Olavo. **Gazeta de notícias**, 1904. n. 325, p. 1).



Outra fonte importante da época, a Revista “Kosmos” tratou do assunto com um texto dedicado exclusivamente para falar das artes e da Revolta, intitulado essa última como um movimento de “desordeiros”. Destacamos o seguinte trecho:

No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analfabetos são legião. E não ha "povo, onde os analfabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi também obra dos ignorantes, explorados criminosamente pelos astutos. E não sei bem para que servirá dar avenidas, arvores, jardins, palácios a esta cidade, —se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilização, o que é hygiene, o que é dignidade humana. Dir-me-ão que, em todos os paizes da terra, ha rebeliões e motins. Haverá; mas não ha um só paiz civilizado em que a rebelião se manifeste com a grosseira brutalidade e a estúpida organização com que se manifestou aqui. Em primeiro lugar, os levantes mi litares só se vêem na America do Sul, onde, pela falta de educação cívica dos povos, a espada se transformou, de defeza de fronteiras em imposição de governo interno. E, pondo de parte o levante militar (que foi uma das phases apenas da revolta), — em nenhum outro paiz da Europa e da America os arruaceiros descarregariam a sua cólera sobre as arvores inòrfensivas... Eu, por mim, odeio todos os actos violentos e todas as manifestações da força bruta: mas, entre uma revolução sangrenta e feroz, e uma revolução apenas ignóbil e irracional, sempre preferiria a primeira. (BILAC, 1904, Kosmos, p. 3-4)

O trecho destacado demonstra o processo de deslegitimar a reivindicação popular, colocando-a somente como um caso de falta de ordem e desrespeito. Embora se destacasse nos jornais a importância das reformas na cidade, o processo de “embelezamento” se à custa do aumento das desigualdades sociais, da expulsão da população pobre para as áreas mais afastadas do centro urbano, entre outros. Há que se ressaltar que o “bota abaixo” foi um processo de marginalização das camadas menos favorecidas da sociedade carioca. Bilac resalta que a forma como as reivindicações foram feitas eram grosseiras e desorganizadas, o que faz com que essas reivindicações percam a sua legitimidade perante o “poder público” que apenas trata o movimento como mais um “caso de polícia”, ou seja, utiliza-se de força policial para reprimir e silenciar o povo. Sobre isso Brito Broca escreveu que

... os requintes da civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a ‘cidade’, os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples - antagonismo de que a obra de Lima Barreto constituiria uma admirável ilustração. (BROCA, 1956, p. 5-6)

Entende-se, a partir das palavras de Broca (1956) que as reformas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro evidenciaram uma crescente sociedade burguesa que ascendia em detrimento de uma sociedade que passava a viver à margem, nas periferias. O autor destaca também que nesse mesmo subúrbio surge uma pequena burguesia, de costumes simples, porém com uma condição financeira melhor do que a grande maioria que ali passara a viver.

Em contra partida, Broca destaca que os conflitos sociais que surgiram a partir das reformas em andamento na cidade foram importantes emblemas que contribuiriam, mais tarde, para a compreensão e percepção da forma que a sociedade reagiu às políticas públicas governamentais implementadas.

Hardman (2006) abordou em seus estudos a existência de duas polaridades convivendo no período das reformas. Duas polaridades que, segundo o autor, colocam em contraponto duas visões de mundo distintas. Essas imagens apontadas pelo autor aparecem de forma contundente nas imagens satíricas das charges impressas nos jornais da época. Nas palavras do autor

... de um lado, um polo *enfórico-diurno-iluminista*, lugar da adesão plena e incontida aos valores próprios da civilização técnica industrial [...] responsável pela produção de certas utopias tecnológicas futuristas; e de outro lado [...] um polo *melancólico-noturno-romântico*, lugar por excelência da rejeição, às vezes sob o signo da revolta, [...] do mundo fabricado nas fornalhas da revolução industrial, figurando imagens emblemáticas de máquinas satânicas e criaturas monstruosas [...] de tradição anticapitalista e anticivilização moderna própria do romantismo. (HARDMAN, 2006, p. 292)

As duas faces da mesma moeda da Belle Époque colocam em evidência, mais uma vez, as reivindicações populares, seja por saudosismo e medo do futuro, seja por não aceitarem os processos de marginalização da população pobre da cidade. Compreende-se que sempre havia quem resistisse ao processo de modernização da Belle Époque. Para esses, como já destacado artigo anteriormente, havia “grave castigo” por se colocarem avessos à ordem vigente. Sem dúvida, o mais cruel desdobramento da Revolta da Vacina foram os desterros para o Acre. A imprensa carioca trouxe cotidianamente crônicas que deram conta da prisão e do embarque de revoltosos e não revoltosos.

No recorte abaixo é possível destacar na forma de charge a representação do “medo” das deportações, entre outras consequências para aqueles que eram “capturados” em reivindicações contra o processo de modernização em andamento na cidade do Rio de Janeiro. A charge traz o título “Pitadas de juízo” como forma de, indiretamente, dizer que quem tivesse juízo não ousaria participar de tais atos. Ainda nessa charge, nota-se o tom de comicidade que tentam transpassar para o leitor. (O Malho, nº116, p. 28)



Ressalte-se que as charges publicadas sobre o assunto abordavam o tema de forma risível, conforme mencionado anteriormente.

Considerações finais

O presente trabalho buscou evidenciar alguns aspectos da Revolta da Vacina no cenário jornalístico, bem como seus desdobramentos no cenário social e político da sociedade brasileira.

O resgate de registros dos periódicos da época, demonstram que para além de lutar contra a obrigatoriedade da vacinação, a população se revoltou contra a política higienista de Pereira Passos que consistia numa “limpeza” social das regiões centrais da cidade, equiparando a capital federal com as modernas cidades da Europa.

A reforma urbana do Rio de Janeiro consistiu na derrubada de moradias que, por consequência, gerou um intenso e grave desdobramento: inúmeros desabrigados que passariam a viver à margem da margem da sociedade. A falta de um projeto urbanístico que contemplasse a todos os moradores da cidade fez com que grande parte dos moradores da cidade fosse retirada de suas casas, sem ter para onde ir.

A Revolta da Vacina, um dos desdobramentos das reformas de Pereira Passos, ganhou algum destaque no cenário jornalístico por marcar o conflito entre a população insatisfeita com as políticas e reformas propostas. A Revolta foi muito importante para entender o cenário em que se desenhou a Belle Époque carioca, espaço que se destacou pelo intenso movimento em busca de uma modernidade que, ao mesmo tempo, produziu um imenso hiato entre as camadas sociais da cidade.

O período que compreende a Revolta da Vacina foi marcado por conflitos que deixaram muitas mortes e feridos, além de desaparecidos e centenas de deportações para o Acre, território então recém-anexado ao Brasil. A saúde pública foi tratada como um caso de polícia, a população sofreu dura repressão por reivindicar melhores condições de vida, trabalho e moradia.

Os jornais da época trataram o caso como coisa de “arruaceiros” que desejavam desestabilizar a ordem, e com isso, legitimaram a intensa e violenta repressão policial para com os revoltosos. Alguns deslegitimaram as reivindicações da população, ao classificar a revolta apenas pela recusa à vacinação compulsória, camuflando o que acontecia em seu interior.

Ainda há muito a ser estudado sobre esse tema, visto que aqui só foram elencados alguns pontos importantes decorrentes da leitura de alguns periódicos da época. Destacando a importância de se fazer levantamento aprofundado sobre o trabalho de Osvaldo Cruz e o processo de sanitização da cidade, a fim de compreender melhor as questões sanitárias do país e suas raízes.

Alguns desdobramentos das Revoltas também se apresentam como importantes questões para debate estudo, dentre eles as mortes, desaparecimentos, a vida no Acre.

Entende-se, portanto, que o presente artigo marca o início de um processo de estudo historiográfico sobre a imprensa brasileira e, também, sobre como a vida impacta a literatura e as artes.

Referências

- BERMAN, Marshall. Introdução: Modernidade - ontem, hoje, amanhã. In:_____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. São Paulo: Mec, 1956.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CRESPO, Daniele dos Reis. **O cotidiano da repressão policial no Rio de Janeiro da Belle Époque (1902-1906)**. In: Anais do I Colóquio do LAHES (Laboratório de História Econômica e Social – UFJF). Juiz de Fora. Disponível em <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a15.pdf> Acesso em 18/01/2020.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros, Lima Barreto: o intelectual, a cidade e a nação. In:_. **Belle Époque: efeitos e significações**. Rio de Janeiro. Abralic. 2018, p. 146. Disponível em <http://www.abralic.org.br/downloads/e-books/e-book05.pdf>. Acesso em 02/02/2020
- GUEDES, Carla Ribeiro. A Saúde Pública no início do século XX no Rio de Janeiro: intervenções de Oswaldo Cruz. In: PINHEIRO, Luís da Cunha e RODRIGUES, Maria Manuel Marques. **A Belle Époque Brasileira**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 65. Disponível em https://issuu.com/clepul/docs/belle_epoque_brasileira Acesso em 02/02/2020
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: A vingança da Hileia. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NASCIMENTO, Luciana Marino. Outras faces da belle Époque: crônicas da Revolta da Vacina. In: **Todas as Letras**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 95-109, nov. 2014 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n2p95-109> Acesso em: 02/02/2020
- NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras., 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a “pátria dos proscritos”**: prisões e desterros para as regiões do Acre em 1904 e 1910. Curitiba: Universidade Federal do Paraná/UFPR, 2010. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25502/Tese%20em%20PDF%20-%20Francisco%20Bento.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 10/12/2019.
- VAZ, Arthur Emílio Alarcon. A importância da divulgação de fontes primárias na internet. In:.; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Literatura em revista (e jornal)**. Periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Pos-Lit; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. p. 9-26.

Periódicos consultados

- GAZETA DE NOTÍCIAS**. 1904/1905. Números 103, 104, 106, 325. Periódico Per 103730_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- O MALHO**. 3 dez. 1904. Número 116, Per. 116300_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- O PAIZ**. 13 nov. 1904. Número 104, Per.104450_1904 Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.
- REVISTA KOSMOS**. Nov. 1904. Números 117, 146, Per. 0668000_1904. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

A EXPERIÊNCIA DO CURSO REFLEXÕES SOBRE LITERATURA E MULHER NA UFSC – JOINVILLE

Pedro Albeirice da Rocha³¹

Karina Carvalho Moraes³²

Resumo

O curso de extensão Reflexões sobre Literatura e Mulher ocorreu na UFSC, em Joinville, com os objetivos de fomentar o conhecimento e estabelecer a discussão de obras de autoria feminina, com um total de 60 horas. Como metodologia, foi utilizada a leitura e discussão de obras literárias. Em nível teórico, as principais obras discutidas foram *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir e *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf. As leituras foram aplicadas a diversos textos de autoria feminina, com a coordenação de Pedro Albeirice da Rocha e ampla participação discente.

Palavras-chave: mulher, literatura, discussão.

Resúmen

El curso de extensión "Reflexiones acerca de Literatura y Mujer" tuvo lugar en la UFSC, en Joinville, con el objetivo de fomentar el conocimiento y establecer la discusión de obras de mujeres, con un total de 60 horas. Como metodología, se utilizó la lectura y discusión de obras literarias. A nivel teórico, los principales trabajos discutidos fueron "The Second Sex" de Simone de Beauvoir y "A Roof of One's Own", de Virginia Woolf. Las lecturas fueron aplicadas a varios textos escritos por mujeres, con la coordinación de Pedro Albeirice da Rocha y una amplia participación estudiantil.

Palavras clave: mujer, literatura, discusión.

Introdução

O curso de extensão *Reflexões sobre Literatura e Mulher* teve lugar na Universidade Federal de Santa Catarina, campus de Joinville, de 22 de setembro a 1º de dezembro de 2017, tendo como alvo a comunidade interna e a externa. As aulas transcorreram sob a responsabilidade do docente Pedro Albeirice da Rocha, então atuando na UFSC através de contrato de colaboração técnica entre esta instituição e a Universidade Federal do Tocantins.

O objetivo geral do curso foi “refletir acerca da escrita feminina e sua inserção na sociedade”. Mais especificamente, buscou-se fomentar o conhecimento de obras de autoria feminina, bem como estabelecer discussões a respeito das mesmas. 23 estudantes concluíram o curso.

A tarefa “impossível”

A Universidade Federal de Santa Catarina, na esteira da interiorização do ensino superior promovida pelo Governo do País na primeira década do século, estabeleceu-se em mais quatro *campi*, além da unidade central, que fica na Trindade, Florianópolis: Curitibaanos, Araranguá, Blumenau e Joinville.

OBS. Texto publicado nesta revista na seção especial, e ora republicado nesta coletânea.

³¹ Professor - Letras - Universidade Federal do Tocantins – Araguaína

³² Acadêmica - Engenharia de Transportes e Logística - Universidade Federal de Santa Catarina - Joinville

No caso da chamada *Manchester Catarinense*, até pela sua pujança industrial, ganhou corpo a ideia de que, ali, seria instalado um campus voltando às Engenharias, ou seja, com um viés eminentemente tecnológico. Tendo começado suas atividades nas dependências da Univille, o campus migrou, num primeiro momento, para os bairros América e Santo Antônio, vindo a instalar-se, em 2017, no *Perini Business Park*, entre a sede do município e o distrito de Pirabeiraba.

A vocação pela área técnica é tão presente, que a unidade é menos conhecida como *Campus de Joinville*, consolidando-se, cada vez mais, o nome do Centro como elemento identificador: CTJ – Centro Tecnológico de Joinville.

Apesar de uma certa resistência ao mencionar sua ideia, o idealizador do Curso levou a efeito seu ideal de contribuir para a disseminação das discussões humanísticas no Campus. Passou-se a compulsar bibliografia e preparar os trâmites burocráticos para a implantação.

A metodologia dos trabalhos

Após campanha de matrículas, as aulas tiveram início na Unidade da Rua João Colín, divisa dos bairros América e Saguazu. A sala, com capacidade para 25 a 30 alunos, ficou lotada.

Logo de início, foi anunciado que o curso homenagearia a memória da professora e pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, que pertenceu aos quadros da UFSC, na Capital. Seu trabalho a respeito da escrita feminina tem reconhecimento nacional.

Os textos, teóricos, poéticos e ficcionais foram providenciados pelo docente e pelos estudantes, em apostilas ou PDF. Utilizaram-se, amplamente, os recursos *multimídia*, com projetor acoplado à rede mundial de computadores.



Figura 1 – Aula do curso de extensão *Reflexões sobre Mulher e Literatura*
Fonte: Luiz Alberto, 2017.

A cada semana, os cursistas liam um texto teórico e outro ficcional ou poético, preparando-se, assim, para a discussão em grupo. Além dos textos, eram intercaladas canções cujas letras viabilizassem a discussão do papel da mulher.

A avaliação foi realizada com base no envolvimento e participação dos estudantes.

A preocupação com a teoria

Para as reflexões teóricas sobre a escrita feminina, foram compulsadas algumas obras. Levou-se em conta a não iniciação de boa parte do público, a maioria discentes de cursos tecnológicos e não necessariamente iniciadas na discussão sobre gênero.

Também levou-se em conta que se tratava de um curso inicial, sem a pretensão de realizar discussões aprofundadas sobre a temática. Ao mesmo tempo, existiu a preocupação de que o curso não fosse por demais superficial. A busca desse equilíbrio permeou o período de pesquisa sobre a bibliografia teórica a ser utilizada.

A conferência de Virginia Woolf

A principal referência estrangeira foi a obra *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, que recebeu esse enfoque especial, devido ao prestígio acadêmico de que tem desfrutado desde sua publicação. Trata-se de uma conferência realizada em 1928, na Inglaterra, na qual são debatidas as condições necessárias às mulheres para lograrem êxito como escritoras. Antes de serem iniciados os debates sobre a obra em si, foi proposto refletir-se sobre a tradução do título da obra, que em inglês se chama *A room of one's own*. O título na edição brasileira ficou mais poético, em relação ao mais direto *O quarto próprio*, este publicado em Portugal.

Woolf reflete sobre a condição das mulheres ao escrever. Por que motivo as mulheres, ao longo do século, renderam personagens fortes e interessantes, mas não se tornaram autoras? Que condições tiveram (ou não tiveram) as mulheres para produzir obras literárias? A obra se constituiu como um exercício de imaginação intenso, com reflexões abundantes a respeito da escrita feminina e, em especial, das condições de produção a que eram relegadas, historicamente, as mulheres.

Essa reflexão inicial pareceu a mais pertinente para aquecer as discussões sobre o fazer literário feminino.

Educai as mulheres

Causa surpresa o desconhecimento que existe, no mundo acadêmico e extramuros, a respeito daquela que é, talvez, a grande pioneira do feminismo no Brasil. Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1875), escreveu inúmeras obras em defesa das mulheres, negros, indígenas e outras minorias. Foi educadora e escritora.

A bandeira da igualdade entre gêneros foi sempre seu mote, mas não o único. Seu trabalho como educadora foi considerado como repleto de ações á frente de seu tempo. Ela é considerada a primeira feminista do Brasil.

Para o curso em questão, foram abordados excertos de duas obras: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* (1832) e *Opúsculo Humanitário* (1953). A primeira é uma *tradução livre* que a autora realizou do livro de Mary Wolstonecraft (1759-1797), *A vindication of the rights of woman* (1791).

As reflexões foram conduzidas principalmente, tendo como ponto de partida a frase de Nísia Floresta, “se queres modificar o mundo, educaí as mulheres”. As condições de opressão que vivenciaram as mulheres nos séculos XVIII e XIX foram amplamente discutidas.

Outros textos não ficcionais

Na fundamentação teórica do curso, aparecem textos diversos e abriu-se para a contribuição dos estudantes, também, nesse quesito. Mas, pela exiguidade de tempo do curso, optou-se por três textos principais.

O primeiro deles foi o livro *O poder do macho* (1990), de Heleieth Saffioti, vazado numa linguagem de fácil compreensão e destinado aos estudantes jovens. Mas, engana-se quem pensa que se trata de algum livro desprovido de qualidade. A pesquisa, bem séria, levada a efeito pela intelectual em questão, redundou numa obra de impacto, mostrando com fartura de exemplos as relações de poder que permeiam as relações homem/mulher na sociedade, especialmente a brasileira.

O segundo livro a ser observado foi *Mulher, objeto de cama e mesa*, opúsculo de Heloneida Studart, objetivo e ilustrado, contendo interessantes informações a respeito da questão feminina e da influência do sexismo na sociedade.

Mereceu atenção, ainda, o texto *Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer?* da professora Tânia Regina Oliveira Ramos, publicado na edição 101 da Editora Tempo Brasileiro. A abordagem é sobre os diários que as meninas tradicionalmente escreviam e para onde, supostamente protegidas pelo cadeado, enviavam seus desabafos.

O momento de reflexão sobre a teoria foi muito interessante, pois, a partir das ideias de mulheres que escreveram sobre o machismo, viabilizou-se discutir questões afins atinentes a nossa sociedade, ao nosso cotidiano. As vitórias das mulheres foram abordadas e foi possível perceber como se deve agir para diminuir o preconceito contra as mulheres. Mas, perceber essas questões na teoria e na história, ainda era pouco. Por isto, a expectativa sobre os textos de mulheres vinha sendo grande, desde o início do curso.

Ficção femininda

No terreno da ficção, buscou-se privilegiar autoras cuja escrita feminina tem sido reconhecida pela beleza e capacidade de abordar o universo da Mulher. As principais autoras estudadas foram:

Katherine Mansfield

O conto *Bliss*, talvez o mais conhecido da escritora neozelandesa, é um ícone da escrita feminina. A palavra é considerada de difícil tradução, tendo o escritor Érico Veríssimo optado pelo vocábulo *felicidade*, em português. Entretanto, há quem prefira a palavra *êxtase*.

Em *Bliss*, refletiu-se a respeito da condição de Berta Young (sobrenome que é, ao pé da letra, *jovem*). Aos trinta anos, ela possuía aquilo que faria uma mulher de sua classe feliz: casa boa, marido, uma filha, elegantes amigos. Porém, havia situações que a tiravam do seu *êxtase*, do seu *bliss*, levando-a a uma realidade não tão feliz.

Marina Colasanti

Essa autora brasileira é uma das mais lembradas quando o assunto é literatura de mulher. São inúmeras as suas obras com abordagem feminina, tendo-se optado, no caso do Curso, pelo livro tido como literatura infantil chamado *Uma ideia toda azul*.

Trata-se de uma coleção de narrativas curtas, num universo que guarda analogia com os contos de fadas. A metáfora do encerramento da Mulher no castelo e a da liberdade do homem na floresta caracterizam-se como recorrentes nos contos do livro.

Dentre os contos estudados, destaca-se *Além do bastidor*, no qual a castração patriarcal imposta à Mulher se mostra marcadamente presente no enredo.

Clarice Lispector

Toda a obra clariceana se presta a reflexões a respeito do universo feminino.

Para o Curso, foi escolhido o texto *Devaneio e embriaguez duma rapariga*. A narradora é uma portuguesa de comportamento tradicional, que se permite libertar em um jantar regado a álcool, ao menos pelo pensamento, expresso no fluxo de consciência.

O resultado é emblemático a respeito do encerramento feminino sob a “proteção” patriarcal, alimentando o debate a respeito da condição repressora da sociedade sexista.

Poesia de mulher

Para representar o universo feminino na Poesia, foi escolhida a poeta fluminense Ana Cristina César, autor de *A tens pés*, livro que a consagrou na literatura brasileira.

Ana Cristina, que morreu com pouco mais de trinta anos, deixou seu nome gravado tanto pelos seus poemas quanto pelo seu trabalho de tradução e de crítica a respeito da tradução. Sua obra poética é situada entre o ficcional e o autobiográfico.

Ana Cristina foi uma das mais emblemáticas representantes da chamada *poesia marginal*, florescente na década de 1970 do século passado. O destaque está na singularidade de seus poemas, conjugando prosa e poesia, o íntimo e o universal, o masculino e o feminino. Encarna em seus poemas a mulher moderna, capaz de falar abertamente de seu corpo e de sua sexualidade.

A escolha de Ana Cristina, e somente ela, se deu pela exiguidade do tempo, pois há outras poetas muito interessantes para o estudo.

Conclusão

Realizar o curso *Reflexões sobre Mulher e Literatura* num campus eminentemente tecnológico constituiu um desafio aos estereótipos, que se conclui plenamente vencido. Foi possível chamar a atenção, mais do que para a escrita feminina, para o papel da mulher na sociedade.

Registre-se que, a partir da análise da ficção e da poesia, fomentou-se o debate sobre questões sociológicas, históricas e antropológicas em relação à mulher. Uma das temáticas que mais se discutiu foi a questão do feminicídio e também a da luta pelos direitos e igualdade.

O impacto na comunidade acadêmica foi positivo, suscitando o desejo da realização de mais cursos com temática afim, o que foi interrompido pelo término do contrato de colaboração técnica entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal do Tocantins, convênio que possibilitou, por dois anos, a atuação do professor Pedro Albeirice da Rocha no Centro Tecnológico da UFSC, campus universitário de Joinville.

Referências

- CÉSAR, Ana Cristina. A teus pés. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiças dos homens. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. Laços de família. São Paulo: Rocco, 1998.
- MANSFIELD, Katherine. Felicidade. In Felicidade e outros contos. Rio de Janeiro: Revan Editora, 1991.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Meninas atrevidas, o que é que não vão dizer? Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, s.d.
- SAFFIOTI, Heleielth. O poder do macho. São Paulo: Scipione, 1990. STUART, Heloneida. Mulher, objeto de cama e mesa. Petrópolis, Vozes, 1989. WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.